

andar **LH** Agem n.º 6



FICHA TÉCNICA

andarILHAgem

www.azores.gov.pt

Propriedade e edição:

Presidência do Governo Regional dos Açores
Secretário Regional da Presidência
Direcção Regional das Comunidades

Director:

Rita Machado Dias

Coordenação:

Álamo Oliveira

Redacção:

Paulo Teves
Raquel Rodrigues

Tradução:

Americonsulta

Concepção gráfica:

Rui Melo

Impressão:

Nova Gráfica

Periodicidade:

Semestral
Dezembro 2009



Governo dos Açores

Presidência do Governo

DIRECÇÃO REGIONAL DAS COMUNIDADES

FAIAL

Rua Cônsul Dabney
Colónia Alemã - Apartado 96
9900-014 HORTA
Telef.: (351) 292 208 100
Fax: (351) 292 391 854

TERCEIRA

Rua do Palácio, S/N
9700-143 ANGRA DO HEROÍSMO
Telef.: (351) 295 403 630
Fax: (351) 295 214 867

SÃO MIGUEL

Edifício Boavista, R/C Dt.º, 6B,
Grotinha
9500-782 PONTA DELGADA
Telef.: (351) 296 204 811
Fax: (351) 296 284 380

E-mail: drc@azores.gov.pt

ÍNDICE

VENTOS C/NOTÍCIAS ■

- 06
Editorial
- 07
Direcção Regional das Comunidades
Factos do semestre
- 10
Regional Department for the Communities
News
- 13
Escritas dispersas
Convergência de afectos
(reportagem fotográfica)
- 17
Casa dos Açores Ilha de Santa Catarina
10 Anos promovendo a Cultura Açoriana
(1999–2009)
- 21
Casa dos Açores on Santa Catarina Island
10 Years of promoting Azorean culture
1999-2009
Lélia Pereira da Silva Nunes
- 25
Casa dos Açores da Nova Inglaterra
– subsídios para a história da CANI
– fundada em 1982
- 28
The Casa dos Açores in New England
Information on the history of the CANI
– founded in 1982
João Carlos Tavares
- 31
A migração para o Havai
- 36
The migration to Hawaii
*John Henry Felix, Ph.D.
& Peter F. Senecal, Ph.D*

■ MARÉS DE TODOS OS MARES

- 44
Dinâmicas imigratórias nos Açores:
associativismo e condicionantes arquipelágicas
- 47
Dynamics of Immigration in the Azores:
associativism and constraints in the archipelago
Derrick Mendes
- 50
Para saber-se açoriano basta olhar de fora?
- 53
Realizing you're azorean
by looking from the outside in
Manuel Henrique Faria Ramos
- 56
Viagens, o viajante e o tema das viagens
na literatura açoriana
- 67
Travelling, the traveller and the journey theme
in azorian literature
Carmen Ramos Villar

■ ALGAS SONHOS TRANSPARÊNCIAS

- 80
Música em viagem (reportagem fotográfica)
- 83
Entre a ilha e a saudade (Emoções de cão)
José Francisco Costa
- 87
My californian friends
Vasco Pereira da Costa
- 89
Lugares
Álamo Oliveira
- 90
Antonio Rubilar Ferreira Leão (fotografia)



ventos c/ notícias



EDITORIAL



À beira de um novo ano, é possível investir esperança num amanhã mais consistente em termos socio-económicos e, por conseguinte, numa mais sólida convivência cultural. As migrações, com o seu persistente movimento social, animam essa convivência, fazendo com que as comunidades escolham o seu «modus vivendi» de acordo com as suas apetências e ambições no futuro. Começa a ser lugar comum falar-se de globalização como fenómeno incontornável na anulação de fronteiras psicossociais, pois as geográficas, desde há muito, deixaram de constituir motivo de afastamento. Até as línguas – elementos relevantes na identidade dos povos – passaram a ser mais estimadas pelo seu contributo para a diferenciação da referida identidade. Apesar da tentação exercida pelas línguas «colonizadoras» para a opção de uma só língua sob a desculpa do universal, nunca, como agora, a universalidade melhor se afirma e se confirma nesse «bouquet» de diferenças. Só a pressão dos sistemas económicos é que continua a impor a prática de uma língua única, de discurso árido e raciocínio pragmático.

Vem isto a propósito (ou nem tanto) da problemática decorrente da utilização da língua de origem das comunidades migrantes nos países de adopção, para apurar como essa língua sobrevive através da escrita criativa. O encontro designado «Escritas Dispersas – Convergência de Afectos» mostrou que haverá sempre interesse por especificidades socioculturais, mesmo quando parece confinado a curiosidades de cariz étnico; e mostrou, sobretudo, como a dispersão pode ser e é motivo de convergências, mesmo quando se mora em parte longínqua do mundo. Apesar das dificuldades que foram apontadas, não deixou de ser gratificante verificar como a literatura açoriana marca presença significativa nos países de migração tradicional, nomeadamente, as Américas. Mas refira-se, pela sua crescente implementação, os novos países do Leste europeu, e outros da Europa e da Ásia.

Que 2010 seja, para todos, um ano propício à andariagem das ideias e dos afectos, na perspectiva animadora de um mundo mais justo e mais solidário.

Now that the new year is almost upon us, it is time to place our hopes in a more solid future, socio-economically speaking and more well-grounded cultural exchange as a result. Migration, the source of ongoing social movement, enlivens such exchanges and leads communities to choose a lifestyle in accordance with their desires and ambitions for the future. It is now commonplace to talk about globalization as an unavoidable phenomenon that erases psychological and social boundaries. Geographical boundaries were done away with a long time ago and no longer serve to keep people apart. Languages, so crucial to a population's identity, are now held in higher regard since they contribute to the diversity of cultural identities. And despite the draw of “colonizing” languages, which argue the need for a lingua franca if mankind is to achieve universality, never before has universality been more evident and more stark than in the patchwork of cultural diversity we constantly witness. Nowadays, only economic systems have continued to lobby for a single language solution, using worn-out arguments and a rationale based solely on pragmatic concerns.

This is all apropos of the issue of using the immigrant community's native language in the host country to determine how the language survives in creative writing. The gathering that was held, called “Far-Flung Writing – Convergence of Feelings”, proved that there will always be an interest in sociocultural specifics, even when the interest is confined to seemingly lesser curiosities of an ethnic nature. It also showed, above all, that the far-flung can serve to spark a re-encounter, even for people who hail from the most distant corners of the earth. Despite all the stumbling blocks pointed out by the participants, it was still gratifying to learn that Azorean literature is still, to a great degree, making its presence felt in traditional immigration destinations such as the Americas. But we should also note that it is also gaining a foothold in other European countries, including Eastern Europe, and Asia.

Finally, here's hoping that 2010 turns out to be a year in which all of our ideas, ambitions and feelings can roam free, and a year that heralds the beginning of a more just and fraternal future.



DIRECÇÃO REGIONAL DAS COMUNIDADES

Factos do semestre



«Música em Viagem» foi a designação dada ao «workshop» que reuniu, em Angra do Heroísmo, oito músicos-intérpretes de instrumentos de sopro, sob a direcção do Maestro Antero Ávila. Os participantes vieram dos Estados Unidos da América (David Costa e Mário Capote, da Califórnia, e John Feitor, da Costa Leste); do Canadá, (Maria Carreira – Manitoba – e Joe Resendes, do Ontário); do Brasil (Carlos Bertão – Rio de Janeiro); e da Terceira (Rodrigo Lima e Paulo Borges).

Desenvolvido de 12 a 20 de Julho/09, este «workshop» proporcionou a realização de três concertos nas cidades de Angra do Heroísmo, Horta e Ribeira Grande.

Foi o quarto «workshop» que a Direcção Regional das Comunidades promoveu dedicado às artes e ocupando artistas vindos da diáspora açoriana.

(Ver reportagem fotográfica nesta revista).

O Secretário Regional da Presidência, André Bradford, recebeu em audiência, no dia 20 de Julho/09, no Palácio da Conceição, o Presidente do «Metropolis Project», do governo canadiano, dr. Howard Duncan.

A Conferência Metropolis de 2011 vai realizar-se em Ponta Delgada, conforme aprovação, dada à candidatura apresentada pelos Açores, pelo International Steering Committee. Para esta decisão, foram tidas em consideração a importância das migrações açorianas no contexto mundial, as particularidades da insularidade,

bem como o interesse crescente que esta temática vem a conhecer nos Açores.

O Projecto Internacional Metropolis consiste num conjunto de actividades coordenadas, levadas a cabo por um grupo de instituições de investigação, organizações políticas e não governamentais que partilham uma visão de fortalecimento da política migratória através da investigação académica aplicada.

A parceria Metropolis, que se estende actualmente a mais de 20 de países, assenta na importância da sua ideia fundadora. Essa ideia consiste na promessa de uma actuação política mais eficaz, assente em práticas de investigação socialmente relevantes e numa colaboração internacional entusiástica, visando objectivos comuns que congreguem as pessoas em torno do Metropolis, com vista a transformar a sua ideia num projecto concreto.

A média de participação nesta Conferência situa-se entre 800 a 1000 pessoas, vindas de todo o mundo, englobando políticos, investigadores, académicos e estudantes.

As direcções regionais das Comunidades e da Juventude realizaram, na cidade de Ponta Delgada, de 5 a 7 de Setembro, o Encontro de Jovens/2009, sob o tema «O reforço do papel da juventude nos Açores e nas Comunidades»

Tem-se pretendido, com esta iniciativa, proporcionar a reflexão e o debate aos jovens oriundos das Comunidades, aproximando-os do movimento associativo juvenil dos Açores, bem como traçar linhas orientadoras a curto, médio e longo prazos.

Neste Encontro, onde estiveram presentes cerca de 60 participantes (jovens pertencentes a associações dos Açores, Portugal continental, Bermuda, Brasil, Canadá e Estados Unidos da América), foi apresentado o Portal Nova Geração, realizado por um grupo de seis jovens a representarem os Açores e cada uma das comunidades.

O programa apresentou diversos painéis, nomeadamente: «O trabalho em rede como resposta a desafios comuns»; «Associativismo»; «Participação

cívica e política nas sociedades» e «As potencialidades dos Açores/ Comunidades», onde oradores das comunidades deram o seu contributo ao debate.

Durante o Encontro, foi criada a Plataforma de Entendimento Jovem Açores Comunidades, uma plataforma internacional de associações que privilegiam a Açorianidade. Toda a informação desta Plataforma já se encontra disponível em www.pejac.org.

Com sete edições já concretizadas, estes encontros de jovens têm permitido uma maior aproximação da juventude luso-descendente à terra de seus pais, criando sinergias e dinamizando o movimento associativo açoriano nas Comunidades.



O Governo Regional dos Açores, através da Direcção Regional das Comunidades, participou na «14th International Metropolis Conference», que se realizou em Copenhaga, de 14 a 18 de Setembro de 2009. Contando com mais de 600 participantes vindos de todo o mundo, esteve em foco de reflexão o tema: «Migration and Mobility: National responses to cultural diversity».

A Directora Regional das Comunidades fez parte do «workshop» *The portuguese diáspora: challenges and adjustment*, organizado pelas Universidades de British Columbia e de Lisboa, tendo abordado a caracterização das comunidades açorianas, bem como dar a conhecer o trabalho desenvolvido pelo Governo Regional dos Açores.

Em parceria com a Fundação Luso-Americana, Centro de Estudos Sociais da Universidade dos Açores e Consello da Cultura Galega, a Direcção Regional das Comunidades promoveu, de 14 a 16 de Outubro/09, na cidade da Horta, um colóquio subordinado ao tema «Comunidades Euro-Atlânticas nos Estados Unidos da

América.

Estiveram reunidos na ilha do Faial vinte e dois palestrantes oriundos dos Açores, Portugal continental, Galiza e Estados Unidos da América, com o objectivo de analisarem as questões relativas à emigração da Galiza e dos Açores para a América, o seu contexto histórico, explanando outras perspectivas, ficando relevadas duas realidades e vivências diferentes.

Distribuídos por três painéis, foram tratados os seguintes temas: «Emigração, História e Memória em Portugal e na Galiza», «Comunicação e Emigração nos Estados Unidos», Emigração e Comunicação Social Portuguesa e Galega», «Emigração, Economia e Recursos Humanos nos EUA», Emigração e Inovação: os Novos Desafios para as Relações Atlânticas», «Diplomacia, Cultura e Emigração» e «Experiências Empresariais».

As direcções regionais das Comunidades e da Educação e Formação promoveram a digressão da peça de teatro musicado «Gira-Mundos» nas ilhas Terceira, Faial, Pico, São Jorge e Graciosa, no passado mês de Outubro, dias 19 a 23.

Com produção da Nave do Tempo – Projectos Culturais, Lda., este espectáculo envolveu cerca de 800 alunos, na sua maioria dos 5º e 6º anos. Com esta iniciativa, pretendeu-se apelar ao respeito pelos costumes e tradições de outras culturas, bem como à necessidade de mudança de atitudes face às diferenças culturais, no sentido de haver um maior enriquecimento social e humano.



De 24 a 27 de Outubro/09, realizou-se, na Universidade dos Açores o encontro de escritores, tradutores e divulgadores da literatura açoriana sob

o genérico de «Escritas Dispersas/ Convergência de Afectos». Encontraram-se quantos se sentem comprometidos com a criação literária nos espaços da migração açoriana, com o objectivo de proporcionar a partilha de conhecimentos e motivações para a tradução e divulgação das obras de autor e/ou de temática açoriana; dar lugar à discussão de estratégias editoriais que visem obter maior reconhecimento por parte dos leitores e órgãos de comunicação social; conhecer e melhorar as estratégias de promoção da literatura açoriana junto dos departamentos universitários estrangeiros onde se estude a literatura portuguesa; sugerir apoios destinados à publicação e divulgação dos livros açorianos traduzidos para outros idiomas; fomentar a convivialidade entre todos os participantes, solidificando afectos e compromissos de cooperação.

Este encontro, organizado pela Direcção Regional das Comunidades em parceria com a Universidade dos Açores, reuniu cerca de 80 participantes, vindos dos Açores, Portugal continental, Brasil, Estados Unidos da América, Canadá, Irlanda, Espanha, Alemanha e Letónia.

(Ver reportagem nesta revista).



A sétima edição do programa “Saudades dos Açores” decorreu, de 7 a 14 de Novembro, numa iniciativa da Direcção Regional das Comunidades, em parceria com a Azores Express e a SATA Express.

O programa visou proporcionar aos cidadãos nascidos nos Açores e emigrados nos Estados Unidos da América e Canadá, com 60 ou mais anos de idade e que não tivessem visitado o arquipélago há mais de duas décadas, por motivos de ordem económica, o reencontro com a sua terra natal, bem como o contacto com familiares e amigos.

Este ano, o programa reuniu 13 participantes (seis do Canadá e sete dos EUA), com idades compreendidas entre os 62 e os 79 anos.

Esta iniciativa contou, ainda, com a colaboração de várias instituições de apoio social na América do Norte, como o Centro Abrigo, em Toronto, o SER-Jobs for Progress e o Catholic Social Services, em Fall-River, o Centro de Assistência ao Imigrante em New Bedford, e os centros comunitários portugueses POSSO e VALER, na Califórnia.

De 16 a 27 de Novembro, cerca de 40 pessoas frequentaram o Curso Cidadania e Diversidade Cultural nas Práticas Profissionais, nas ilhas da Terceira e Faial, numa organização conjunta da Direcção Regional das Comunidades e do Instituto Nacional da Administração.

Este curso teve como objectivos a aquisição de conhecimentos e aptidões que permite reforçar a capacidade para viver e trabalhar em ambientes abertos e complexos; sensibilizar para a importância do desenvolvimento de uma cidadania europeia activa e compatível com o mundo, no respeito pela diversidade cultural e com base em valores comuns; integrar nas competências transversais, inerentes à actividade que desempenham junto de comunidades culturais diversificadas, as dimensões da cidadania global e do relacionamento intercultural à luz do direito aplicável, de modo a assegurar soluções integradas e a coerência indispensável à qualidade do desempenho individual e institucional, bem como promover, no âmbito das suas funções, a participação, equilíbrio, justiça e coesão social, num quadro de adequação das respostas das instituições que prestam serviço público à heterogeneidade das pessoas que as procuram.



DIRECÇÃO REGIONAL DAS COMUNIDADES

News



Eight wind musicians led by conductor Antero Ávila were in Angra do Heroísmo to take part in a workshop and subsequent concert tour on the islands. Participating in the initiative dubbed “Música em Viagem” (roughly, “Music on the Roam”) were David Costa and Mário Capote from California, and John Feitor from the east coast; Canadians Maria Carreira from Manitoba and Joe Resendes from Ontario; Carlos Bertão from Rio de Janeiro, Brazil; and Rodrigo Lima and Paulo Borges da Costa from Terceira Island in the Azores. The workshop took place from July 12 to 20, 2009 and paved the way for a three-concert tour in Angra do Heroísmo, Horta, and Ribeira Grande. This is the fourth arts workshop the Regional Department for the Communities has sponsored, featuring artists of Azorean descent from around the world. (See photo report in this issue).

André Bradford, Regional Secretary of the Presidency, formally met with Dr. Howard Duncan, Canadian government official and executive head of the Metropolis Project, on July 20, 2009 at the Conceição Palace. The organization’s International Steering

Committee approved the Azores’ bid to hold the 2011 conference in Ponta Delgada after having acknowledged the importance of Azorean emigration from a worldwide standpoint, the interesting role insularity has played, and the growing interest the Azorean Archipelago has shown in the subject. As a rule, an average of 800 to 1,000 politicians, researchers, academics, and students from all over the world attend each Metropolis conference.

The International Metropolis Project comprises a set of coordinated activities which are carried out by a group of research institutions, political organizations, and NGOs with the shared goal of strengthening immigration policy through applied academic research. The Metropolis partnership, which currently includes more than 20 countries, grew out of one fundamental idea: to promote more effective political action based on socially relevant research and the enthusiastic international desire to collaborate to achieve common goals through Metropolis, which in turn will seek to turn these ideas into concrete projects.

The Regional Departments for the Communities and for Youth held the 2009 Youth Meeting in Ponta Delgada from September 5 to 7. The main topic of the gathering was how to enhance the role of young people both in the Azores and diaspora communities. The initiative aims to spark reflection and discussion among young people from Azorean communities and encourage closer ties between Azorean youth worldwide and youth groups in the Azores, while establishing guidelines for short, medium, and long-term goals. The 2009 meeting involved close to 60 young members of associations in the Azores, Mainland Portugal, Bermuda, Brazil, Canada, and the United States. The gathering also featured the unveiling of the *Portal Nova Geração* (New Generation Website), created by six young people representing the Azores and each one of the diaspora communities.

It also featured a number of discussion forums such as; “Networking- the Answer to Common Challenges,” “Groups and Clubs,” “Civic and Political Participation

in Society,” and “The Potential of the Azores/Communities.” The forums included featured speakers from the communities who contributed valuable input to the discussion. In addition to the other activities, the *Plataforma de Entendimento Jovem Açores Comunidades (Platform for Understanding between Young People from the Azores and the Communities)*, was also set up during the gathering. The Platform is an international organization that encompasses associations promoting “Azoreanity.” Details on the platform can be found on www.pejac.org.

The seven youth meetings that have been held so far have fostered stronger ties between Portuguese descendants abroad and the land of their heritage, while creating synergies and encouraging stronger participation in Azorean groups in overseas communities.

The Regional Government of the Azores, represented by the Regional Department for the Communities, took part in the 14th International Metropolis Conference, held in Copenhagen from September 14 to 18, 2009. With more than 600 participants from all over the world, the gathering focused on the topic “Migration and Mobility: National Responses to Cultural Diversity.” The Regional Director for the Communities took part in the workshop entitled “The Portuguese Diaspora: Challenges and Adjustment,” organized by the University of British Columbia and the University of Lisbon. During the workshop, she provided a description of Azorean communities and discussed the work being carried out by the Regional Government of the Azores.

In partnership with the Luso-American Foundation, the Center for Social Studies of the University of the Azores, and the Consello da Cultura Galega, the Regional Department for the Communities sponsored a colloquium from October 14 to 16, 2009 entitled “Euro-Atlantic Communities in the United States.” The meeting took place on the island of Faial, which was host to 22 speakers from the Azores, Mainland Portugal, Galicia, and the United States. Participants discussed issues involving emigration from Galicia and the Azores to the US and its historical context, while sharing alternate viewpoints and learning about two different types of

realities and experiences.

The following topics were dealt with throughout three panel discussions: “Emigration, History and Memory in Portugal and Galicia;” “Communication and Emigration in the United States;” “Emigration and the Portuguese and Galician Mass Media;” “Emigration, the Economy and Human Resources in the United States;” “Emigration and Innovation: New Challenges for Atlantic Relations;” “Diplomacy, Culture, and Emigration;” and “Corporate Experiences.”

The Regional Departments for the Communities and for Education and Training backed an island-wide tour of the musical “Gira-Mundos,” which was performed for audiences on the islands of Terceira, Faial, Pico, São Jorge, and Graciosa from October 19 to 23 of this year. Produced by Nave do Tempo – Projectos Culturais, Lda., the show involved close to 800 students, most of whom were 5th and 6th graders. The production urges students and the public at large to respect the customs and traditions of other cultures and illustrates how important it is to adjust one’s attitude when meeting people from different walks of life. In short, it promotes social and personal enrichment through the embracing of diversity.



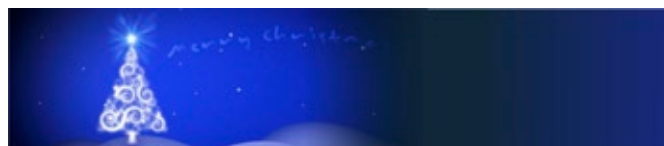
From October 24 to 27, 2009, the University of the Azores was host to a gathering of writers, translators, and promoters of Azorean literature. Organized by the Regional Department for the Communities in conjunction with the University of the Azores, the event had nearly 80 participants from the Azores, Mainland

Portugal, Brazil, the United States, Canada, Ireland, Spain, Germany, and Latvia. The meeting, dubbed “Escritas Dispersas/ Convergência de Afectos” (roughly, “Far-Flung Writing – Convergence of Feelings”), was open to all those involved in producing literature in Azorean immigration destinations who wished to share their knowledge and motivate others to translate and disseminate works that have been penned by Azorean authors or deal with Azorean themes. The meeting also promoted discussion of publishing strategies that would spark the interest of readers and the media, and ways to encourage overseas university departments with a Portuguese literature component to take greater interest in Azorean writers. Another prime aim of the gathering was to generate discussion on how to garner support for publishing and disseminating Azorean books translated into other languages. Last, but certainly not least, the initiative sought to foster friendships among all the participants, with the aim of creating lasting bonds and ties of cooperation. (See full report in this issue).



The seventh edition of the program “Saudades dos Açores” (“Missing the Azores”), spearheaded by the Regional Department for the Communities in conjunction with Azores Express and SATA Express, took place from November 7 to 14. The program gives Azorean-born immigrants over 60 residing in the United States and Canada, who haven’t visited the islands for over 20 years for financial reasons, the chance to see their homeland again and visit with friends and family. This year the program covered 13 participants (six from Canada and seven from the US) between the ages of 62 and 79. This initiative also enjoyed the support of various North American social institutions such as the Centro Abrigo in Toronto; SER-Jobs for Progress and the Catholic Social Services in Fall-River; the Immigrant Assistance Center in New Bedford; and POSSO and VALER, Portuguese community centers in California.

From November 17 to 27, close to 40 participants attended a course entitled “Citizenship and Cultural Diversity in Professional Practice,” held on the islands of Terceira and Faial and jointly organized by the Regional Department for the Communities and the National Administration Institute. The course equipped participants with the knowledge and skills they need to live and work in increasingly open, complex environments, while awakening them to the need to become active European citizens in tune with the world, and respectful of cultural diversity and the values that underlie all cultures. It also dealt with ways to include, within the activities participants carry out with culturally diverse communities, the concept of global citizenship and intercultural dealings, in accordance with applicable law. The ultimate aim is to find well-integrated solutions and a coherent course of action that will enhance the individual’s and the intuition’s performance and lead to greater public participation, harmony, justice, and social balance. In short, the meeting encouraged both professionals and institutions to find the most suitable answers to the issues raised by a diverse public seeking their services.





escritas dispersas . convergência de afectos

Realizou-se na cidade de Ponta Delgada, de 24 a 27 de Outubro de 2009, o encontro de escritores, tradutores e divulgadores da literatura açoriana. Organizado pela Direcção Regional das Comunidades e pela Universidades dos Açores, este encontro reuniu cerca de sete dezenas de personalidades vindas dos quatro pontos do mundo, sob o lema *Escritas Dispersas / Convergência de Afectos*. As imagens testificam determinados momentos do encontro, com destaque para a sessão de apresentação do livro de homenagem ao Poeta Eduíno de Jesus, no auditório da Biblioteca Pública e Arquivo Regional de Ponta Delgada.

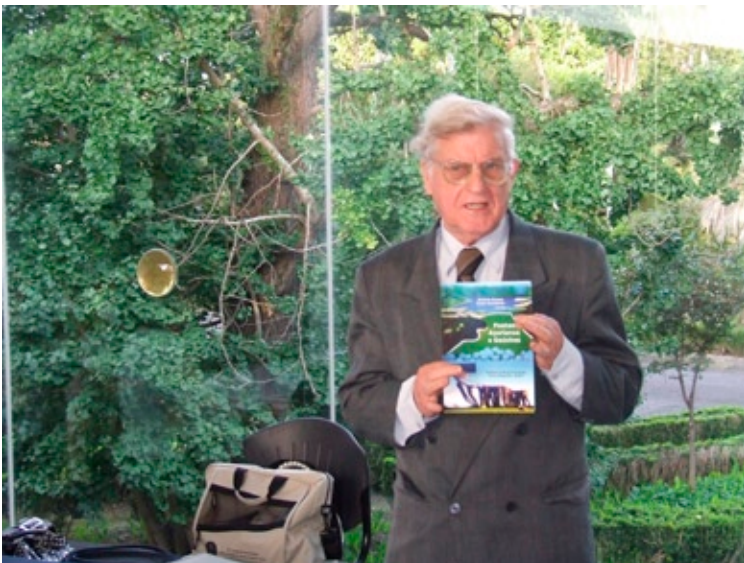


Held in Ponta Delgada from October 24 to 27, 2009, the gathering of writers, translators, and promoters of Azorean literature was organized by the Regional Department for the Communities and the University of the Azores. Attending the event, dubbed *Escritas Dispersas / Convergência de Afectos* (roughly, “Far-Flung Writing – Convergence of Feelings”), were close to 70 participants from around the globe. Pictured are photo details of the event, featuring a book presentation in the auditorium of the Ponta Delgada Public Library and Regional Archive to honor Azorean poet Eduíno de Jesus.





escritas dispersas . convergência de afectos





escritas dispersas . convergência de afectos





escritas dispersas . convergência de afectos





CASA DOS AÇORES ILHA DE SANTA CATARINA *10 Anos promovendo a Cultura Açoriana (1999-2009)*

“A ponte entre o passado e o presente do nosso povo”

O desejo de fortalecer as nossas raízes açorianas perdidas no tempo e no espaço, e sobreviventes no coração e na memória coletiva de nossa gente, estimulou a criação da Casa dos Açores da Ilha de Santa Catarina no dia 10 de dezembro de 1999. Seu fundador foi o artista plástico Jone Cezar de Araújo, que viu no patrimônio cultural do litoral catarinense razões suficientes para fundar a Casa dos Açores que abrigaria as esperanças de uma comunidade ansiosa para preservar e manter vivos os valores de sua cultura de origem.

Talvez seja esta a única Casa dos Açores que abriga memórias, saudade, lembranças, tradições transmitidas pela oralidade – o patrimônio espiritual de nosso povo. Uma gente que é açoriana por um legado de 261 anos que foi passado dos avós, dos pais, dos filhos de tantas gerações e alcançaram o século XXI com a mesma força daqueles ilhéus que no arquipélago açoriano nasceram. Um cordão umbilical tão tênue como o fio da renda tecida sobre a almofada de bilro. Também esta arte um legado açoriano, com certeza.

Não somos açorianos emigrantes. Não nascemos em nenhuma das nove ilhas míticas. Não somos filhos da 1ª geração, nem da 2ª, da 3ª, da 4ª e muito menos da 7ª. Somos tão somente açorianos por nossas crenças e valores, por nossa história cultural e social comum. Por direito de herança daqueles nascidos entre o mar indomável e as lavas vulcânicas que, em outubro de 1747, deixaram o porto de Angra, na Ilha Terceira, correram a abraçar o mundo, atravessaram a vastidão oceânica cortando hemisférios e conquistando as terras do seu destino: o extremo sul do Brasil.

Se o sangue açoriano diluiu no passar das gerações ao se misturar a tantas outras etnias que dão cara à nossa gente, nossas artérias, hoje mais do que nunca, são rios de afetos que circulam diretamente ao porto do coração, a nossa identidade cultural.

O pulsar da Casa dos Açores Ilha de Santa Catarina está centrado na força das raízes vincadas, carregadas de memórias, de ternura, de emoção, de afetos calorosos acalentados pelo tempo e pela distância sem medida que não a da saudade sem fim. O desejo de aproximação, à descoberta de uma história comum e vivências, num rito de cumplicidade e magia, fortalece os elos desta ponte que, de algum modo, sempre uniu as duas margens do Atlântico.

Eis os pilares mestres que dão sustentação a toda ação empreendida por esta egrégia Casa dos Açores: os brotos, as flores, os frutos da raiz plantada na grande odisseia do século XVIII (1748-1756), enraizada para sempre, e os afetos indelévels que nos aproximam dos Açores de hoje e de todos os irmãos-açorianos espalhados pelas comunidades da diáspora.

A cultura de um passado deixado para trás reproduziu um fazer cultural tão próprio que se revela nas artes, na música, na dança, na gastronomia, no jeito de falar rápido e sonoro, na renda de bilro, na rede de pesca, na canoa bordada, nos engenhos, na arquitetura, na cerâmica, na literatura oral, na religiosidade, muito especialmente o culto em louvor ao Espírito Santo e no imaginário ilhéu com suas crenças e bruxas. Enfim, um patrimônio cultural expresso e retratado por traços vívidos de uma longínqua matriz açoriana, sem qualquer registro que não o da tradição oral.

A manutenção da cadeia cultural e a transmissão desses conhecimentos conferiram à Casa dos Açores Ilha de Santa Catarina a missão de salvaguardar essa identidade cultural visível sob diversos matizes e formas, na produção artística, na literatura e na rica cultura popular.

A CAISC congrega as comunidades de cultura açoriana da Ilha de Santa Catarina e do litoral catarinense. Há dez anos, essas raízes seculares vêm sendo alimentadas e revigoradas com o trabalho dedicado de voluntários, estudiosos, pesquisadores, artistas, artesãos promovendo ações culturais para a valorização da herança açoriana sobrevivente e para a difusão da açorianidade. Não é sem razão que a logomarca da Casa traz o detalhe de um casario iluminado

pela pombinha do Divino, símbolo da maior referência identitária da presença açoriana no mundo e que une toda uma diáspora numa geografia de afetos e memórias.

De acordo, com seu Estatuto, Capítulo I, Art. 1º: “*A CASA DOS AÇORES ILHA DE SANTA CATARINA, doravante CAISC, é uma associação civil, de caráter social, sem fins econômicos, com personalidade jurídica de direito privado.*” É a entidade que, legitimamente, representa os municípios de origem açoriana em Santa Catarina, procurando integrá-los e representá-los junto às demais comunidades da diáspora açoriana, em intercâmbio com o Governo dos Açores. Integra o Conselho Mundial de Casa dos Açores sendo que no ano de 2001 participou pela primeira vez da Assembleia anual realizada na cidade do Porto (Portugal).

Toda e qualquer ação desenvolvida pela CAISC segue os seus objetivos fundamentais: o de resgatar, difundir e preservar a cultura de raiz açoriana, bem como viabilizar todas as iniciativas que promovam o desenvolvimento sócio-econômico, educacional e cultural no Estado de Santa Catarina; divulgar a história, a arte, o artesanato, a música, a dança, enfim, todos os valores culturais e sociais dos Açores; promover exposições e apresentações artísticas; apoiar e participar de celebrações e festividades tradicionais que fortaleçam o patrimônio cultural popular; realizar encontros, cursos, palestras sobre a história cultural de Santa Catarina e dos Açores e oficinas artesanais que promovam o desenvolvimento sustentável de nossas comunidades; viabilizar a edição de livros, incentivando a produção literária de aporte açoriano, bem como a organização de uma biblioteca e de um banco de dados/imagens que seja referencial para os catarinenses; fomentar a realização de projetos, ações e intercâmbios nas mais diferentes áreas entre Santa Catarina, os Açores e as demais Comunidades Açorianas.

Ao celebrar 10 anos de fundação, a CAISC contabiliza um rol de ações e apoios que vêm corroborar os seus objetivos e justificam a sua existência, tais como: exposições, apresentações musicais e cênicas, produção literária, oficinas artesanais, cursos, palestras e execução de projetos culturais e sociais, além de promover inúmeras parcerias com instituições locais e intercâmbios nas mais diferentes áreas de conhecimento.

A gestão do Jone César de Araújo (2002-2004) foi profícua, de grande efervescência cultural e reconhecimento comunitário, marcada pela conquista da sua primeira sede em espaço cedido pela Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes, no Forte de Santa Bárbara. Uma luta que começou num acanhado espaço cedido, inicialmente, pelo arquivo Público do Estado de Santa Catarina. Cabe destacar o importante apoio recebido pela Prefeitura Municipal de Florianópolis para equipar e informatizar nossa primeira sede.

Em 2003, realizaram-se ações relevantes para a história da Casa, como o “Ciclo de Palestras Raízes Açorianas no Sul do Brasil”, em parceria com a Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes, com o Núcleo de Estudos Açorianos da UFSC e promovido pela Direção Regional das Comunidades, tendo a participação de escritores, investigadores, artistas e autoridades açorianas que, ao lado dos catarinenses, oportunizaram um maior conhecimento da realidade sócio-cultural dos Açores.

O ano de 2004 marcou pela conquista de um espaço para abrigar a sede administrativa cedido pelo Governo do Estado de Santa Catarina e a inauguração da sede cultural oferecida pela Prefeitura Municipal, na Praça XV de Novembro, no centro histórico de Florianópolis, sede esta que foi inaugurada pela Dra. Alzira Serpa Silva, então Diretora Regional das Comunidades. Infelizmente, com a alternância de poder no executivo municipal em novembro de 2005, o valioso espaço foi retomado.



Em momento algum, a CAISC deixou de lutar e continuar a sua caminhada sempre em defesa da cultura açoriana em terras catarinenses. Enfrentou todas as dificuldades inimagináveis, mas não capitulou ante a adversidade que bateu à sua porta.

Em 23 de janeiro de 2007, assumiu a presidência

da Casa dos Açores da Ilha de Santa Catarina a bibliotecária Carin Heloisa Hahn da Silva Machado, eleita por unanimidade em 12 de dezembro de 2006. Pela primeira vez, uma mulher assume o cargo de Presidente na Diretoria da CAISC. A Vice-presidência é exercida pelo historiador e líder da comunidade do Pântano do Sul, Arante José Monteiro Filho, um apaixonado pelos Açores.

Foi preciso estabelecer metas prioritárias e colocar em marcha um plano de (re)construção da CAISC com a realização de ações culturais de significância para a comunidade. Não apenas marcar presença, mas conquistar o seu espaço e ser reconhecida por todos os setores da sociedade. O arranque foi dado já em janeiro de 2007 com a doação de duas obras de arte presepista dos artistas Jone Cezar de Araújo e Osmarina Villalva, ao Museu do Presépio da Câmara da Lagoa, Ilha de São Miguel, entregue no Brasil à Palmira Bittencourt. No calendário de atividades, incluiu-se, além de ações culturais como exposições e apresentações artísticas, apoios a eventos comunitários, a descentralização da CAISC com a realização de reuniões em municípios do litoral catarinense. Nestes dois anos de trabalho árduo, a CAISC, que hoje congrega cerca de duzentos e vinte associados, se empenha em dar continuidade ao compromisso assumido quando da criação desta egrégia Casa dos Açores Ilha de Santa Catarina em 10 de dezembro de 1999 – “trabalhar pela promoção da cultura açoriana em terras de Santa Catarina – uma herança que nos dignifica”. Ao nosso lado, os parceiros locais e o apoio fundamental da Direção Regional das Comunidades e do Governo dos Açores neste novo caminhar.

Quando da grande catástrofe de novembro de 2008, um verdadeiro dilúvio desabou sobre Santa Catarina, causando danos irreparáveis ao patrimônio pessoal e público, provocados pelas intensas chuvas e desabamentos. Foi uma tempestade que, com fúria e sem dar trégua por cinco dias, atingiu e flagelou o território catarinense, ceifou mais de uma centena de vidas, deixou milhares desalojados e desabrigados, sem casa, sem terreno, sem nada de si, e destruiu a infra-estrutura de cidades e municípios. O mundo literalmente desabou sobre nossas cabeças. Até fez lembrar o baião *Súplica Cearense*, do pernambucano Luiz Gonzaga: “*Oh! Deus será que o senhor se zangou/E só por isso o sol se arretirou/ Fazendo cair toda chuva que há.*” A CAISC atuou de forma solidária participando de um verdadeiro “mutirão” de cidadania, fazendo chegar nas áreas atingidas as doações arrecadadas em Florianópolis. Por caminhos do mar, transitaram contribuições dos Açores, irmãos distantes no tempo, na geografia e muito próximos do nosso coração, chegaram doações financeiras pessoais e do Governo dos Açores que estão possibilitando a recuperação de instituições e ajudando famílias localizadas em áreas de cultura açoriana e duramente atingidas pela calamidade. Foram beneficiados com apoio financeiro: “C.E. Infantil Pinóquio”, no município de Piçarras; “Grupo de Jovens do movimento Krishna” que atua no bairro Promorar, no município de Itajaí, e o “Lar dos Velhinhos D. Iracy Anjos de Freitas”, a “Casa da Criança do Brasil”, a Residência da família de Ivan Tibúrcio, no bairro João da Costa, no município de Camboriú.

O projeto “*Dez Anos na Décima Ilha*” assinala as comemorações do aniversário da Casa dos Açores Ilha de Santa Catarina, mas é, sobretudo, um marco de uma nova fase na vida da CAISC, hoje mais amadurecida e fortalecida em todos os sentidos, tendo o seu lugar reconhecido na vida cultural de Santa Catarina, tanto é que integra a Conferência Estadual de Cultura em representação ao município de Florianópolis ao lado de outras instituições culturais.

Dos projetos em andamento sob a égide do “aniversário de dez anos” destaca-se: “*Açores nas Comunidades*” – Ciclo de palestras nas áreas de História, Geografia, Patrimônio Cultural e Literatura, numa ação formativa a ser desenvolvida nas escolas da rede municipal e estadual de ensino na capital (em parceria com a Secretaria Municipal de Ensino e Fundação Franklin Cascaes) e nos municípios do litoral; “*Criação do Dia da Rendeira* – 21 de outubro” – homenagem às rendeiras da Ilha de Santa Catarina na data que se celebra a partida da primeira leva de açorianos para Santa Catarina: 21 de outubro de 1747. Projeto aprovado pela Câmara Municipal de Florianópolis; “*Semana Cultural Açoriana*” a ser realizada no mês de dezembro.

O grande projeto da atual administração é sem dúvida a aquisição do espaço que abrigará a sede da CAISC. O primeiro passo foi dado com a concessão em comodato da Casa do Vigário, prédio junto à Igreja Nossa Senhora da Conceição na Lagoa da Conceição, um bonito casarão construído em 1750 por casais açorianos. A bicentenária edificação, hoje tombada pelo patrimônio histórico municipal, pertencente à Cúria Metropolitana de Florianópolis,

está fechada há mais de 50 anos. Por muitos anos serviu para moradia dos párocos. A assinatura do Contrato de Comodato pelo arcebispo Dom Murilo Sebastião Ramos Krieger e pela presidente da Casa dos Açores Ilha de Santa Catarina, Carin Heloísa Hahn da Silva Machado, formalizando a cessão do imóvel e que permitirá a sua restauração, aconteceu no dia 11 de agosto de 2009 no Palácio Episcopal.

A futura sede da CAISC será um espaço cultural aberto à comunidade da Lagoa da Conceição, da Capital e de toda Santa Catarina para a livre manifestação da cultura popular açoriana.

No passado, a Ilha de Santa Catarina foi o portal de entrada por onde chegou a primeira leva de povoadores a 6 de janeiro de 1748 e tal como os Reis Magos, que depositaram as suas oferendas ao pé do Deus-Menino depois de uma longa jornada, os açorianos entregaram à terra que os acolhia a sua esperança e a sua fé no Novo Mundo. Era o início da nossa história.

No presente, a Casa dos Açores Ilha de Santa Catarina é *“a ponte entre o passado e o presente do nosso povo”*. É a guardiã de um patrimônio inestimável: a seiva açoriana que corre por nossas artérias e o afeto guardado e tatuado na alma.

LÉLIA PEREIRA DA SILVA NUNES

Florianópolis, 10 de outubro de 2009

Nota: A atual Diretoria da CAISC:

Presidente: Carin Heloisa Hahn da Silva Machado; Vice-Presidente: Arante José Monteiro Filho; 1º Secretário: Murilo Mariano; 2º Secretário: Maria Armênia Wendhausen; 1º Tesoureiro: Sebastião Ivan Nunes; 2º Tesoureiro: Paulo Roberto Villalva; Diretora de Relações Internacionais: Lélia Pereira da Silva Nunes; Diretor de Articulação Comunitária: Jone Cezar de Araújo; Diretor de Cultura: Sergio Ferreira; Diretor de Comunicação: Ricardo Machado

CONTATOS: Fone/fax: 55 48 3224-8514; e-mail: caisc.ilha @gmail.com.; Endereço de Correspondências: Caixa Postal 173 – CEP 88010-970 – Florianópolis/SC; Endereço da Sede Administrativa: Av. Hercílio Luz, 639 – sala 908 – Ed. Alpha Centauri – 88020-000 – Florianópolis/SC



Casa do Vigário (futuras instalações da CAISC)



CASA DOS AÇORES ON SANTA CATARINA ISLAND *10 years of promoting Azorean culture 1999-2009*

“A bridge between our people’s past and present”

What motivated the creation of the Casa dos Açores on Santa Catarina Island in southern Brazil that December 10, 1999 was the urge to strengthen our Azorean roots, which were lost in time and space but still alive in the hearts and collective memories of our people. Its founder was visual artist Jone Cezar de Araújo, who recognized that the Santa Catarina coast harbored enough Azorean heritage to found a center to house the hopes of a community wishing to preserve and revive the values of its original culture.

Ours might well be the only Casa dos Açores that harbors memories, longings, recollections, and traditions handed down by word of mouth – the spiritual heritage of our people. We are Azorean by dint of a 261 year-old legacy that has been handed down from the grandparents to the parents and children of so many generations who have come into the 21st century with the same fortitude as the islanders who were born on the Azorean Archipelago. It is a tenuous, unbroken umbilical cord, as delicate as the threads on a pillowcase of Bilro lacework, which is also unquestionably an Azorean legacy.

We are not Azorean immigrants. We were not born on any of the mythic nine islands. We are not first, second, third, fourth, or even seventh generation. We are Azorean because of our beliefs and values and our common social and cultural history. Our birthright comes from those who, born amidst the indomitable sea and the boiling volcanic lava, left Angra Harbor on Terceira Island in October of 1747 to embrace the world, traversing the immeasurable ocean, cutting across hemispheres, and conquering the lands of their destination: southernmost Brazil.

Our Azorean blood may well have become diluted after so many generations of mixing with the blood of the other ethnic groups that form our make-up as a people; but today, more than ever, our veins carry rivers of affection that flow directly to the harbor of our hearts, the epicenter of our cultural identity.

The vitality of the Casa dos Açores on Santa Catarina Island lies in the depth of our roots, fraught with memories, warmth, emotion, and affection nurtured by time and a distance that is as measureless as our immeasurable longing. The desire to draw closer to the place we originally hailed from and discover shared histories and lifestyles through renewed friendships and the magic of camaraderie is what has formed the bridge that - to a greater or lesser extent – has always joined both shores of the Atlantic.

And these are the cornerstones that shore up all the initiatives carried out by this distinguished Casa dos Açores: the buds, flowers and fruits that have blossomed from the roots that were planted after the great odyssey of the 18th century (1748-1756). It has taken root forever and underlies the lasting affection that binds us to the Azores of today and all of our Azorean brothers and sisters living in diaspora communities around the world.

The culture of our distant past today uniquely manifests itself in Santa Catarina’s art, music, dance, and cuisine; in the rapid and lilting speech of the population, in the local Bilro lacework; in the fishnets used, the embroidered canoes, the local architecture, ceramics, devices and oral literature; in the type of religiosity the inhabitants espouse, especially the cult devoted to the Holy Spirit; and the popular beliefs held by the islanders, fraught with folk legends and witches. It is a living cultural legacy that comes from a distant Azorean wellspring with no written record to substantiate it – just the testimony provided by oral tradition.

In its desire to maintain this cultural chain and transmit the knowledge to others, the Casa dos Açores on Santa Catarina Island (CAISC in the Portuguese acronym) has undertaken the mission of safeguarding this cultural identity that manifests itself in so many shapes and forms, and is patent in art, literature, and in a popular culture that is rich and diverse.

The CAISC takes in those communities of Azorean culture on the Island of Santa Catarina and the Catarina

state coast. For ten years now, our centuries-old Azorean roots have been rediscovered and revived with the tireless contributions of volunteers, researchers, artists, and craftsmen working in cultural initiatives that highlight our Azorean legacy and promote “azoreanity.” There is a reason the logo of our Casa dos Açores shows the rooftop of a house illuminated by the dove of the Holy Spirit, a major symbol of Azorean identity throughout the world, and one that unites the communities of the diaspora through the geography of affection and memories.

According to the Casa’s by-laws, specifically chapter 1, article 1: “The Casa dos Açores on Santa Catarina Island, heretofore designated as CAISC, is a non-profit, civil association of a social nature with a private-law legal status.” It is an entity that legitimately represents the municipalities of Azorean background in Santa Catarina, aiming to integrate them and acting as their representative to other communities of the Azorean diaspora in collaboration with the Government of the Azores. It belongs to the World Council of Casas dos Açores and in 2001 participated for the first time in the organization’s annual assembly, which took place in Porto, Portugal.

Every activity undertaken by the CAISC follows the organization’s primary objectives: to retrieve, promote, and preserve Azorean-based culture and highlight all initiatives that will further the socio-economic, educational, and cultural development of the State of Santa Catarina; to disseminate the history, art, handicrafts, music, dance i.e. all that which involves the cultural and social values of the Azores; to promote exhibitions and art shows; to lend support to and participate in traditional celebrations and festivities that stand to strengthen our popular cultural legacy; to hold meetings, courses, and lectures on Santa Catarina’s and the Azores’ cultural history along with handicraft workshops that will aid in promoting the sustainable development of our communities; to promote the publication of books and further literary production of an Azorean character and set up a library and database/image bank to be used as a reference resource by the inhabitants of Santa Catarina; to promote projects, activities, and exchange initiatives of the most diverse nature between Santa Catarina, the Azores, and other Azorean communities.

Upon celebrating its 10th anniversary, the CAISC can boast of a long list of actions and contributions that are in line with its objectives and justify its creation. The center has been responsible for exhibitions, musical and theatrical performances, literary publications, handicraft workshops, courses, lectures, and social and cultural projects. It has also been active in establishing countless partnerships with local institutions and exchange initiatives aimed at dealing with a host of different areas.

The administration headed up by Jone César de Araújo (2002-2004) was particularly active and extremely dynamic from a cultural standpoint and in the recognition the center garnered among the community. It was during this time that the Casa dos Açores managed to set down stakes in its first headquarters, a space that the Florianópolis Franklin Cascaes Cultural Foundation made available in the Fortress of Santa Bárbara. It was a struggle that had begun in the cramped quarters initially loaned out to the center by the Public Archives of the state of Santa Catarina. Here we should stress the significant support the center received from the Municipal Prefecture of Florianópolis in equipping and outfitting our first headquarters with computers.

In 2003, a number of initiatives were held that marked the history of the Casa such as the lecture series on Azorean Roots in Southern Brazil, held in conjunction with the Florianópolis Franklin Cascaes Cultural Foundation, the Department of Azorean Studies at the Federal University of Santa Catarina and promoted by the Regional Department for the Communities. The series featured writers, researchers, artists, and Azorean officials who, alongside guest speakers from Santa Catarina, provided guests with a better understanding of the social and cultural realities of the Azores.

In 2004 the center managed to secure the premises that would serve as the administrative headquarters, a space made available by the government of the state of Santa Catarina. That same year, the center’s cultural headquarters in November 15th Square, given to us by the municipal prefecture and located in the historical district of Florianópolis, was inaugurated by Dr. Alzira Serpa Silva, then Regional Director of the Communities. Unfortunately, owing to the change in municipal governments on November of 2005, this valuable space was subsequently repossessed.

The CAISC has never ceased to defend Azorean culture in Santa Catarina and it will continue to take this steady course. It has encountered every imaginable type of obstacle but has never buckled under adversity.

Elected unanimously on December 12, 2006, librarian Carin Heloisa Hahn da Silva Machado assumed the presidency of the Casa dos Açores on Santa Catarina Island on January 23, 2007. It was the first time a woman would assume the post as president of the organization's board of directors. The vice-presidency is held by historian and Pântano do Sul community leader Arante José Monteiro Filho, a passionate devotee of the Azores.

The immediate task at hand was to establish priority goals and get CAISC's (re)construction plan underway with cultural activities that would be meaningful for the community. Making its presence felt was not enough, the center needed to gain its rightful place and be acknowledged by all walks of society. The plan left the paddock in January of 2007 when two works depicting the nativity scene by Jone Cezar de Araújo and Osmarina Villalva were donated to the Lagoa Municipal Nativity Scene Museum on the Island of São Miguel with Palmira Bittencourt receiving the donation in Brazil. The calendar of events included not only cultural initiatives such as exhibitions and art shows, but support for community events, and a concerted move on the part of CAISC to decentralize by holding meetings in towns along the Santa Catarina coast. During these two years of arduous work, the CAISC, which today can boast of 220 members, has sought to fulfill the commitment it assumed when this distinguished organization – the Casa dos Açores on Santa Catarina Island - was created on December 10, 1999. And that commitment was to “work to promote Azorean culture in Santa Catarina – a legacy that exalts us.” Working beside us have been our local partners, the Regional Department for the Communities, and the Regional Government of the Azores, providing indispensable support on the new path we have taken toward achieving our goals.

Yet, unpredictably, catastrophe struck in November of 2008 when a deluge of Biblical proportions assailed Santa Catarina, causing irreparable damage to public and personal property, laid waste by the resulting flooding and landslides. Unabated, the storm unleashed its wrath for five days mercilessly buffeting Santa Catarina, causing more than a hundred deaths, leaving thousands homeless, without shelter and without their lands and worldly possessions, and razing city and municipal infrastructures to the ground. The world came down around us and one was reminded of the lyrics of *Súplica Cearense* by Pernambuco's native son Luiz Gonzaga: “Oh! Lord, have you gotten angry at us?/Is that why the sun has withdrawn from the sky?/ Making all the world's rain fall upon us.” The CAISC expressed its solidarity by taking part in what was a veritable mass rally of civil solidarity, sending donations collected in Florianópolis to the most hard-hit areas. By sea, donations came in from the Azores, from brothers and sisters separated by time and geography but close in matters of the heart. Cash donations which came in from private sources and from the Government of the Azores are aiding in the recovery of institutions and helping families in hard-hit areas of Azorean origin to get back on their feet. Funding has been provided for the Pinocchio Children's Center in the municipality of Piçarras; the Krishna Movement Youth Group, active in the Promorar neighborhood of the municipality of Itajaí; the D. Iracy Anjos de Freitas Old Age Home; the Brazil Children's Shelter; and the Ivan Tibúrcio family residence in the neighborhood of João da Costa, municipality of Camboriú.

The project dubbed “Ten Years on the Tenth Island” commemorates the tenth anniversary of the Casa dos Açores on Santa Catarina Island. Yet more than this, it marks a new phase in the history of the CAISC which today is older, wiser, and stronger in every sense of the word, and recognized as a player in the cultural life of Santa Catarina--- to the degree that it is a member of the State Conference on Culture, representing the municipality of Florianópolis alongside other cultural institutions.

As part of our tenth anniversary commemorations we will be staging - among other activities - a lecture series entitled “Azores and the Communities,” which deals with history, geography, literature, and our cultural heritage and will be given in municipal and state schools of the capital (in conjunction with the Municipal Secretariat for Education and the Franklin Cascaes Foundation) and in towns along coastal Santa Catarina. We will also be sponsoring the creation of “Lace worker's Day- October 21” in which we will honor the lace workers of Santa Catarina Island on the very day the first boatload of Azoreans left for Santa Catarina in 1747. This project has been approved by the Municipal Council of Florianópolis; additionally, the initiative *Azorean Cultural Week* is slated to be held during the month of December.

But the biggest drive of the CAISC's current administration is to acquire premises for the organization's

headquarters. The first step was the loan-for-use concession of the Vicar's House, near the Church of Our Lady of the Conception in Lagoa da Conceição. The charming two-century-old house was built by Azorean settlers in 1750 and is now in the municipal heritage registry. Property of the Metropolitan Curia of Florianópolis, the building, which in the past served as the residence of parish priests, has been closed for 50 years. The loan-for-use agreement was signed on August 11, 2009 at the Palace of the Bishopric at which point the building was formally handed over and permission granted for its future restoration.

CAISC's future headquarters will be a cultural space open to the community of Lagoa da Conceição, the State capital, and indeed all of Santa Catarina for the purpose of freely disseminating Azorean culture.

In the past, the Island of Santa Catarina served as the gateway for the first boatload of settlers arriving on January 6, 1748. And not unlike the Three Wise Men who laid their precious gifts at the feet of the Infant Jesus after a long and arduous journey, the Azoreans deposited on the soil of a land in its infancy, all of their hopes and faith in the New World. That was the beginning of our history.

Today the Casa dos Açores on Santa Catarina Island is a bridge between our people's past and present, the guardian of an invaluable treasure: the Azorean lifeblood that flows through our veins, and the long-held affection that has been graven in our souls.

LÉLIA PEREIRA DA SILVA NUNES

Florianópolis, October 10, 2009

CAISC's current board of directors:

President: Carin Heloisa Hahn da Silva Machado
Vice-President: Arante José Monteiro Filho
First Secretary: Murilo Mariano
Deputy Secretary: Maria Armênia Wendhausen
First Treasurer: Sebastião Ivan Nunes
Deputy Treasurer: Paulo Roberto Villalva
Director of International Relations: Lélia Pereira da Silva Nunes
Director of Inter-Community Cooperation: Jone Cezar de Araújo

Cultural Director: Sergio Ferreira
Communications Director: Ricardo Machado

Contacts:

Phone/fax: 55 48 3224-8514
E-mail: caisc.ilha@gmail.com.
Mailing address: Caixa Postal 173 – CEP 88010-970 – Florianópolis/SC
Administrative headquarters: Av. Hercílio Luz, 639 – sala 908 – Ed. Alpha Centauri – 88020-000 – Florianópolis/SC



Assinatura do Contrato de Comodato da “Casa do Vigário” (futuras instalações da CAISC)



CASA DOS AÇORES DA NOVA INGLATERRA – subsídios para a história da CANI – fundada em 1982

A Casa dos Açores da Nova Inglaterra teve um início fora do normal na sequência da situação política na Região e no impacto que esta teve na comunidade da Nova Inglaterra.

Na realidade, a CANI foi oficialmente fundada em 8 de Junho de 1982, conforme consta do alvará passado pela Secretaria de Estado do Estado de Rhode Island, assinado pelo titular daquela Secretaria – Anthony Florio.

Muito embora a Casa dos Açores fosse baptizada como de Rhode Island, como consta no respectivo alvará estatal, mais tarde e depois de aprovação em assembleia geral passou a usar a designação completa de “Casa dos Açores da Nova Inglaterra”, ficando deste modo mais abrangente no todo da comunidade portuguesa da costa Atlântica dos Estados Unidos.

Constam da carta de fundação os seguintes directores: John Correia, John B. Paiva, João Cabral, Sérgio Simões, Joseph G. Goulart, John Faria e William Castro, quase todos membros do comité democrático da cidade de East Providence e já com uma longa lista de serviços prestados à comunidade luso-americana onde se inseriam em actividades de associações locais.

A 20 de Agosto do mesmo ano, foi decidido, em reunião realizada no Salão Rego do Complexo Paroquial da Igreja de S. Francisco Xavier, a formação de uma comissão instaladora da primeira direcção da Casa dos Açores. Essa comissão era composta por John Correia, presidente, e os secretários Adolfo Ribeiro e João Cabral.

Na altura, a nova direcção já se mostrava interessada na aquisição de uma sede que deveria ser nas proximidades da paróquia de S. Francisco Xavier na cidade de East Providence, curiosamente onde hoje está a funcionar.

A partir daquela data, pouco mais se fez no sentido de pôr a organização a funcionar plenamente. John Correia, então principal responsável e líder da Casa dos Açores, nunca se mostrou interessado em dar vida à Casa dos Açores e assim continuou até 1991, data em que foi reactivada a CANI, graças ao empenho de Leonardo de Oliveira, que mobilizou um grupo de naturais dos Açores e pôs de pé a nossa organização com o jovem advogado Paulo Bettencourt, natural da ilha de Santa Maria, a ser eleito primeiro presidente da direcção.

Mais tarde, John Correia, ex-senador estadual pelo bairro 42 de Rhode Island, ligado, por convicção, ao Partido Democrata, tinha relações estreitas com o falecido senador Clairbone Pell, de Rhode Island ao Senado dos EU, que, em tempo, o aconselhou a não “dar vida” à Casa dos Açores “porque poderia ser mais um motivo de incentivo ao então propalado desejo de muitos luso-americanos ligados à FLA, de tentarem uma possível independência do Arquipélago dos Açores”.

Nesta ordem de ideias, Correia, sempre fiel aos conselhos da velha raposa da política norte-americana, nunca se mostrou disponível a dar corpo ao compromisso de activar a Casa dos Açores e esta esteve os seus 9 primeiros anos apenas em documentos legais. Esta confissão de Correia foi feita anos mais tarde e aceite pela maioria que compreendeu a perspectiva de Pell.

Seria demasiado longo fazer um balanço de todas as actividades da Casa dos Açores, desde a primeira hora da sua fundação. Porém, creio não ser descabido referir aqui, em termos sucintos, o que foram as actividades da CANI em períodos diferentes e sob diversas gestões desde há 18 anos.

Na mente de todos os presidentes desta organização sempre esteve presente o diversificar actividades e diferenciá-las das promovidas por associações, clubes ou outras organizações ditas culturais.

Assim, promovemos as primeiras semanas culturais açorianas e, por intermédio delas, já trouxemos figuras gradadas das letras e das artes de Portugal aos EUA para dissertarem sobre temas da cultura açórica. Lembramos os nomes de Eduíno de Jesus, José Enes, Machado Pires, António Rego, Cristóvão Aguiar, Almeida Pavão, António

Valdemar, Pedro da Silveira, Mário Mesquita e Mário Betencourt Resendes, Avelino Menezes, Álamo Oliveira e tantos outros, o bastante para uma longa lista de açorianos ilustres.

As I Jornadas Culturais tiveram lugar no nosso primeiro ano de direcção, ou seja em Outubro 1991. Dos Açores, vieram alguns conferencistas que, pela primeira vez, falaram para o nosso auditório. Foram tratados vários temas, da história à economia, passando pela educação, entre outros.

Num outro ramo de actividade, convém lembrar que, ao longo dos 18 anos, a CANI já preparou mais de mil candidatos à cidadania norte americana como também processou o preenchimento dos respectivos processos burocráticos para aquela pretensão. Continuamos abertos a esta iniciativa, que vai reiniciar em Outubro próximo com o voluntariado de Onésimo Almeida e Lúcia Câmara.

Demos continuação periódica ao nosso Boletim, procuramos boa colaboração e, hoje, estamos a fazer um boletim que nos orgulha pela válida colaboração e aspecto gráfico, mantendo a certeza de que ele poderá crescer em quantidade e qualidade se a componente publicidade der um pulo que justifique. Temos alguns números de referência, nomeadamente aqueles em que homenageamos figuras de relevo da nossa literatura e do nosso pensamento, que podem ser consultados na nossa já crescida biblioteca.

Apoiámos o lançamento de vários livros de autores comunitários e de outros que, de Portugal, se deslocaram para o efeito. Dêmos guarida, conjuntamente com o Grupo *Amigos da Terceira* e Centro Cultural de Santa Maria, a várias exposições de pintores da comunidade. Enumerar todos esses eventos por sequência cronológica seria enfadonho.

Desde os anos 90 que funciona uma pequena editora da Casa dos Açores para apoiar os nossos emigrantes que desejam publicar trabalhos seus, por conta própria e, nesta altura, já vamos em mais de meia dúzia de volumes, referenciados no livro do Dr. Cota Fagundes, da Universidade de Amherst, Ma., como produções de autores luso-americanos. O desejo da actual direcção é continuar a dar seguimento a este projecto que visa divulgar os nossos publicistas.

A CANI congratula-se de ter fundado um pequeno grupo de teatro que levou à cena, com sucesso, “Noite de Hortênsias”, de Luís dos Anjos. Neste momento, o grupo está inactivo, aguardando-se o regresso aos EUA daquele talentoso cultor da arte de Talma, que é Luís dos Anjos, ou outro que dê à direcção da CANI a garantia de produzir bom trabalho, pois temos tido vários jovens que de nós se têm abeirado a indagar quando é que a CANI pensa voltar a representar novas peças teatrais.

A CANI garante que, se dos Açores nos enviassem um dinamizador e formador cultural, decerto poderíamos, em breve trecho, vir de novo aos palcos da Nova Inglaterra, para termos o mesmo prazer de ouvir dizer do público em geral que a revista “Noite de Hortênsias” foi do melhor que apareceu no teatro popular comunitário da Nova Inglaterra.

Quanto ao ensino da língua portuguesa que, desde há anos, vimos mantendo com o principal apoio dos fundos da organização e a benevolência da paróquia de S. Francisco Xavier, na pessoa do Monsenhor Victor Vieira, este ano tudo se conjuga para atingirmos um número record de alunos matriculados. Sabemos da comissão escolar que, devido ao facto de abrimos para a pré-escola e do prestígio gozado pelas professoras diplomadas por uma universidade da capital portuguesa, o número de alunos registados já ultrapassou os 60. Imaginem agora se tivéssemos o apoio devido do governo de Portugal!?

Todavia, não se encontra nada diferente nos projectos da CANI, senão dar todo o apoio possível ao ensino da língua portuguesa, o que, só por si, poderá justificar razão para a nossa existência.

As nossas festas de cariz social, realizadas durante o ano e em datas próprias, como carnaval, vindimas, S. Martinho e outras, para além de servirem como entretenimento, servem de pretexto para o gozo que a vida nos oferece. São estes eventos que, quando resultam positivamente como lucro, dão fundos para sustentar as despesas com as escolas e outros eventos não lucrativos. A CANI pretende dar continuidade a este ramo como um dos actos fundamentais da sua existência.

O Boletim da Casa dos Açores da Nova Inglaterra não teve este ano o número habitual de edições, o que aliás foi previsto numa das primeiras reuniões deste ano de actividades. Tal facto, fica a dever-se à falta de disponibilidade de um responsável pela procura de publicidade – mola real da existência do próprio boletim – e do facto, que a todos preocupa, que é a economia que debilita mercados, como o da “saúde”, que enfraquece mais rapidamente pela sua dimensão, quando comparado ao dos seus congéneres norte-americanos. O Boletim é para prosseguir como um dos trabalhos valiosos que a CANI oferece aos seus sócios, não fosse o mesmo colaborado por penas cujo estilo, lucidez e saber são admiradas a nível nacional. Referimo-nos designadamente aos Professor Onésimo Almeida, Eduíno Jesus, José Costa, João Luis de Medeiros, Ferreira Moreno, Lélia Nunes e outros.

A Casa dos Açores, como instituição com uma vertente educacional, tem um projecto para abrir uma aula, ou mais, semanais de informática, nas próprias instalações da CANI, mas este assunto não foi ainda discutido com os donos da “casa” onde se abriga a CANI, que também tem sob o mesmo tecto a Banda S. Francisco Xavier. Veremos o que trazem os ventos de boa feição. A caridade é eterna, acreditamos!

A criação de um grupo de folclore pode estar também a surgir. A direcção da CANI já foi contactada por elementos interessados em colaborar. Venham os bons ventos para levar a barca da ideia a bom porto.

Finalmente, a aquisição de um edifício para sede própria, como as outras que existem em Portugal, Canadá e Brasil. Todas têm tecto, menos a CANI, muito embora já possua 18 anos de existência. Contamos com melhores anos da economia açoriana para o governo nos poder ajudar a concretizar este sonho, acalentado desde 1982.

Despedimo-nos ao som de um Pézinho com o Grupo Raízes dirigido por Mário Ventura. “Raízes” é título do grupo de cantares regionais açorianos que, há mais de um ano, decidiu anexar-se à CANI para maior divulgação do seu vasto repertório e das suas novas interpretações que nascem da investigação.

O Grupo Raízes é formado por gente experiente e por timbradas vozes de jovens luso-americanos que se sentem atraídos pela música das nossas ilhas, as quais visitaram, no Verão passado, com assinalado êxito nas suas actuações.

JOÃO CARLOS TAVARES

E. Prov. RI, Set.2009





THE CASA DOS AÇORES IN NEW ENGLAND

Information on the history of the CANI – founded in 1982

The genesis of the Casa dos Açores in New England (acronym CANI in Portuguese) was somewhat unique in that it arose out of the political situation in the archipelago and not from the impact the region has had on the New England Azorean community.

In point of fact, according to the permit issued by the Office of the Secretary of State for the state of Rhode Island, which bears the signature of Anthony Florio, the head of the department, the CANI was officially set up on June 8, 1982.

Even though, as the state permit shows, the Casa dos Azores bore the name of Rhode Island, later on, after receiving approval from the general assembly, it began using the more inclusive designation “Casa dos Açores da Nova Inglaterra”, reflecting its aim to serve the entire Portuguese community on the US Eastern Seaboard.

The original charter lists the following individuals as the center’s directors: John Correia, John B. Paiva, João Cabral, Sérgio Simões, Joseph G. Goulart, John Faria, and William Castro, nearly all of whom were members of the East Providence Democratic City Committee, with a lengthy history of serving the Portuguese-American community where they took part in initiatives spearheaded by local associations.

On August 20 of the same year, in a meeting held in the Rego Hall of the Parish Complex belonging to the Church of St. Francis Xavier, a decision was made to set up a steering committee for the first board of directors of the Casa dos Açores. Serving on the committee were John Correia, the president, and secretaries Adolfo Ribeiro and João Cabral.

By that point, the board of directors had already expressed an interest in procuring headquarters for the CANI close to the Parish of St. Francis Xavier in East Providence, the location where, as circumstance would have it, the headquarters operate today.

Subsequent to that date, little was done to get the organization into full swing. John Correia, then head and principal steward of the Casa dos Açores, never showed any interest in breathing life into the organization and the interregnum of inactivity dragged on until 1991, when the CANI was jump-started once again, thanks to the commitment of Leonardo de Oliveira, who sparked a group of Azorean-born residents into action. As a result of these initiatives, the organization finally got onto its feet and Paulo Bettencourt, a young lawyer from the Island of Santa Maria, was elected first chairman of the board of directors.

Later on, as the saying goes, another wrench was thrown into the works. John Correia, state senator from District 42 and a longstanding dyed-in-the-wool Democrat, had been a close friend of now-deceased US Senator from RI Claiborne Pell. Unfortunately, at one point, the senior legislator advised Correia not to “breathe life into” the Casa dos Açores since “it may act as yet another pretext to fuel the much-touted desire of many Luso-Americans connected to the FLA (Azores Liberation Front) to attempt to secure independence for the Azorean Archipelago.”

Convinced by Pell’s line of thinking and ever faithful to the sly old fox of American politics, Correia never tried in earnest to fulfill his promise to jump-start the Casa dos Açores and the organization spent the nine first years of its infancy as a good idea - on paper. Correia admitted to this years later and his tardy confession was accepted by most people, who had understood Pell’s rationale.

We haven’t the time or space to go into a lengthy description of all the initiatives the Casa dos Açores has been involved in since it was set up. However, I do think it is appropriate to mention briefly some of the activities the CANI has undertaken over different time periods and under different administrations for the last 18 years.

All of the CANI’s presidents have sought to diversify the organizations activities so that they would be different from those carried out by other so-called cultural associations, clubs and groups. With this in mind, we set in motion the first Azorean Cultural Weeks which served as a showcase for major figures in Portuguese arts and letters, brought to the US expressly for the occasion, to discuss topics highlighting Azorean culture. A brief list of guest speakers

includes Eduíno de Jesus, José Enes, Machado Pires, António Rego, Cristóvão Aguiar, Almeida Pavão, António Valdemar, Pedro da Silveira, Mário Mesquita and Mário Betencourt Resendes, Avelino Menezes, Álamo Oliveira and many other distinguished Azoreans.

The 1st round of meetings on Azorean culture were held during our first directorship, in October of 1991. It featured first-time speakers from the Azores addressing the organization's auditorium with a wide range of topics that included history, economics, and education.

Another activity worthy of mention is that for 18 years the CANI has helped over 1000 candidates prepare to become American citizens and guided them through the red tape involved in the naturalization process. We are currently preparing to relaunch this initiative next October at which time Onésimo de Almeida and Lúcia Câmara will be participating as volunteers.

We have also come out with a newsletter on a periodic basis in which we have sought quality contributions. We are proud of our current newsletter which features solid content and quality graphics and are sure that the publication will continue to increase in quantity and quality if a spurt in advertising sales allows us to expand. Some of our issues have been particularly noteworthy, especially those in which we have spotlighted the major figures of Azorean literature and thought. These, as other issues, can be found in our constantly expanding library.

We have sponsored the launching of several books by community authors and others who have come in from Portugal for the occasion. And, in conjunction with the group *Amigos da Terceira* and the Santa Maria Cultural Center, we have hosted a number of exhibitions featuring painters from the community. A chronological list of all of these events would be tedious, so we will avoid going into detail.

Since the 90s, the Casa dos Açores has had a small publishing division to serve Azorean immigrants wishing to self-publish. Up to now we have come out with over half a dozen volumes, which are cited in a book by Dr. Cota Fagundes of U. Mass.-Amherst, as being publications of Luso-American authorship. The current board of directors intends to continue this initiative aimed at promoting our writers.

The CANI is also proud of having founded a small theater group that successfully staged "Noite de Hortênsias", by Luís dos Anjos. The group is currently on hold for the moment anxiously awaiting the return of that talented cultivator of the thespian arts, Luís dos Anjos, or another expert in the theatre arts who can assure the board that the work staged will be top-flight. Not surprisingly, a number of young people have already inquired about when the CANI is thinking of producing new plays.

What we can assure the expectant public is that if the Azores manages to send us a cultural promoter/instructor, CANI will soon grace the stages of New England again. It would unquestionably be gratifying to hear the audience once again comment that the musical review "Noite de Hortênsias" was one of the best amateur community productions to hit the New England stage.

In our efforts to promote Portuguese language learning, for years we have relied chiefly on the funds provided and the benevolence of the parish of St. Francis Xavier, headed by Monsignor Victor Vieira. This year all signs indicate that we will have record enrollment. The education committee has informed us that owing to the reputation of the course instructors, who have degrees from a Lisbon university, and since we have now opened to pre-schoolers, the number of students signed up has already topped 60. Just think of what we could achieve if we had adequate support from the Portuguese government!!

Indeed one of CANI's priority projects is to provide as much support as we can for Portuguese language education - a goal that in and of itself justifies the organization's existence.

Our social gatherings, which are held to celebrate such festive dates on the Portuguese calendar as carnival, the grape harvest, and St. Martin's Day, serve not only as entertainment but as a pretext to kick back and enjoy all the delightful little things life has to offer. And these events, when they do turn a profit, give us the funds we need to meet the expenses incurred by the schools and other non-profit initiatives. CANI plans to keep the former initiatives going as one of its main lines of activities.

This year, as we predicted in one of our earlier meetings on this year's calendar of activities, the CANI newsletter

did not come out with its usual number of issues. We are hampered by not having the services of someone to sell advertising space - on which the survival newsletter hinges – and the worrying fact that the economy is weakening the market, making the sale of advertising even less promising.

Yet the CANI newsletter will continue to be published, since it is one of the most valuable initiatives we offer our membership; it enjoys the contributions of writers whose style, clarity, and knowledge have garnered widespread admiration. We are of course talking about such distinguished contributors as Prof. Onésimo Almeida, Eduíno Jesus, José Costa, João Luis de Medeiros, Ferreira Moreno, Lélia Nunes, and a host of others.

As a institution with a special educational calling, the Casa dos Açores in New England has new plans on the burner for a weekly class or classes in computer science on CANI's main premises. But the matter has not been discussed yet with the landlords who own the building where the CANI is set up and where the St. Francis Xavier Band also rehearses. Let us see what the winds of fortune blow in. "Charity knows no bounds" is a saying we'd like to believe in.

The set-up of a folk music and dancing group may also be in the offing. The CANI has already been contacted by people interested in taking part. What we now need are additional winds of fortune to guide this idea-cum-craft into safe harbor.

Finally, there is the issue of purchasing our own headquarters, as have our counterparts in Portugal, Canada, and Brazil. They all have a permanent roof over their heads, except CANI notwithstanding its 18-year history. We are keeping our fingers crossed for the Azorean economy to improve so that the government can help us realize the dream we have been nurturing since 1982.

Here we'll take our leave, to the tune of a *Pézinho* (a traditional Azorean music and dance genre) executed by the Grupo Raízes directed by Mário Ventura. The group, which performs traditional Azorean music, decided to join up with CANI over a year ago, so that they could further promote their vast repertoire and the new interpretations of old songs they have developed as a result of their research.

The Grupo Raízes is made up of experienced singers and the well-tuned voices of young Portuguese-Americans who have succumbed to the lure of the music of the islands where they performed last summer to general accolades.

JOÃO CARLOS TAVARES

East Providence, RI, September, 2009



Visita do Presidente do Governo Regional dos Açores à CANI



A MIGRAÇÃO PARA O HAVAI

A história da grande migração de colonos portugueses da Madeira, dos Açores e de Portugal Continental para o Havai, decorreu durante os anos de 1878 a 1913. É uma história de proporções épicas, envolvendo movimentos de mais de vinte mil pessoas através de dois oceanos. Embora a grande migração de portugueses para o Havai se tenha iniciado em 1878, já havia uma pequena presença de portugueses nas ilhas havaianas em 1787. Pouco se sabe sobre estes primeiros residentes portugueses. Chegaram ao Havai como caçadores de baleias e outros homens do mar que se instalaram em terra por uma razão ou outra, enquanto os seus navios estavam fundeados nos portos das ilhas. O primeiro português identificado por nome é João Elliot de Castro, que chegou ao Havai por volta de 1814 e prestou serviço como membro do pessoal do rei Kamehameha o Grande.

Os primeiros portugueses foram reconhecidos pelo seu trabalho esforçado e parcimónia. Normalmente, compravam terras assim que se encontravam em condições financeiras de o fazer. Uns tornaram-se criadores de gado e produtores de lacticínios, outros dedicaram-se a diferentes actividades agrícolas. O seu número foi aumentando gradualmente ao longo do século XIX, e, em vésperas da grande migração, já havia mais de quatrocentos portugueses no Reino do Havai.

A migração portuguesa para o Havai teve na sua origem as más condições económicas na pátria, especialmente na Madeira. A produção e exportação de vinhos finos fora durante muitos anos o principal esteio da economia madeirense. Contudo, durante a década de 1850, as vinhas foram dizimadas por uma praga que deixou a indústria vinícola em crise durante décadas. À destruição das vinhas seguiram-se o desemprego e a fome. As condições foram-se agravando, e os madeirenses foram procurar uma vida melhor no Brasil, nos Estados Unidos e no Havai.

Nesse mesmo período, o Reino do Havai necessitava de trabalhadores para as suas plantações de açúcar. A produção do açúcar em grande escala dependia de um fornecimento contínuo de mão-de-obra barata. A procura de trabalhadores para as plantações aumentou depois de o Havai ter celebrado o Tratado de Reciprocidade com os Estados Unidos, em 1876, que facilitou a exportação de açúcar havaiano. A diminuição dramática da população havaiana obrigara os proprietários das plantações e os funcionários governamentais a procurarem no estrangeiro imigrantes para aumentar a população do reino e capazes de trabalhar a terra. Durante as décadas de 1860 e 1870 vários milhares de chineses emigraram para o Havai. No entanto, os chineses raramente levavam as suas famílias, e as diferenças culturais marcadas entre os chineses e outros residentes do Havai levaram muitos destes últimos a exigir que se pusesse fim à importação em grande escala de trabalhadores da China.

Em 1876, Jacinto Pereira, um cidadão português e proprietário de uma loja de fancaria em Honolulu, teve uma ideia interessante. Sugeriu que o Governo havaiano investigasse a possibilidade de resolver os problemas de mão-de-obra e de população do Havai incentivando a imigração de portugueses da Madeira. O governo contactou o Dr. William Hillebrand, que na altura vivia no Funchal. Hillebrand serviu de agente do Havai, ocupando-se de todos os pormenores necessários para embarcar o primeiro contingente de emigrantes portugueses no *Priscilla*.

Os ensaios analisam as razões que levaram os portugueses a emigrar para o Havai, as graves dificuldades da sua viagem, e a sua chegada e contratação na nova terra.

Eventos significativos relacionados com os portugueses no Havai

1527-31 Navios espanhóis, possivelmente com navegadores portugueses, naufragam na Ilha Grande (Havai).

1542 João Gaetano, que era talvez português (mas que pode também ter sido espanhol ou italiano) e se encontrava ao serviço de Espanha, parte do México para ocidente e descobre um grupo de ilhas no meio do Pacífico, a que chamou “Grupo Isla de Mesa” e que poderia ser as Ilhas do Havai.

- 1778** O Capitão Cook “redescobre” as ilhas havaianas.
- 1785** 12 marinheiros anglo-portugueses chegam de Macau.
- 1787** Marinheiros portugueses chegam ao Havai, provavelmente a bordo do *Nootka*, capitaneado por Meares.
- 1788** Sabe-se terem chegado ao Havai marinheiros portugueses, a bordo do *Iphegenia* e do *Felice*, vindos do território português de Macau e tendo como capitães John Meares e William Douglas.
- 1790** Sabe-se terem chegado ao Havai marinheiros portugueses a bordo do brigue americano *Elenora*.
- 1814** João Elliot de Castro torna-se secretário do rei Kamehameha I.
- 1853** O recenseamento revela haver 87 portugueses no Havai.
- 1876** Jacinto Pereira, um comerciante português residente no Havai, recomenda ao Reino a imigração de portugueses para o Havai para ajudar a resolver os problemas de mão-de-obra.
- 1877** É criada em Honolulu a Associação de Sto. António, uma associação de benemerência portuguesa.
- 1878** O recenseamento revela haver 400 portugueses no Havai.
- 1878** O navio *Priscilla* chega ao porto de Honolulu em 30 de Setembro, com o primeiro grande contingente de emigrantes portugueses com destino ao Havai (cerca de 120 homens, mulheres e crianças).
- 1879** O navio *Ravenscrag* chega ao porto de Honolulu em 23 de Agosto de 1879 com o segundo grande contingente de colonos portugueses (419 homens, mulheres e crianças). Estes colonos trouxeram consigo a “braguinha” portuguesa, instrumento que viria a tornar-se o “ukulele”.
- 1882** O Governo do Havai assina um tratado de imigração com Portugal.
- 1893** Os portugueses apoiam a instauração da República no Havai.
- 1900** A população portuguesa ascende a 18.272 habitantes, aproximadamente 12% da população total das ilhas do Havai.
- 1900 a 1930** Período de migração portuguesa das plantações para Honolulu e outras cidades. Os portugueses começam a dedicar-se progressivamente ao comércio e a ofícios especializados.
- 1913** O *Ascot* aporta a Honolulu com 1.283 imigrantes portugueses a bordo. Este navio é geralmente considerado o último dos 29 navios de transporte de imigrantes.
- 1925** Oito cidadãos de ascendência portuguesa são eleitos para a Legislatura Territorial do Havai. A primeira mulher a ser eleita para a legislatura foi Rosalie Enos Lyons Keliinoi, que era meio portuguesa e meio havaiana.
- 1926** Antonio J. Perry é nomeado Presidente do Supremo Tribunal do Havai.

1926 O Bispo Stephen Alencastre é nomeado para presidir à Igreja Católica Romana nas ilhas do Havai.

1930 a 1950/59 Período de assimilação praticamente total dos portugueses na corrente dominante da vida insular.

1967 Calcula-se em 21.270 a população portuguesa residente no Havai.

1978 O governador George Ariyoshi estabelece a Comissão do Centenário Português, em 21 de Março, para celebrar o início da “grande imigração” (1878-1978).

1978 É criado o Conselho do Património Português no Havai, como organização de cúpula de todas as organizações portuguesas no Estado do Havai.

1978 Os portugueses residentes no Havai celebram o seu centenário com a visita do Embaixador de Portugal e muitos outros eventos, que culminaram na celebração do centenário da chegada do *Priscilla*, em 30 de Setembro de 1978.

1978 O navio-escola português *Sagres* chega a Honolulu, em Novembro, numa “viagem de boa vontade”.

1979 Em 11 de Julho, é criada a Câmara de Comércio Portuguesa no Havai.

1979 Em 23 de Agosto, o povo do Havai celebra o centenário da chegada do *ukulele* ao Havai com uma festa no Edifício do Capitólio.

1988 Celebração do bicentenário da chegada dos primeiros imigrantes portugueses ao Havai.

1990 O governador John Waihee estabelece o Comité Directivo do Bicentenário Português.

Navios que transportaram portugueses para o Havai, 1878-1913

1. **30 de Setembro de 1878** – O *Priscilla* (navio de três mastros alemão) chega da Madeira após uma viagem de 116 dias, trazendo a bordo 80 homens, 40 mulheres e 60 crianças. Total 180. (Os documentos consulares portugueses referem aproximadamente 120 passageiros.)

2. **23 de Agosto de 1879** – O *Ravenscrag* (britânico) chega da Madeira após uma viagem 123 dias, com 133 homens, 110 mulheres e 176 crianças. Total 419.

3. **24 de Janeiro de 1880** – O *High Flyer* (navio de três mastros britânico) chega de S. Miguel, Açores, após uma viagem de 99 dias, com 109 homens, 81 mulheres e 147 crianças. Total 337.

4. **2 de Maio de 1881** – O *High Flyer* (navio de três mastros britânico) chega de S. Miguel, Açores, após uma viagem de 130 dias, com 173 homens, 66 mulheres e 113 crianças. Total 352.

5. **25 de Agosto de 1881** – O *Suffolk* (navio de três mastros britânico) chega de S. Miguel, Açores, após uma viagem de 102 dias, com 206 homens, 100 mulheres e 182 crianças. Total 488.

6. **27 de Março de 1882** – O *Earl Delhausie* (navio de três mastros britânico) chega de S. Miguel, Açores, após uma viagem de 113 dias, com 94 homens, 82 mulheres e 146 crianças. Total 322.

7. **8 de Junho de 1882** – O vapor *Monarch* (britânico) chega de S. Miguel, Açores, após uma viagem de 57 dias, com 202 homens, 197 mulheres e 458 crianças. Total 857.

8. **15 de Setembro de 1882** – O vapor *Hansa* (britânico) chega dos Açores, após uma viagem de 70 dias, com 307 homens, 286 mulheres e 584 crianças. Total 1.177.

9. **4 de Maio de 1883** – O vapor *Abergeldie* (britânico) chega dos Açores, após uma viagem de 62 dias, com 264 homens, 190 mulheres e 484 crianças. Total 938.

10. **9 de Julho de 1883** – O vapor *Hankow* (britânico) chega de S. Miguel, Açores, e da Madeira, após uma viagem de 66 dias, com 427 homens, 317 mulheres e 718 crianças. Total 1462.

11. **1 de Novembro de 1883** – O vapor *Bell Rock* (britânico) chega dos Açores, após uma viagem de 99 dias, com 109 homens, 81 mulheres e 147 crianças. Total 337.

12. **13 de Junho de 1884** – O vapor *City of Paris* (britânico) chega da Madeira e de S. Miguel, Açores, após uma viagem de 74 dias, com 295 homens, 199 mulheres e 330 crianças. Total 824.

13. **3 de Outubro de 1884** – O vapor *Bordeaux* (francês) chega da Madeira após uma viagem de 72 dias, com 273 homens, 173 mulheres e 262 crianças. Total 708.

14. **19 de Janeiro de 1885** – O *Daca* (britânico) chega da Madeira após uma viagem de 114 dias, com 63 homens, 50 mulheres e 165 crianças. Total 278.

15. **4 de Março de 1886** – O *Stirlingshire* (britânico) chega da Madeira após uma viagem de 112 dias, com 157 homens, 107 mulheres e 203 crianças. Total 467.

16. **23 de Setembro de 1886** – O *Amana* (britânico) chega da Madeira após uma viagem de 142 dias, com 146 homens, 116 mulheres e 239 crianças. Total 501.

17. **13 de Abril de 1888** – O *Thomas Bell* (navio de três mastros britânico) chega da Madeira após uma viagem de 156 dias, com 117 homens, 62 mulheres e 163 crianças. Total 342.

18. **4 de Abril de 1895** – O vapor *Braunfels* (alemão) chega de Ponta Delgada, Açores, após uma viagem de 68 dias, com 274 homens, 124 mulheres e 259 crianças. Total 657.

19. **13 de Setembro de 1899** – O vapor *Victoria* (britânico) chega da Madeira após uma viagem de 67 dias, com 215 homens, 56 mulheres e 72 crianças. Total 343.

20. **24 de Dezembro de 1900** – O vapor *Warrimo* chega de Vancouver com 60 homens, 14 mulheres e 18 crianças. Total 92.

21. **1 de Dezembro de 1906** – O vapor *Suveric* chega de Montevideo com 459 homens, 283 mulheres e 582

crianças. Total 1.324.

22. **26 de Abril de 1907** – O vapor *Heliopolis* (espanhol) chega do Faial, Açores, e de Málaga com 608 homens, 554 mulheres e 1084 crianças. Total 2.246.

23. **27 de Junho de 1907** – O vapor *Kumeric* chega do Funchal, Madeira, com 333 homens, 306 mulheres e 457 crianças. Total 1.114.

24. **12 de Dezembro de 1909** – O vapor *Swanley* chega da Madeira e dos Açores com 337 homens, 221 mulheres e 310 crianças. Total 868.

25. **13 de Abril de 1911** – O vapor *Osteric* chega da Madeira e de Portugal Continental com 547 homens, 373 mulheres e 531 crianças. Total 1.451.

26. **3 de Dezembro de 1911** – O vapor *Willesden* chega dos Açores e de Portugal Continental com 639 homens, 400 mulheres e 758 crianças. Total 1.797.

27. **16 de Abril de 1912** – O vapor *Harpalien* chega dos Açores e de Portugal Continental com 496 homens, 328 mulheres e 626 crianças. Total 1.450.

28. **30 de Março de 1913** – O vapor *Willesden* chega das ilhas e de Portugal Continental com 491 homens, 377 mulheres e 440 crianças. Total 1.308.

29. **4 de Junho de 1913** – O vapor *Ascot* chega das ilhas e de Portugal Continental com 424 homens, 327 mulheres e 532 crianças. Total 1.283.

JOHN HENRY FELIX, PH. D. & PETER F. SENEAL, PH.D.

Extracto de “*The Portuguese in Hawaii*”

Versão original em Inglês





THE MIGRATION TO HAWAII

The great migration of Portuguese settlers from Madeira, the Azores and the Portuguese mainland to Hawaii was during the years 1878 to 1913. The story is of epic proportions, involving the movement across two oceans of more than twenty thousand people. Although the great migration of Portuguese to Hawaii began in 1878, a small number of Portuguese were present in the Hawaiian Islands as early as 1787. Little is known about these early Portuguese residents. They came to Hawaii as whalers and other seamen who took to the land for one reason or another while their ships were harbored in the Islands. The first Portuguese identified by name was João Elliot de Castro who arrived in Hawaii about 1814 and served on the personal staff of King Kamehameha the Great.

The early Portuguese became recognized for their hard work and thrift. They generally purchased land as soon as they were financially able. Some became cattle ranchers and dairymen, and others engaged in various agricultural pursuits. Their numbers increased gradually during the Nineteenth Century until, on the eve of the great migration, there were over four hundred Portuguese in the Hawaiian Kingdom.

The Portuguese migration to Hawaii was fueled by poor economic conditions in the mother country, and particularly in Madeira. The production and export of fine wines had been for many years the mainstay of the Madeiran economy. During the 1850's, however, the vineyards were laid waste by a blight that crippled the wine industry for decades. Unemployment and hunger followed the destruction of the vineyards. As conditions worsened, Madeirans looked for a better way of life in Brazil, the United States and Hawaii.

During this same period, the Kingdom of Hawaii was in need of laborers for her sugar plantations. The large-scale cultivation of sugar depended upon a continuous supply of inexpensive labor. The demand for plantation workers increased after Hawaii concluded a Reciprocity Treaty with the United States in 1876, which facilitated the exportation of Hawaiian sugar. The dramatic decline of the Hawaiian population had caused planters and government officials to look abroad for suitable immigrants to work the land and increase the population of the Kingdom. Several thousand Chinese emigrated to Hawaii during the 1860's and 1870's. Yet the Chinese seldom brought their families, and distinct cultural differences between the Chinese and other residents of Hawaii caused many of the latter to demand an end to the large scale importation of workers from China.

In 1876, Mr. Jacintho Pereira, a Portuguese citizen and proprietor of a successful dry goods store in Honolulu, came forward with an interesting idea. Pereira suggested that the Hawaiian government investigate the possibility of solving Hawaii's labor and population problems by encouraging the immigration of Portuguese from Madeira. The government contacted Dr. William Hillebrand who was living at that time in Funchal. Hillbrand acted as Hawaii's agent, and carried out all of the details required to place the first contingent of Portuguese immigrants aboard the *Priscilla*.

The essays examine the reasons why the Portuguese came to Hawaii, the grave difficulties of their journey, and their arrival and employment in the new land.

Significant Events of Portuguese in Hawaii

1527-31 Spanish Ships, possibly with Portuguese navigators, shipwrecked on the Big Island (Hawaii).

1542 João Gaetano, who may have been Portuguese, (he may also have been Spanish or Italian) in the service of Spain, sails west from Mexico and discovers a group of islands in the mid-Pacific, which he called "Isla de Mesa Group" and may have been the Hawaiian Islands.

1778 Capt. Cook "Rediscovered" the Hawaiian Islands.

- 1785** 12 Portuguese British sailors arrived from Macao.
- 1787** Portuguese Sailors likely on board the *Nootka*, Captained by Meares arrived in Hawaii.
- 1788** Portuguese sailors are known to have arrived in Hawaii aboard the *Iphegenia* and *Felice* from Portuguese Macao with Captains John Meares and William Douglas.
- 1790** Portuguese sailors are known to have arrived in Hawaii aboard the American brig *Elenora*.
- 1814** João Elliot d'Castro becomes Secretary to King Kamehameha I.
- 1853** Census shows 87 Portuguese in Hawaii.
- 1876** Jacinto Perreira, a Portuguese merchant residing in Hawaii recommends to the Kingdom the immigration of Portuguese to Hawaii to help solve the labor problems.
- 1877** The St. Antonio Society, a Portuguese benevolent association, is established in Honolulu.
- 1878** Census shows more than 400 Portuguese in Hawaii.
- 1878** The ship *Priscilla* arrives in Honolulu harbor on September 30, 1878 with the first major contingent of Portuguese immigrants to Hawaii (about 120 men, women and children).
- 1879** The ship *Ravenscrag* arrives in Honolulu harbor on August 23, 1879 with the second large group of Portuguese settlers in Hawaii (419 men, women and children). These settlers brought with them the Portuguese *braguinha*, the instrument that became the 'ukulele.
- 1882** The Government of Hawaii signs an immigration treaty with Portugal.
- 1893** Portuguese support the establishment of the Hawaiian Republic.
- 1900** Portuguese population numbers 18,272, approximately 12% of the total population of the Hawaiian Islands.
- 1900** to Period of Portuguese migration from the plantations to Honolulu and other towns.
- 1930** The Portuguese enter business and skilled trades in increasing numbers.
- 1913** The *Ascot* arrives in Honolulu harbor with 1,283 Portuguese immigrants aboard. This ship is usually considered the last of the 29 immigrant ships.
- 1925** Eight citizens of Portuguese ancestry are elected to the Hawaii Territorial Legislature. First elected woman legislator was half Portuguese/half Hawaiian Rosalie Enos Lyons Keliinoi.
- 1926** Antonio J. Perry is appointed Chief Justice, Supreme Court of Hawaii.
- 1926** Bishop Stephen Alencastre is placed in charge of the Roman Catholic Church in the Hawaiian Islands.

1930 to 1950/59 Period of virtually complete assimilation of Portuguese into the mainstream of Island life.

1967 Portuguese population is estimated at 21,270.

1978 Governor George Ariyoshi establishes the Portuguese Centennial Commission on March 21, celebrating the Commencement of the “Major immigration” (1878-1978).

1978 Hawaii Council on Portuguese Heritage established as umbrella organization for all Portuguese organizations in the State of Hawaii.

1978 The Portuguese in Hawaii celebrate their Centennial with the visit of the Ambassador of Portugal and many other events culminating in the Centennial Celebration of the arrival of the *Priscilla* on September 30, 1978.

1978 The Portuguese naval training ship *Sagres* arrives in Honolulu on a voyage of goodwill, November, 1978.

1979 The Portuguese Chamber of Commerce is established in Hawaii, July 11, 1979.

1979 The people of Hawaii celebrate the centennial of the arrival of the ‘ukulele in Hawaii with a festive commemoration at the State Capitol, on August 23, 1979.

1988 Bicentennial Celebration of the first immigration of Portuguese to arrive in Hawaii.

1990 Governor John Waihee establishes the Portuguese Bicentennial Steering Committee.

Ships bearing Portuguese Settlers to Hawaii, 1878-1913

1. September 30, 1878

Ship *Priscilla* (German bark) arrived 116 days out from Funchal, Madeira, with 80 men, 40 women, 60 children. Total 180. (Portuguese consular documents indicate approximately 120 passengers).

2. August 23, 1879

Ship *Ravenscrag* (British) arrived 123 days out from Madeira with 133 men, 110 women, 176 children. Total 419.

3. January 24, 1880

Ship *High Flyer* (British bark) arrived 99 days out from St. Michael, Azores, with 109 men, 81 women, 147 children. Total 337.

4. May 2, 1881

Ship *High Flyer* (British bark) arrived 130 days out from St. Michael, Azores, with 173 men, 66 women, 113 children. Total 352.

5. August 25, 1881

Ship *Suffolk* (British bark) arrived 102 days out from St. Michael, Azores, with 206 men, 100 women, 182 children. Total 488.

6. March 27, 1882

Ship *Earl Delhausie* (British bark) arrived 113 days out from St. Michael, Azores, with 94 men, 82 women, 146 children. Total 322.

7. June 8, 1882

Steamship *Monarch* (British) arrived 57 days out from St. Michael, Azores, with 202 men, 197 women, 458 children. Total 857.

8. September 15, 1882

Steamship *Hansa* (British) arrived 70 days out from Azores, with 307 men, 286 women, 584 children. Total 1177.

9. May 4, 1883

Steamship *Abergeldie* (British) arrived 62 days out from Azores, with 264 men, 190 women, 484 children. Total 938.

10. July 9, 1883

Steamship *Hankow* (British) arrived 66 days out from St. Michael, Azores, & Madeira with 427 men, 317 women, 718 children. Total 1462.

11. November 1, 1883

Steamship *Bell Rock* (British) arrived 99 days out from Azores, with 109 men, 81 women, 147 children. Total 337.

12. June 13, 1884

Steamship *City of Paris* (British) arrived 74 days out from Madeira & St. Michael, Azores, with 295 men, 199 women, 330 children. Total 824.

13. October 3, 1884

Steamship *Bordeaux* (French) arrived 72 days out from Madeira, with 273 men, 173 women, 262 children. Total 708.

14. January 19, 1885

Ship *Daca* (British) arrived 114 days out from Madeira, with 63 men, 50 women, 165 children. Total 278.

15. March 4, 1886

Ship *Stirlingshire* (British) arrived 112 days out from Madeira, with 157 men, 107 women, 203 children. Total 467.

16. September 23, 1886

Ship *Amana* (British) arrived 142 days out from Madeira, with 146 men, 116 women, 239 children. Total 501.

17. April 13, 1888

Bark *Thomas Bell* (British) arrived 156 days out from Madeira, with 117 men, 62 women, 163 children. Total 342.

18. April 4, 1895

Steamship *Braunfels* (German) arrived 68 days out from Ponta Delgada, Azores, with 274 men, 124 women, 259 children. Total 657.

19. September 13, 1899

Steamship *Victoria* (British) arrived 67 days out from Madeira, with 215 men, 56 women, 72 children. Total 343.

20. December 24, 1900

Steamship *Warrimo* from Vancouver with 60 men, 14 women, 18 children. Total 92.

21. December 1, 1906

Steamship *Suveric* from Montevideo, with 459 men, 283 women, 582 children. Total 1324.

22. April 26, 1907

Steamship *Heliopolis* (Spanish) from Fayal, Azores & Malaga, with 608 men, 554 women, 1084 children. Total 2246.

23. June 27, 1907

Steamship *Kumeric* from Funchal, Madeira, with 333 men, 306 women, 457 children. Total 1114.

24. December 12, 1909

Steamship *Swanley* from Madeira and Azores, with 337 men, 221 women, 310 children. Total 868.

25. April 13, 1911

Steamship *Osteric* from Madeira and continent, with 547 men, 373 women, 531 children. Total 1451.

26. December 3, 1911

Steamship *Willesden* from Azores and continent, with 639 men, 400 women, 758 children. Total 1797.

27. April 16, 1912

Steamship *Harpalien* from Azores and continent, with 496 men, 328 women, 626 children. Total 1450.

28. March 30, 1913

Steamship *Willesden* from Islands and continent, with 491 men, 377 women, 440 children. Total 1308.

29. June 4, 1913

Steamship *Ascot* from Islands and continent, with 424 men, 327 women, 532 children. Total 1283.

JOHN HENRY FELIX, PH. D. & PETER F. SENEAL, PH.D.

Excerpt from "The Portuguese in Hawaii"







marés de todos os mares





DINÂMICAS IMIGRATÓRIAS NOS AÇORES: ASSOCIATIVISMO E CONDICIONANTES ARQUIPELÁGICAS*

O esforço de modernização e de desenvolvimento económico de cada uma das ilhas do arquipélago faz com que o padrão geográfico de implantação dos imigrantes apresente polarizações distintas.

1. Açores: alguns aspectos introdutórios acerca da imigração

Ao contrário do que se passava num passado relativamente recente, temos vindo a assistir na última década, ainda que com um desfasamento em relação à tendência nacional, à passagem dos Açores de uma região de emigração para uma região de imigração multicultural e multiétnica. Com efeito, de uma região de repulsa das suas gentes, a localização geográfica dos Açores como “ponto de confluência ou passagem de vários mundos e interesses” (Rocha *et al.*, 2005-2006:126) possibilitou que fossem considerados, nos planos nacional e internacional, como uma região *push* para gentes de diferentes proveniências geográficas, culturais, religiosas e étnicas.

Os recentes fluxos imigratórios registados nos Açores resultam, em nosso entender, da actividade de redes transnacionais de migrantes cada vez mais activas e com uma maior projecção no contexto das migrações internacionais, na medida em que a inclusão da região nesta dinâmica surge no contexto de uma “plataforma migratória mais alargada” (Ferreira, 2004). A passagem de um ciclo imigratório, marcadamente colonial e lusófono fez com que os Açores, seguindo a tendência de nacional e dos restantes países da Europa do Sul, sem grandes tradições de imigração, passasse a “integrar as rotas migratórias internacionais, seja como região de fixação, seja como plataforma de passagem de novos fluxos de imigrantes africanos, asiáticos e sul-americanos” (Machado, 1997:10).

A desigual distribuição geográfica da população estrangeira pelas diversas ilhas e em cada ilha é distinta e obedece a dinâmicas próprias e particulares, na medida em que existem “assimetrias entre áreas urbanas e rurais, entre grandes e pequenas cidades” (Machado, 1999:51) que condicionam a fixação dos imigrantes. O esforço de modernização e de desenvolvimento económico de cada uma das ilhas do arquipélago faz com que o padrão geográfico de implantação dos imigrantes apresente polarizações distintas. Com efeito, tendo em linha de conta o peso relativo da população estrangeira no total de residentes de cada uma das ilhas, concluímos que as ilhas do Pico e Faial – consequência do processo de reconstrução – apresentam um reduzido poder de diluição. Em sentido oposto temos a ilha de São Miguel que, apesar de concentrar em 2007 cerca de 38% da população estrangeira dos Açores, em termos de impacto interno esta apresenta-se relativamente diluída (1,2%).

A reconstrução das ilhas do Faial e do Pico (1998), o crescimento económico descompassado das ilhas, a descontinuidade geográfica do arquipélago, os custos económicos a ela associados, que impossibilita uma circulação inter-ilhas da mão-de-obra de forma intensa e regular são, em nosso entender, alguns dos factores que consubstanciam a ideia de um arquipélago com dinâmicas imigratórias próprias e que ajudam a explicar, em parte, a dinâmica associativa regional.

* Este texto resulta da investigação desenvolvida no âmbito do Mestrado em Ciências Sociais (Migrações e Sociedade) da Universidade dos Açores sob orientação do Professor Doutor José Damião Rodrigues (Professor Auxiliar da Universidade dos Açores).

2. Imigração e Associativismo em contexto insular: alguns apontamentos teóricos

O desenvolvimento de formas activas de participação – o associativismo migrante é um exemplo claro – resulta no estreitamento de relações entre o país/região de origem e o país/região de destino e, conseqüentemente, no reforço de uma herança cultural e de uma identidade étnica potenciada por um sentimento de pertença comum, muitas das vezes mantido ao nível simbólico – utilização da língua de origem ou da gastronomia, por exemplo –, por comunidades/grupos que tendem à prossecução de propósitos comuns. (Leitão, 2008; Castles, 2002a; Rocha-Trindade, 1995) A permanência dos imigrantes na sociedade de acolhimento, após uma fase de sedentarização de uma determinada corrente migratória num determinado território, faz com que assistamos ao surgimento de condições que tendem a potenciar a emergência de infraestruturas associativas de imigrantes que, numa fase embrionária, têm por base os da mesma origem étnica e que procuram responder às suas necessidades materiais e/ou simbólicas (Albuquerque, 2008; Leitão, 2008). Ora, as relações sociais de carácter informal, muitas vezes assentes em laços de afinidade e de proximidades familiar e/ou cultural tendem a fomentar a partilha de vivências e de propósitos comuns. Neste sentido, alicerçado nas sociabilidades quotidianas, centradas em redes de pertença cultural e étnica, possuindo relações de reciprocidade, o movimento associativo migrante adquire o seu espaço e a sua finalidade (Albuquerque *et al.*, 2000; Albuquerque, 2008) na sociedade de acolhimento desenvolvendo, neste cenário, uma identidade transnacional formulada no seguimento das potencialidades da estrutura onde está inserido. (Castles, 2002a)

As associações de origem imigrante que se desenvolveram nas décadas de 70 e 80, resultado das vagas de imigrantes “lusófonos” que afluíram a Portugal, centraram a sua atenção na promoção de actividade de desenvolvimento e de integração local dos recém-chegados e que “extravasaram os limites dos bairros do centro da cidade de Lisboa” (Marques, 2008:17). Rapidamente, a formação de espaços de habitação degradada que potenciou o surgimento da pobreza e o espelhar de disfunções da estrutura estatal no apoio a grupos em situação de exclusão. Se até ao final da década de 80 o movimento associativo funcionava, essencialmente, de um modo informal e desorganizado, o desejo de participar e de intervir de um modo mais activo nas decisões políticas do Estado, em matéria de imigração, veio a materializar-se na década de 90 quando com reconhecimento formal do seu papel enquanto agentes de desenvolvimento e de mudança (Albuquerque, 2008; Leitão, 2008; Marques, 2008; Decreto-Lei n.º 115/99).

Classificadas como associações de imigrantes unicamente aquelas que têm consagrado nos seus estatutos a defesa dos “direitos e interesses específicos dos imigrantes e dos seus descendentes residentes em Portugal” (Decreto-Lei n.º 115/99), a prossecução de objectivos específicos, a reivindicação e a pressão política junto do poder administrativo, político ou económico no sentido da defesa de interesses próprios, partilhados voluntária e reciprocamente por um conjunto de indivíduos, tornou o movimento associativo de imigrantes uma ferramenta central no processo de mudança económica, política e cultural. O maior “dinamismo dos laços sociais estabelecidos através do espaço” (Portes, 2006:16) faz das associações de imigrantes interlocutores privilegiados entre a comunidade que representa e a comunidade receptora, na medida em que o desenvolvimento de redes sociais nacionais e transnacionais (Castles, 2002b), a integração, enquanto processo “complexo e multifacetado” (Fonseca, 2003) e a preservação da identidade contribuem para a consolidação de um poder simbólico reconhecido pelo campo político e, neste contexto, os aspectos formais constituem elementos balizadores da acção dos indivíduos.

Possuindo uma natureza distinta das restantes (Decreto-Lei n.º 115/99), as associações em contexto migratório têm como principais finalidades a manutenção e perpetuação dos valores culturais da comunidade de origem na de acolhimento, bem como o desenvolvimento de estratégias que promovam a integração e a inserção dos imigrantes na comunidade de acolhimento. Uma terceira finalidade do movimento associativo surge-nos no contexto transnacional onde a multiplicidade de contactos – económicos, culturais, religiosos ou políticos – que os imigrantes mantêm entre comunidade de acolhimento e a de origem é intensa, resultado da compressão do espaço-tempo (Marques, 2008) e da melhoria das condições de vida das comunidades de origem dos imigrantes. O associativismo tende a constituir-se, neste contexto, como um elemento das “sociedades urbanas ou das sociedades rurais envolvidas no rápido processo de urbanização” (Carita *et al.*, 1993: 136) e como uma espécie de escola de treino à participação futura dos indivíduos.

Enquanto a nível nacional, resultado de uma sedimentação dos fluxos e das origens imigratórias, o movimento associativo desenvolveu-se segundo critérios étnicos, de proximidade geográfica ou de vizinhança (Albuquerque *et al.*, 2000; Leitão, 2008), a nível arquipelágico, tendo em conta as condicionantes geográficas que esta realidade impõe e a sua tradição imigratória incipiente, este movimento revelou-se inexistente até aos dias de hoje. Efectivamente e não obstante o surgimento, aumento e, de certo modo, consolidação de determinados fluxos imigratórios na última década, a presença de um movimento associativo nos Açores, alicerçado em sociabilidades intra-étnicas, reportando a espaços geográficos específicos e distintos, não consubstanciaram uma dinâmica associativa regional efectiva.

A maturação imigratória local, consubstanciada numa ocupação dos “espaços insulares” onde imigrantes adquirem maior expressão, fomentando o desenvolvimento de toda uma dinâmica associativa étnica, com propósitos próprios, tenderá, em nosso entender, a inverter a realidade actualmente vivida. O desenvolvimento dos movimentos associativos, resultado da urgência de responder a necessidades – simbólicas ou materiais – dos indivíduos e das comunidades em contexto de imigração, a manutenção, preservação e exaltação de valores culturais próprios permitirá, em nosso entender, consubstanciar o desenvolvimento de uma sociedade positivista no que se refere ao fenómeno imigratório.

DERRICK MENDES ¹

Referências Bibliográficas

1. Legislação

Decreto-Lei n.º 115/99, de 3 de Agosto.

2. Estudos

Albuquerque, Rosana (2008). *Associativismo, Capital Social e Mobilidade: contributos para o estudo de uma participação associativa de descendentes de imigrantes Africanos Lusófonos em Portugal*, Tese de Doutoramento em Sociologia das Migrações, Lisboa: Universidade Aberta. [Texto Policopiado]

Albuquerque, Rosana *et al.* (2000). “O associativismo dos imigrantes em Portugal”, in *Janus 2001 – Anuário de Relações Exteriores*, Lisboa: Edição Público e Universidade Autónoma de Lisboa, pp. 198-199.

Carita, Cristina *et al.*, (1993). “Associativismo cabo-verdiano em Portugal: estudo de caso da Associação Cabo-verdiana em Lisboa”, *Sociologia Problemas e Práticas*, n.º 13, pp. 135-152.

Castles, Stephen (2002a). “Migration und Community Formation under Conditions of Globalization”, Center for Migration Studies of New York, IMR, Volume 36, Number 4, pp. 1143-1168.

Castles, Stephen (2002b). “Estudar as transformações sociais”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 40, 2002, pp. 123-148.

Ferreira, Eduardo (2004a). “População activa e imigração” in Rocha, Gilberta Pavão Nunes *et al.* (2004), *Imigrantes nos Açores: população e imigração nos Açores*, CES-UA: Ponta Delgada. (policopiado)

Fonseca, Maria Lucinda (2003). “Integração dos imigrantes: estratégias e protagonistas”, Conferência efectuada no “I Congresso Imigração em Portugal – diversidade, cidadania e integração”, Lisboa, Fundação

Calouste Gulbenkian, 18-19 de Dezembro de 2003

Leitão, José (2008). “O processo de institucionalização das associações de origem imigrante” in Marques, M. Margarida (2008). *Migrações e Participação Social. As associações e a construção da cidadania em contexto de diversidade – o caso de Oeiras*, Lisboa: Fim de Século.

Machado, Fernando Luís (1997). “Contornos e especificidades da imigração em Portugal”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, n.º 24, pp. 9-44.

Machado, Fernando Luís (1999). “Imigrantes e estrutura social”, *Sociologia - Problemas e Práticas*, n.º 29, pp. 51-76.

Marques, M. Margarida (2008). *Migrações e Participação Social. As associações e a construção da cidadania em contexto de diversidade – o caso de Oeiras*, Lisboa: Fim de Século.

Portes, A. (2006). *Estudos sobre as migrações contemporâneas. Transnacionalismo, empreendedorismo e a segunda geração*. Lisboa: Fim de Século.

Rocha, Gilberta Pavão Nunes *et al.* (2005-2006). “O arquipélago dos Açores como região de fronteira” in *Arquipélago – História*, 2ª série, IX-X, pp. 105-140.

Rocha, Gilberta Pavão Nunes *et al.* (2004), *Imigrantes nos Açores: população e imigração nos Açores*, CES-UA: Ponta Delgada. (policopiado)

Rocha-Trindade, Maria Beatriz (1995). *Sociologia das Migrações*, Lisboa: Universidade Aberta.

SEF (2007). *Relatório Anual*, Ponta Delgada

¹ Sociólogo – Universidade dos Açores.



DYNAMICS OF IMMIGRATION IN THE AZORES: ASSOCIATIVISM AND CONSTRAINTS IN THE ARCHIPELAGO*

1. The Azores: some introductory observations about immigration

In contrast to fairly recent past trends, over the past decade we have seen the Azores undergo a shift from being a region marked by emigration to one of multicultural immigration, albeit to a somewhat lesser extent than we have witnessed in the rest of the country. The Azores have transformed from a region that historically drove its inhabitants away into a region that attracts people from different geographical, cultural, religious, and ethnic backgrounds, both national and international, who are drawn to the Azores because of its geographic location as a “point of confluence or point of passage for many worlds and interests” (Rocha *et al.*, 2005-2006:126).

Recent waves of immigration in the Azores, as we see it, are the work of increasingly active and wider reaching transnational networks of migrants in the context of international migrations and the region is part of a “broader migratory platform” within this dynamic (Ferreira, 2004). This shift from an immigratory cycle that used to be markedly colonial and Lusophone has “put the Azores on the map of international migratory routes, both as a destination itself and as a point of passage for new waves of immigrants from Africa, Asia and South America” (Machado, 1997:10), following the overall trend in Portugal and other southern European countries not traditionally held as immigrant destinations.

The geographic distribution of the foreign population among the various islands and within each individual island varies, and each displays its own particular dynamics due to “asymmetries between urban and rural areas and between large and small cities” (Machado, 1999:51) which affect where immigrants settle. Efforts towards modernization and economic development on each of the islands in the archipelago have led to geographic patterns of immigrant settlement that are distinctively polarized. If we look at the relative weight of the foreign population in relation to the total number of residents on each of the islands, we see that, because of the reconstruction process underway, the islands of Pico and Faial have the highest undiluted concentrations of foreigners. At the other end of the spectrum, the foreign population on São Miguel, in terms of domestic impact, is fairly diluted (1.2%), despite the fact that in 2007 approximately 38% of the total foreign population in the Azores was living on that island.

The reconstruction of the islands of Faial and Pico (1998), the irregular economic growth of the islands, the distances between the islands and the economic costs associated with bridging these distances, which make wide scale regular inter-island circulation of the labor force impossible, are some of the factors that give form to an archipelago having its own distinctive migratory dynamics and that help to explain, at least in part, regional associative dynamics.

2. Immigration and associative dynamics on the Islands: some theoretical notes

The development of active forms of participation – and migrant associative activities are a clear example of this – bring the country/region of origin and the host country/region closer together and result in

* This text is based on research conducted as part of a Master’s Degree in Social Sciences (Migrations and Society) undertaken at the University of the Azores under the supervision of Professor José Damião Rodrigues, PhD. (Assistant Professor at the University of the Azores).

a strengthening of cultural heritage and ethnic identity through a feeling of common belonging, oftentimes maintained at a symbolic level (use of the language of origin or typical foods from the culture of origin) by communities/groups that tend to pursue common goals. (Leitão, 2008; Castles, 2002a; Rocha-Trindade, 1995) When immigrants remain in the host society after the settlement phase of a given migratory flow into a given territory, foundations are laid that foster the emergence of associative structures among the immigrants. In their embryonic phase, these structures are based on common ethnic origin and aim to respond to the material or symbolic needs of the group (Albuquerque, 2008; Leitão, 2008). Informal social relationships are often based on family and/or cultural ties and foster sharing of experiences and common goals. Based on everyday social interaction and centered around networks of cultural and ethnic belonging that are reciprocal in nature, the migrant associative movement acquires a place and purpose in the host society (Albuquerque *et al.*, 2000; Albuquerque, 2008) and develops a transnational identity as an outgrowth of the potential of the structure in which it occurs. (Castles, 2002a)

Associations of immigrants which developed as a result of the waves of Lusophone immigrants that arrived in Portugal in the 1970s and 1980s focused their attention on promoting activities related to development and local integration of the new arrivals who “surpassed the limits of neighborhoods in central Lisbon to absorb them” (Marques, 2008:17). Shanty towns rapidly sprang up, leading to a rise in poverty and a failure on the part of government structures to adequately assist marginalized groups. Up through the end of the 1980s the associative movement was essentially informal and disorganized, but the desire to participate and intervene more actively in the political decisions of the government regarding immigration-related issues came to the fore in the 1990s with formal recognition of the role of associations as agents of development and change (Albuquerque, 2008; Leitão, 2008; Marques, 2008; Decree-Law 115/99).

Only associations whose statutes specifically include the defense of “specific rights and interests of immigrants and their descendents residing in Portugal” among their aims are classified as immigrant associations (Decree-Law 115/99). The pursuit of specific objectives, the demand for and political pressure on the administrative, political or economic powers to defend interests that are voluntarily and reciprocally shared by a group of individuals has made the associative movement a central tool in the process of economic, political and cultural change. The greater “dynamism of social ties established over geographical space” (Portes, 2006:16) makes immigrant associations particularly important interlocutors between the communities they represent and the host community, insofar as the development of national and transnational social networks (Castles, 2002b), integration as a “complex and multifaceted” process (Fonseca, 2003) and preservation of a common identity contribute towards consolidation of a symbolic power that is recognized in the political arena. Thus, the formal aspects of the association constitute guideposts for individual action.

Associations in the migratory context have their own distinctive characteristics (Decree-Law 115/99), and their main goals are to maintain and perpetuate the cultural values of the community of origin and to develop strategies to promote integration and incorporation of the immigrants into the host community. A third purpose of the associative movement arises from the transnational context where the many types of contact – economic, cultural, religious, and political – that immigrants maintain between the original and host communities are strong, due to space-time compression (Marques, 2008) and improvements in living conditions in the immigrants’ communities of origin. The associative movement in this context tends to be an element of “urban societies or rural societies involved in a rapid process of urbanization” (Carita *et al.*, 1993: 136) and serve as a kind of training field for future participation of individuals.

While the associative movement at the national level developed around ethnic criteria, geographic proximity or neighborhoods resulting from settlement of migratory flows and migratory origins (Albuquerque *et al.*, 2000; Leitão, 2008), in the archipelago this movement did not exist before now due to geographical constraints and the fledgling nature of immigration in the islands. Despite the occurrence of and increase in certain migratory flows over the past decade and to some extent consolidation of these, the presence of an associative movement in the Azores founded on intra-ethnic social interaction in specific and distinct geographical areas has not brought about an

effective regional associative dynamic.

As the local immigration process matures and greater numbers of immigrants occupy the islands, fostering the development of a true ethnic associative dynamic, the current tendency will likely be inverted. We believe that the development of associative movements to respond to needs that arise among individuals and communities in the context of immigration – whether these be symbolic or material – and the maintenance, preservation, and exaltation of their own cultural values will foster the development of a society with positive attitudes towards the phenomenon of immigration.

DERRICK MENDES ¹

References

1. Legislation

Decree-Law 115/99, of August 3rd.

2. Studies

Albuquerque, Rosana (2008). *Associativismo, Capital Social e Mobilidade: contributos para o estudo de uma participação associativa de descendentes de imigrantes Africanos Lusófonos em Portugal*, Doctoral thesis in Sociology of Migrations, Lisbon, Lisboa: Universidade Aberta. [Photocopied Text]

Albuquerque, Rosana *et al.* (2000). “O associativismo dos imigrantes em Portugal”, in *Janus 2001 – Anuário de Relações Exteriores*, Lisbon: Edição Público e Universidade Autónoma de Lisboa, pp. 198-199.

Carita, Cristina *et al.*, (1993). “Associativismo cabo-verdiano em Portugal: estudo de caso da Associação Cabo-verdiana em Lisboa”, *Sociologia Problemas e Práticas*, no. 13, pp. 135-152.

Castles, Stephen (2002a). “*Migration and Community Formation under Conditions of Globalization*”, Center for Migration Studies of New York, IMR, Volume 36, Number 4, pp. 1143-1168.

Castles, Stephen (2002b). “Estudar as transformações sociais”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, no. 40, 2002, pp. 123-148.

Ferreira, Eduardo (2004a). “População activa e imigração” in Rocha, Gilberta Pavão Nunes *et al.* (2004), *Imigrantes nos Açores: população e imigração nos Açores*, CES-UA: Ponta Delgada. (handout)

Fonseca, Maria Lucinda (2003). “Integração dos imigrantes: estratégias e protagonistas”, Presented at the “I Congresso

Imigração em Portugal – diversidade, cidadania e integração” [1st Congress on Immigration in Portugal – diversity, citizenship and integration], Lisbon, Fundação Calouste Gulbenkian, December 18-19, 2003.

Leitão, José (2008). “O processo de institucionalização das associações de origem imigrante” in Marques, M. Margarida (2008). *Migrações e Participação Social. As associações e a construção da cidadania em contexto de diversidade – o caso de Oeiras*, Lisbon: Fim de Século.

Machado, Fernando Luís (1997). “Contornos e especificidades da imigração em Portugal”, *Sociologia, Problemas e Práticas*, no. 24, pp. 9-44.

Machado, Fernando Luís (1999), “Imigrantes e estrutura social”, *Sociologia - Problemas e Práticas*, no. 29, pp. 51-76.

Marques, M. Margarida (2008). *Migrações e Participação Social. As associações e a construção da cidadania em contexto de diversidade – o caso de Oeiras*, Lisbon: Fim de Século.

Portes, A. (2006). *Estudos sobre as migrações contemporâneas. Transnacionalismo, empreendedorismo e a segunda geração*. Lisbon: Fim de Século.

Rocha, Gilberta Pavão Nunes *et al.*, (2005-2006). “O arquipélago dos Açores como região de fronteira” in *Arquipélago – História*, 2^a series, IX-X, pp. 105-140.

Rocha, Gilberta Pavão Nunes *et al.* (2004), *Imigrantes nos Açores: população e imigração nos Açores*, CES-UA: Ponta Delgada. (handout)

Rocha-Trindade, Maria Beatriz (1995). *Sociologia das Migrações*, Lisbon: Universidade Aberta.

SEF (2007). *Relatório Anual*, Ponta Delgada

¹ Sociologist – University of the Azores.



PARA SABER-SE AÇORIANO BASTA OLHAR DE FORA?

Lembrei-me então dos sentimentos da partida e seu longo percurso. A noite era fria e úmida; no cais, tristeza e esperança se confundiam; o barco que, encostado próximo a escada, irá nos levar ao navio a nos esperar distante.

Os ilhéus partem pensando na volta, crêem que quando retornarem serão recebidos com muito carinho por parentes e amigos, apresentando-se como uma montra, roupas novas e figurino simpático. Partem depois, deixando e carregando saudades, prometendo voltar em breve. Mas sempre uma adversativa a interrogar: por que emigrar? Muitas devem ser as explicações. A mais singela: pouca terra para muita gente ao lado de um mar infinito que provoca o imaginário sobre o desconhecido, o “Eldorado”. A volta do emigrante parece coroar uma imagem de final feliz. Engano. Certa vez, na condição de turista e a bordo de um táxi, perguntei ao motorista o que ele pensava sobre os emigrantes que pretendiam voltar em definitivo para a sua terra natal. A resposta foi rápida e crua: – Ora, eles saíram para ganhar dinheiro e nós ficamos aqui enfrentando; agora querem nos vir fazer uma concorrência desleal. Isso não está certo!

Foi o bastante para perceber que era bem-vindo enquanto visitante, não como concorrente para ocupar um espaço na sociedade insular.

Na minha reflexão sobre o acontecido, lembrei-me de um livro que li há muitos anos, “O primeiro Homem” de Albert Camus (1913-1960), um texto inacabado sobre a história dos colonos na Argélia. *Mutatis mutantis*, serviu-me de ilustração, embora a fase colonial no Brasil fosse passada quando lá cheguei, suas marcas não desapareceram qual aquela feita em brasa numa rês. Sempre se saberá quem é o dono. Não há dúvida que o emigrante no seu destino é estrangeiro que também irá concorrer com os autóctones. Logo, converte-se num apátrida, na ilha é americano, nas Américas é português.

Lembrei-me então dos sentimentos da partida e seu longo percurso. A noite era fria e úmida; no cais, tristeza e esperança se confundiam; o barco que, encostado próximo a escada, irá nos levar ao navio a nos esperar distante. Poderia ser o Carvalho Araújo ou o Lima. A tristeza é tamanha, mas não se desiste seria covardia; passa-se da Terceira para São Miguel, da Madeira até Lisboa; na última etapa poucos aparecem nos convés, o enjôo toma conta de quase todos. Surge a certeza de que Deus nos abandonou, a conjugação do mal-estar físico com a dor da alma. Sente-se só, não há referências, só céu e mar, nada mais.

Lisboa é uma cidade grande, muita gente, muitos veículos, as pessoas passam umas pelas outras sem conversar. Tudo parece impessoal, a tal ponto que são necessários letreiros luminosos para indicar a existência de alguma coisa. Finalmente, o transatlântico, é o navio Vera Cruz, que nos levará até o Brasil. É mais confortável, apesar das acomodações destinadas aos emigrantes serem a 3ª classe. Se Lisboa nos pareceu grande, imagine-se o Rio de Janeiro e depois São Paulo. O que não mudou foi a impessoalidade da convivência das pessoas nos grandes meios urbanos. O barulho pode provocar dores de cabeça. No transporte, as pessoas se acotovelam, e se uma mulher esboça um sorriso se deixa aproximar, corre-se o risco de ficar sem a carteira de dinheiro.

O local para se viver, se não possui parentes, é uma pensão com pessoas desconhecidas, o que me faz retornar a Camus – “a mesma chegada à noite num lugar miserável e hostil. Os mesmos homens e depois, e depois...”. O trabalho. Este não se escolhe, é o primeiro que aparecer; levanta-se às 5 horas da manhã para trabalhar até às 20 horas, sempre na mesma rotina, o percurso de ida e volta da pensão para

o emprego, como um burro na atafona moendo grãos, tendo no rosto os antolhos. Perde-se a noção da dimensão do que nos rodeia.

Depois de um longo período, a pequena poupança surge pelas circunstâncias, o pouco que sobrava, pois não havia tempo para gastá-lo. Mas, nem todos obtém o sucesso almejado. E de novo ouço a voz de Camus, falando sobre a situação dos colonos em Argélia – “...terminaram seus pequenos abrigos na primavera e depois tiveram direito ao cólera (...) Mais tarde, tinham construído a cidade com paredes de terra. Mas dois terços dos emigrantes tinham morrido...”

O Brasil, na maior parte das décadas do século XX, conviveu com doenças endêmicas, malária, cólera, doença de chagas, febre amarela e tantas outras, que colheram muitos emigrantes também. Isso sem falar daqueles que a fortuna não contemplou, sobrando-lhes a desilusão. A eles restaram os sonetos do nosso poeta maior:

“Com grandes golpes bato à porta e brado:
– «Eu sou o Vagabundo, o deserdado...
Abri-vos, portas de ouro, ante meus ais!»

Abrem-se as portas do ouro com fragor...
Mas dentro encontro só, cheio de dor,
Silêncio e escuridão – e nada mais!”

Os sobreviventes, bem sucedidos ou não, agarram-se às raízes num misto de nostalgia e realidade, conscientes da temporalidade irrecuperável. Não deixarão de ir, quantas vezes puderem voltarão às Ilhas, como já disse Álamo Oliveira – “há sempre uma esquina nunca dantes dobrada que dá para “paisagem” desconhecida e sempre alucinante.”

Por isso, é sempre bom voltar, mas para nunca ficar.

O hábito, o costume de viver na Ilha acomoda-nos a não perceber o entorno. É como o parisiense que passa pela Torre Eiffel sem vê-la.

Na Ilha, na superfície aérea das coisas, o tempo nublado, chuva e umidade, a ressalga do mar, os sismos, fazem parte da nossa adaptação ao meio ambiente. As rochas moldadas pela refração sísmica, frente às ondas do mar, os cerrados cercados por paredes, as hortênsias, as faias, os salgueiros e muito mais, fazem parte da nossa percepção visual.

Tudo isso é tão natural que não merece a atenção do residente insular.

As pessoas. Ah! As pessoas. Sentem solidão perante a imensidão do céu e do mar, mascaram-na com festejos, numa relação solidária de compadrio. E esse resgate manifesta-se de modo especial nas festas do Espírito Santo, fazendo crer ao mais simples camponês que, pelo menos um dia, será imperador, distribuirá pão, vinho e carne, e será admirado por todos.

A inóspita terra torna-se um torrão acolhedor. Criam-se relações sociais forjadas ao longo da vida, de geração em geração. E essas imagens e sentimentos ficam guardados com nitidez perfeita na memória do emigrante.

Como explicar?

Para C.G.Jung (1875/1961), “*a mente humana tem sua história própria e a psique retém muitos dos traços anteriores da sua evolução.*”. Por isso, mesmo as imagens que escapam da nossa observação imediata são captadas e guardadas. Se o parisiense não enxerga, no seu dia a dia, a Torre Eiffel, o emigrante, como o turista deslumbrado com a imagem monumental da torre, é tocado cotidianamente pelos símbolos retidos no inconsciente: um dia sombrio, uma pedra negra, um som. Aí, então, percebemos o quanto somos açorianos.

O leitor dirá que é uma explicação limitada, que não vai além do plano sensorial. Alguns argumentarão que não passa de sentimentalismo. Com muito boa vontade outros reconhecerão o empirismo vulgar de J.Locke (1632/1704). Os mais exigentes dirão que falta operar com a qualificação das sensações, tão bem elaborada por E.B.Condillac (1715/1780). Contudo, preocupa-me uma leitura equivocada de defesa do chamado determinismo geográfico, desenvolvido por Friedrich Ratzel (1844/1904), em sua tese de que haveria uma relação causal direta entre as características do meio-ambiente natural e as realizações do ser humano. Embora o autor tenha estudado as relações entre os emigrantes europeus no continente americano e outros grupos “raciais”, faltou-lhe introduzir a perspectiva histórica em suas análises. A leitura, por exemplo, de seu patrício e contemporâneo, Karl Marx (1818/1883), notadamente a 3ª Tese “Sobre Feuerbach”, quando diz que “...a doutrina materialista segundo a qual os homens são produto das circunstâncias... esquece que são precisamente os homens que modificam as circunstâncias...” Ou seja, há uma relação dialética entre o homem e o meio. O francês Vidal de la Blanche (1845/1918), que, embora não comungasse do marxismo, também rompe com o determinismo do século XIX, afirmando em seus estudos “que há um contínuo jogo de ação, reação e interação entre os grupos humanos e seus ambientes naturais.” Isto é, substitui a idéia do determinismo geográfico pelo possibilismo, pela capacidade do ser humano de agir e reagir.

A partir dessas rápidas reflexões é possível explicar a existência de um sentimento exclusivo de ser açoriano?

Havemos de buscá-lo no arquétipo de conteúdo simbólico do inconsciente coletivo, elaborado por Jung; ou teremos de relacioná-lo com as condições materiais que as circunstâncias impõem, certos de que sempre poderemos superar sem perder a identidade.

Mas será que tudo isso explica o sentimento de ser ilhéu, mesmo depois de 52 anos distante da Ilha.

Talvez a resposta seja muito mais complexa e esteja relacionada à ausência de tradução, em outros idiomas, da palavra saudade.

MANUEL HENRIQUE FARIAS RAMOS





REALIZING YOU'RE AZOREAN BY LOOKING FROM THE OUTSIDE IN

When islanders depart they're already thinking of their return. They think that when they come back, they'll be greeted with open arms by relatives and friends alike as they make their entrance dressed to the nines, sporting new clothes, and cutting a fine figure. Then comes time to leave, and they do so with a heavy heart, promising to return soon. But there's always that contrary voice in the background intoning: "why emigrate?"

Explanations abound-- the simplest being: too little land for too many people living beside a boundless ocean that sparks imaginings about the unknown – El Dorado. And the immigrant's triumphant return is just the crowning touch on his image of the happy ending. Wrong again!

Once, as a tourist, I asked a cab driver what he thought of the emigrants who intended to come home for good. His answer was swift and blunt: "They left to earn more money and we stayed behind to face the music; now they want to come back so they can wage unfair competition. It's just not right!"

Right there and then I realized that I was welcome as a tourist but not as a competitor intending to occupy a place in the island's society.

Reflecting on the incident, I was reminded of a book I had read several years earlier, *The First Man* by Albert Camus (1913-1960), an unfinished novel about the colonists in Algeria. With adjustments made to the plot, the book has served as an example I can relate to personally. Even though the colonial era was long gone when I got to Brazil, the marks it had left were still there---like a brand seared into a steer's flesh. There's no mistaking who calls the shots. And there is never any question that the immigrant in the host country is an outsider who will be competing with the natives. As such, he becomes a man without a country. On the island he's American; in the Americas, he's Portuguese.

Then I recalled the feelings that overtook me when I left, and the long journey. The night was cold and clammy; on the dock I felt a combination of sadness and hope. Moored next to a stairway was the boat that would take us to a ship waiting in the distance. The Carvalho Araújo or the Lima maybe. Though the sadness was overwhelming, you couldn't go back ---that would be cowardly. We went from Terceira to São Miguel and then from Madeira to Lisbon. On the last leg, few people came up on deck; seasickness had taken hold of nearly everybody. At that point, I was sure that God had forsaken us, such was the physical discomfort and the aching in my soul. How alone you feel. Just the dark sky and the sea and no guiding star in sight.

Lisbon is a big city: crowded streets, lots of cars. People pass each other without saying a word. Everything is impersonal - to the point where the existence of something has to be borne out by a neon sign.

Then finally the transatlantic voyage on the Vera Cruz that brought us to Brazil. Even the third class accommodations for immigrants were comfortable. Lisbon looked big to us, but Rio de Janeiro – and then São Paulo – were another thing altogether. Yet the anonymous way people relate to each other in an oversized urban environment were the same. The noise can give you a headache; people elbow you on public transportation; and if a lady gives you a faint smile and sidles up to you, you run the risk of losing your wallet.

If you have no relatives where you're going, you bed down in a cheap guest house with a bunch of other faceless occupants, which once again reminds me of Camus: "arriving at night in a run-down, hostile place. The same guys all over again, and then, and then ..." Work. Beggars can't be choosers. You take the first thing that comes along; you get up at 5 a.m. and work until 8 p.m., the same mind-numbing

drudgery day after day, trudging the same route back and forth from the guest house to your job like a jackass in the grist-mill with blinders on. And you lose every notion of the proportion of things around you.

Then, after a long time, and because of the way your life is regimented, you find you've scraped together a bit of money, simply because you haven't had any time to spend it. But not everybody manages to put a bit aside. And once again Camus' voice comes through, talking about the colonists in Algeria: "... in the spring their little shelters were gone and they earned the right to contract cholera (...) Afterwards, they built the city with mud walls. But by then, three quarters of the immigrants had died..."

During most of the 20th century, Brazil was plagued by a number of endemic diseases such as malaria, cholera, Chagas disease, yellow fever --- illnesses that also struck down the immigrant population. And then there were those that Lady Luck just refused to smile on; those who only ended up with pocketfuls of broken dreams and the right to those famous sonnets by the Azores' greatest poet, Antero de Quental:

"I beat on the doors and bellow
«I am the wanderer, the disinherited,
Hear my cries and open your golden doors.»

With a thunderous clang they open, the mighty doors of gold
But within I encounter only suffering untold,
Silence and darkness- nothing more!"

The survivors, successful or not, cling to their roots with a combination of nostalgia and realism, aware of the relentless march of time. They go back to the islands as often as they can since, as Álamó Oliveira has said, "there's always a corner that hasn't been turned, leading to a landscape that is unknown, fraught with fascination."

That's why it's always good to go back - but not for good.

Routine and the habit of living on the island inure you to your surroundings, like the Parisian who passes the Eiffel Tower without even noticing it.

On the island you find yourself acclimating to your environment: the cloudy skies, the rain and dampness, the earthquakes, the ocean's boundless brine. The rock formations molded by the shifting earth facing the sea waves, tracts of land surrounded by stone walls, the hydrangeas, the beeches, the willows, all form part of our visual perception of the islands. And it's so ingrained that the islanders don't even notice it.

Then there are the people. Ah, the people! Folk who feel lonely amidst the vastness of the sea and sky and mask the emptiness with festivals brimming with fellowship and fraternization. And this exuberant outpouring is all the more obvious during the festival of the Divine Holy Spirit, making the humblest peasant believe that one day he will be an emperor and give out bread, wine and meat, garnering the admiration of all.

Thus, this rugged land becomes a snug little nugget. Relationships are forged over a lifetime and then last generations. And these images remain crystal clear in the immigrant's mind.

How do you explain it?

Carl Jung (1875/1961) believed that, "the human mind has its own history and the psyche retains many traces left from previous stages of its development." That is why even the images that escape our immediate attention are captured and retained. The Parisian may not notice the Eiffel Tower in his day to day, but the emigrant, like the tourist dazzled by the overwhelming sight of the monument, is moved every day by the symbols he harbors in his subconscious: an overcast day, a black stone, a sound. And

that's when we realize how Azorean we are.

The reader might think this is a limited explanation, confined only to the senses. Some will argue that it's sheer sentimentality. Others, a bit more indulgently, will see in it the simple empiricism of John Locke (1632/1704). The more demanding will say that it needs to be tempered by the sensations so aptly described by Étienne Bonnot de Condillac (1715/1780). But I am more concerned with the skewed interpretation of Friedrich Ratzel (1844/1904) called environmental determinism. Ratzel in his work asserted that there was a direct causal relationship between the features of the natural environment and human achievement. Even though the author studied the relationship between European emigrants on the American continent and other "racial" groups, he failed to add a historical perspective to his analyses. The interpretation of his fellow countryman and contemporary Karl Marx (1818/1883), notably in his *Third Thesis on Feuerbach*, states that "the materialist doctrine asserting that men are the product of circumstance ... forgets that it is precisely men that alter circumstance" In other words, there is a dialectical relationship between man and his environment. And though the French geographer Vidal de la Blanche (1845/1918) did not share the Marxist view, he also breaks ranks with 19th century determinism when he states, "there is continuous interplay, reaction and interaction between human groups and their natural environments." In other words, he replaces the concept of geographical determinism with that of possibilism, whereby the human being has the ability to act and react.

In light of these fleeting reflections, is there any way to pinpoint the existence of a sentiment unique to Azoreans? Perhaps it should be sought in the symbolic archetype of the collective unconscious described by Jung; or pegged to the material conditions imposed by circumstance, realizing full well that we can always overcome without losing our identity.

But does all of this explain why one still feels like an islander even after having lived 52 years far from the island?

Maybe the answer is far more complex and maybe it has to do with the fact that there's no translation for the Portuguese word *saudade* in any other language.

MANUEL HENRIQUE FARIAS RAMOS





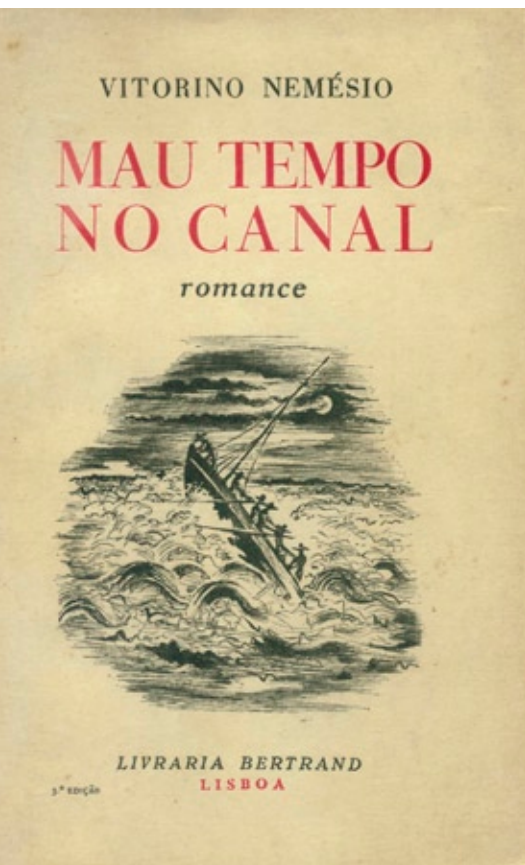
VIAGENS, O VIAJANTE E O TEMA DAS VIAGENS NA LITERATURA AÇORIANAⁱ

Existe, na produção literária do arquipélago dos Açores, uma preocupação subjacente com a emigração e com a busca daí decorrente de uma identidade que englobe as muitas realidades que a emigração traz, que não prevalece tanto no resto da literatura portuguesa.ⁱⁱ A literatura açoriana, um ramo da literatura portuguesa, explora mais frequentemente temas como os efeitos da emigração do que as obras literárias escritas por autores de Portugal Continental. Na literatura açoriana, a emigração como tema implica uma viagem, tanto mental como física, que causa transformações na personalidade da personagem, na sua mentalidade, na maneira como vê o mundo à sua volta, no seu desenvolvimento como pessoa e, em última análise, na forma como define a sua identidade (ou identidades).

Começaremos por explicar por que razão a emigração é um aspecto tão importante da identidade cultural açoriana examinando os factores históricos e literários que estão na origem da importância que lhe é atribuída na literatura açoriana. Em seguida, analisaremos a forma como o romance açoriano apresenta o tema da viagem e a figura do viajante, que decorre do tema da emigração, como uma das marcas da identidade cultural açoriana. Os romances analisados foram os seguintes: *Mau Tempo no Canal* (1944) de Vitorino Nemésio, *Gente Feliz com Lágrimas* (1997) de João de Melo, *Já Não Gosto de Chocolates* (1999) de Álamo Oliveira, e *Leaving Pico* (1999) de Frank X. Gaspar.

A emigração faz parte daquilo que molda a identidade cultural açoriana devido aos factores sociais, económicos e históricos que inicialmente moldaram esta sociedade. Os Açores desempenharam um papel importante naquilo que se pode definir como um factor fundamental da identidade nacional portuguesa: a era de expansionismo (também conhecido como período das Descobertas). O arquipélago dos Açores participou activamente na empresa portuguesa desde o seu início, fosse como destino de emigração destinada a povoar as ilhas, como ponto de partida de emigrantes para outras partes do mundo (colonial português), ou como local de acolhimento de viajantes. Devido à sua localização geográfica, os Açores tornaram-se rapidamente importantes para as viagens por mar, servindo de base e de local de abastecimento, em termos de tripulações e de bens materiais. A posição estratégica dos Açores no Atlântico também se tornou fundamental para o sistema de trocas comerciais entre a Europa e o continente americano, constituindo uma paragem obrigatória na travessia

do oceano, tanto para navios como para aviões.ⁱⁱⁱ Isto produziu, em algumas das ilhas, uma sociedade que se assemelha a uma encruzilhada entre vários locais, onde a interacção cultural se dá de uma maneira semelhante àquela que James



i O presente artigo é uma versão substancialmente revista de uma comunicação apresentada no IV Congresso Internacional da Associação de Literatura Comparada. A referida comunicação foi também o primeiro esboço dos capítulos 2 e 3 de um livro intitulado *The Metaphorical Tenth Island in Azorean Literature: The Theme of Emigration in the Azorean Imagination*.

ii Por literatura açoriana entende-se a literatura produzida por escritores açorianos em que se explora a identidade cultural açoriana. A expressão engloba autores do arquipélago e de fora do arquipélago, nomeadamente de Portugal Continental e da diáspora açoriana na América do Norte.

iii Veja-se Kenneth Maxwell, 'Portugal, Europe and the Origins of the Atlantic Commercial System', *Portuguese Studies*, vol. 8 (1992), 3-16, e Robert L. Santos 'Azores Islands', <http://www.csustan.edu/bsantos/azores.html>.

Clifford designa o hotel na sua analogia do hotel/motel.^{iv}

O papel do arquipélago devido à sua posição estratégica significa que havia muito contacto com outras culturas, bem como a possibilidade de os ilhéus deixarem as ilhas nos navios que ali faziam escala, fosse como substitutos de tripulantes ou como passageiros clandestinos.^v O destino da emigração açoriana mudou, seguindo as tendências da emigração mundial que teve início no século XIX, tendo-se registado uma diminuição do número de pessoas que iam para as colónias portuguesas a favor da América do Norte, que se tornou o destino mais popular. De início, estes migrantes partiam como tripulantes a bordo de baleeiros, estabelecendo comunidades na Nova Inglaterra, na Califórnia e no Havai. O final do século XIX também coincidiu com a ascensão do Estado-nação na Europa, que gerou uma consciência da identidade nacional, a que as pessoas davam expressão recorrendo à língua e à história.^{vi} Os Açores, embora isolados de Portugal devido à sua posição no Atlântico, mantinham-se mesmo assim em contacto com o mundo exterior através dos livros e jornais trazidos pelos navios que passavam pelo arquipélago. Enquanto os antropólogos exploravam a ligação entre o clima, a geografia e o carácter e identidade dos indivíduos na viragem do século, os intelectuais e escritores açorianos também começavam a manifestar interesse em encontrar uma identidade cultural açoriana específica. Pode dizer-se que poetas como Roberto de Mesquita (n. 1871, m. 1923) foram influenciados por estas ideias, pois nos seus poemas exploraram o efeito da natureza, do clima e do ambiente geográfico, bem como da sensação de isolamento e de abandono, na psique.^{vii} A obra de Mesquita também tem sido identificada como a primeira expressão literária e cultural de uma identidade cultural açoriana. No entanto, críticos açorianos como Pedro da Silveira argumentam que a identidade cultural do arquipélago se demarcou suficientemente da de Portugal desde o início, não sendo portanto exclusivamente fruto dos processos de contacto cultural histórico.

As ideias sobre a identidade cultural açoriana podem ser consideradas um elemento fulcral da geração de intelectuais e autores açorianos da década de 1930, que também acrescentariam o papel histórico das ilhas e os efeitos de emigração às suas definições dessa mesma identidade. Vitorino Nemésio é um desses intelectuais e veio a tornar-se uma figura muito influente não só na literatura açoriana, mas também na portuguesa. Estes intelectuais açorianos, que haviam estudado principalmente em Coimbra, entraram em contacto com as influências literárias do modernismo brasileiro e do neo-realismo português, que mais tarde desempenhariam um papel fundamental na formação das literaturas cabo-verdiana e açoriana. É importante salientar aqui a relação e a troca de ideias significativas entre os escritores e intelectuais açorianos e cabo-verdianos na década de 1940, que, no caso dos Açores, contribuíram directamente para a formação e expressão de uma identidade cultural regional açoriana distinta através da literatura.

iv Clifford estabelece a distinção entre a experiência da viagem e a estruturação de certas sociedades com base na analogia do hotel e do motel. Explica que certas sociedades funcionam como um hotel, um sítio onde os viajantes permanecem durante algum tempo, interagindo mais facilmente com a população local e entre si. Pelo contrário, num motel, a interacção e convívio entre a população local e os viajantes é menos frequente, ou menos fácil. Clifford categoriza a experiência de viajar de uma determinada sociedade com base na interacção e nos processos de contacto das diferentes culturas que geram uma sociedade mais cosmopolita, ou que moldam e afectam a cultura da sociedade de uma maneira específica. Veja-se James Clifford, “Travelling Cultures”, *Routes, Travel and Translation in the Late Twentieth Century* (Harvard: Harvard University Press, 1987), 14-46.

v Veja-se Robert L. Santos, ‘Azorean Migration’, <http://www.library.csustan.edu/bsantos/migrat.html>

vi Esta ideia representa aquilo que Benedict Anderson denomina “comunidades imaginadas”, em que a consciência colectiva gerada por uma língua e uma história comuns dá origem ao sentido de identidade que está na base do Estado-nação. Ernest Gellner acrescenta que o choque da Revolução Industrial, a ascensão do Estado politicamente centralizado e a demarcação das etnias no século XIX também contribuíram para a ascensão do nacionalismo e da identidade nacional. Para mais informação veja-se Benedict Anderson, *Imagined Communities: Reflections on the Origins and Spread of Nationalism* (Londres: Verso, 1989), e Ernest Gellner, *Nations and Nationalism* (Oxford: Blackwell Publishers, 1993).

vii Veja-se José Enes, ‘Açorianidade de Roberto de Mesquita’, in Onésimo Teotónio Almeida, ed., *A Questão da Literatura Açoriana* (Angra do Heroísmo: Colecção Gaivota, 1983), 35-42, p. 38.

Esta geração de escritores açorianos ficou conhecida como a *Geração Gávea*,^{viii} a qual teve a preocupação de realçar uma identidade cultural açoriana definida e diferenciada da de Portugal Continental através da literatura. Essa diferenciação fazia-se com base na descrição do ambiente das ilhas, por vezes através da utilização de imagens literárias específicas, tais como o sentimento de clausura na ilha, por exemplo, ou da tentativa de reproduzir algo que se aproximasse do sotaque açoriano. Na identidade cultural açoriana proposta por estes autores, encontramos também a ideia de que o homem é um produto de uma sociedade específica, influenciado pelo seu ambiente e pela necessidade de se libertar daquilo que o condiciona. Para esse efeito, os escritores açorianos, tal como os seus congéneres cabo-verdianos, usaram a emigração como um tema, de modo a poderem descrever os seus efeitos na sociedade açoriana e explorar o sentimento de viagem do indivíduo na construção do seu eu, em relação à sociedade que o rodeia.

A geração seguinte de escritores açorianos pertence ao nosso período e é encabeçada por escritores como Onésimo Teotónio Almeida, Álamo Oliveira, ou João de Melo, para citar apenas alguns. Esta geração dá continuidade à imagética e aos temas da *Geração Gávea*, incorporando elementos do pós-modernismo na sua representação daquilo que constitui o carácter açoriano. Utilizando o pós-modernismo, os autores procuram produzir, através do texto, versões e percepções alternativas do mundo à sua volta. Na literatura, isto pode traduzir-se, por exemplo, na fragmentação do eu dentro da sociedade, na ideia do eu como algo que é fluido e subjectivo, e ainda na análise daquilo que constitui a identidade num determinado contexto. O pós-modernismo açoriano na literatura aborda as questões na óptica da condição cultural de ser açoriano, considerando por exemplo o efeito da emigração, a sociedade, o clima ou as relações com outras personagens e sociedades. Ao fazê-lo, esta geração de autores açorianos produz um diálogo com os seus congéneres açorianos em Portugal e na comunidade emigrante açoriana da América do Norte. Isto cria um acervo literário que se preocupa em examinar a sua percepção daquilo que significa ser “açoriano” nos diversos contextos: no arquipélago, em Portugal Continental e como emigrante na América do Norte. Com efeito, esta geração de escritores açorianos cria uma trama de escritos em que surge uma relação simbiótica entre os autores, enriquecendo a busca literária de uma identidade cultural açoriana.

O tema da emigração é, portanto, uma preocupação constante das gerações de escritores açorianos que usam a história do arquipélago para realçar a sua especificidade cultural através da literatura. A emigração como tema da literatura açoriana é, portanto, analisada para determinar o seu impacto social não só naqueles que partem, mas também naqueles que permanecem nas ilhas. Este tema explora o desenvolvimento do ilhéu e a sua dependência das convenções e do comportamento sociais, que está também ligado à forma como o ilhéu se define, ou é definido por terceiros. Daqui resulta a descrição de uma viagem pessoal que dá expressão à manifestação de factores sociológicos e históricos que moldam uma sociedade de emigrantes como os Açores e a experiência de emigração dos seus membros.

Em *Mau Tempo no Canal*, o primeiro romance a ser analisado no presente artigo, a viagem pessoal é vivenciada pela personagem principal, Margarida. Margarida está dividida entre o desejo de deixar a ilha, com as suas convenções insulares rígidas, e permanecer na ilha, seguindo o caminho traçado para ela pelas convenções sociais, o que significa que tem de fazer um bom casamento para salvar a sua família da ruína financeira. A emigração é apresentada como uma viagem rumo a uma vida livre das convenções sociais e familiares, um salto para o desconhecido que a levará para longe da estase e da claustrofobia do ambiente insular. É também uma busca ou odisséia para escapar à condição de insularidade de que fala Machado Pires.^{ix} O pequeno segmento da sociedade a que pertence a classe social de Margarida, a classe alta, apresenta-nos uma sociedade estratificada, em que o indivíduo não consegue seguir os seus desejos nem comportar-se de forma a fugir às regras estabelecidas, e também não consegue escapar a esta situação de clausura pessoal e social devido a factores e pressões sociais. Deixar a ilha é impossível para Margarida por razões

viii Veja-se Pedro da Silveira, ‘Aqueles Anos de 1940 e tal’, in Onésimo Teotónio Almeida, *Da Literatura Açoriana: Subsídios para um Balanço* (Angra do Heroísmo: DRAC, 1986), pp. 33-42.

ix Veja-se António M. B. Machado Pires, ‘A Viagem na Literatura Açoriana’, *A Carreira da Índia e as Rotas dos Estreitos. Actas do VIII Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa* (Angra do Heroísmo: 1998), pp. 859-71.

sociais, a não ser que o faça acompanhada de um marido. Mesmo assim, só pode partir por um breve período de tempo e depois voltar. O seu irmão, por outro lado, pode deixar a ilha para desenvolver a sua carreira profissional, devido à falta de oportunidades nas ilhas. É efectivamente obrigado a partir, de modo a amadurecer através das experiências que lhe trarão as viagens pelo estrangeiro. De certa maneira, a família de Margarida surge neste romance como guardião do código moral e social da ilha, que impede Margarida de violar as convenções sociais e o modelo comportamental que se espera da sua classe social realizando o seu desejo de deixar o ambiente da ilha.^x

Apesar de todos os obstáculos que enfrenta, Margarida deixa efectivamente a ilha por duas vezes: uma ao acompanhar uma expedição de caça à baleia, e a segunda vez por ocasião da sua lua-de-mel. De ambas as vezes, Margarida regressa à vida de conformidade social e isolamento do ambiente insular, que a impede de realizar os seus desejos. A expedição de caça à baleia representa uma viagem figurativa de transição para a vida adulta, na medida em que, ao ficar isolada da sua família, tem tempo para avaliar a sua situação.^{xi} Representa também uma intervenção da Natureza na sua vida, que influenciará as suas decisões a partir desse momento. Esta intervenção repete-se com o seu tio, que se vê impossibilitado de deixar a ilha devido a causas naturais, nomeadamente a doença que causa a sua morte após ter decidido regressar a Inglaterra. Há dois factores que ajudam Margarida a acabar por decidir seguir as convenções da ilha e a pôr de lado o seu desejo de abandonar o ambiente insular. Por um lado, na expedição de caça à baleia, acaba por ficar na casa de família do marido que lhe fora destinado – sendo assim preparada, condicionada e aceite pela nova família. Por outro lado, o seu tio, o seu outro pretendente e passaporte para sair da ilha, está a morrer. Não surpreende portanto que, ao regressar ao seio da sua família após a expedição, Margarida tenha amadurecido e esteja disposta a aceitar o casamento de conveniência. No entanto, ao fazê-lo, perde a sua sede de liberdade pessoal. A viagem de lua-de-mel tem de ser vista no contexto da sua viagem para a vida de casada e para um novo eu, imposto pela sociedade. Com estas duas viagens, Margarida atinge um estado em que se encontra efectivamente isolada na ilha, presa pela força da realidade social, das convenções sociais e da Natureza, que intervêm para a impedir de deixar o ambiente insular emigrando. Emigrar torna-se, por conseguinte, uma viagem mental de desejo, uma fuga mental à clausura física da terra e dos deveres sociais que tem de suportar.

Podemos considerar que a emigração é o tema central do romance *Gente Feliz com Lágrimas*, em que três personagens emigram para fugir à pobreza, à falta de oportunidades e à opressão social do ambiente insular. A família é também uma das razões por detrás da necessidade que Nuno, Amélia e Luís Miguel sentem de emigrar, a necessidade de se afastarem de um pai abusivo e superprotector, que põe em causa a sua liberdade pessoal. A emigração é apresentada, mais uma vez, como uma forma de fugir às convenções sociais que obrigam a seguir os desejos da família em detrimento dos do indivíduo; neste romance, aqueles que emigram fazem-no para se afastarem de uma relação superprotectora e abusiva com o pai. Contudo, o próprio acto de emigrar gera uma crise nas personagens. Ao afastarem-se de figuras de autoridade – como, por exemplo, o pai – e ingressarem em instituições religiosas a fim de deixar a ilha, Nuno e Amélia vêem-se numa situação em que estão deslocados e que compromete a sua auto-imagem, deixando de ter qualquer controlo sobre a sua vida, ou qualquer rumo. A ausência de uma figura de autoridade leva-os a procurar algo em que se possam basear para se definirem, de modo a poderem controlar a nova situação em que se encontram. Ao longo da narrativa, vemos como Nuno não consegue fazer o seu casamento funcionar por não ser capaz de se reconciliar com o facto de se ter afastado e isolado da família nem esquecer a ilha e andar com a sua vida para a frente. Amélia sai do convento indo para a África portuguesa e mais tarde para o Canadá, tentando

x Para uma análise mais aprofundada da posição das mulheres na sociedade insular, veja-se Manuel Urbano Bettencourt, “*Mau Tempo no Canal – Mulheres cercadas*”, *Insulana* (Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1994), pp. 93-105, e Heraldo da Silva, “A Mulher Açoriana na Prosa de Vitorino Nemésio – Da Submissão à Tentativa de Libertação” *Gávea-Brown Vols. XIX-XX* (Jan. 1998-Dez. 1999), pp. 73-84.

xi A interpretação que Urbano Bettencourt faz desta viagem entre as ilhas coloca Margarida duplamente numa ilha, em termos figurativos e espaciais. Veja-se Urbano Bettencourt Machado, “*Mau Tempo no Canal – a Reinvenção dos mitos*”, *Vitorino Nemésio. Vinte Anos Depois* (Lisboa: Edições Cosmos, 1998), pp. 393-403.

construir uma vida, mas a recordação do pai e da forma como este condenara os seus actos, nomeadamente o facto de ter deixado a ilha para ingressar numa ordem religiosa, impede-a de encontrar a paz interior. Esta incapacidade de encontrar a paz interior também se manifesta no seu casamento infeliz. Luís Miguel escapa à autoridade repressiva do pai – bem como à do Estado – emigrando para o Canadá, apenas para se sentir deslocado e impotente em relação às instituições canadianas que o usam como mais um simples migrante, uma ferramenta descartável entre as muitas de que dispõem. Esta impotência é acentuada pela deficiência que adquire devido a um acidente de trabalho, que o deixa impossibilitado de trabalhar e que, aos seus olhos, o marginaliza ainda mais na nova sociedade em que vive.

O conflito entre parâmetros identitários que as principais personagens enfrentam nestas narrativas açorianas, na sua tentativa de conciliarem a sua individualidade com as pressões resultantes da necessidade de se conformarem às convenções sociais da ilha na sua viagem de desenvolvimento pessoal, muda quando a acção decorre inteiramente no contexto da emigração. O conflito que nos é apresentado passa a ser entre a sociedade insular e o novo contexto social. Assim, a personagem principal tem de encontrar uma solução de compromisso entre os parâmetros identitários e a necessidade de autodefinição após a emigração. A sua odisseia pessoal torna-se uma viagem emocional, uma busca de uma felicidade utópica, de pertença e de um eu que seja capaz de aceitar o sentimento de deslocamento.^{xii}

Em *Gente Feliz com Lágrimas*, Nuno, Amélia e Luís Miguel afastam-se de uma situação em que os seus parâmetros identitários são claramente definidos em termos da pertença a uma família e a uma sociedade e entram noutra em que os seus parâmetros identitários estão fragmentados, na medida em que não conseguem deixar para trás o passado e deixar-se assimilar pela nova sociedade. Com efeito, as personagens deste romance entram num ciclo interminável de desilusão, em que se deixam escravizar pela busca de algo que perderam em consequência do próprio acto que realizaram para encontrar a liberdade pessoal e uma individualidade que lhes era negada na ilha. Além disso, ao emigrar, ingressaram em sociedades que lhes pediram para se integrarem numa cultura unificada, o que os leva mais uma vez a ficar condicionados por um outro conjunto de valores e parâmetros identitários que lhes negam a liberdade individual que procuravam. Assim, Nuno, um escritor, define-se em termos de sua infância na ilha através dos seus romances, não conseguindo, portanto, integrar-se inteiramente na sociedade de Portugal Continental. Amélia e Luís Miguel não conseguem deixar para trás o seu passado insular a fim de se identificarem como elementos da nova sociedade. A morte de ambos os progenitores provoca uma viragem na narrativa, que permite aos filhos andarem para a frente. Leva-os também a aperceberem-se de que transferiram a autoridade no seio da família do pai para si mesmos, como indivíduos dessa família, ao assumirem a responsabilidade e o controlo do destino da mesma. O acto de trazerem os pais da ilha para a nova sociedade e o seu pedido para que Nuno contasse a história da família são decisões conscientes tomadas para se reconciliarem com o passado, construindo a sua própria história e apropriando-se dela e da sua identidade pessoal como algo que tinha as suas raízes nos Açores.

A construção da história da família por Nuno em *Gente Feliz com Lágrimas* constitui um acto de reconciliação entre o passado e o presente, criando assim um novo significado, ou uma definição utópica, para a família. Desta forma, os membros da família conseguem encontrar a estabilidade e assumir o controlo da sua vida e da sua percepção do eu, anulando os efeitos desestabilizadores causados pela emigração para longe da ilha e dos parâmetros identitários que esta lhes fornecia. Contudo, esta medida apenas ajuda os membros da família que emigraram para o Canadá. Para Nuno, que se mudou para Portugal Continental, o processo é ligeiramente diferente. Quando o seu casamento entra irremediavelmente em ruptura, Nuno regressa à ilha numa tentativa não só de reencontrar os parâmetros da

xii A noção de utopia pressupõe uma busca permanente de algo que se idealiza e que é inatingível, o que dá origem a uma viagem, mental e física, colocando o indivíduo perante uma série de situações que põem à prova a sua capacidade de se adaptar e evoluir de modo a atingir um determinado objectivo. A utopia é, por natureza, qualquer coisa que nunca se atinge, já que a percepção do estado idealizado de felicidade e contentamento é constante e servirá sempre de termo de comparação e contraste com a percepção da insatisfação do presente. Para mais informação veja-se Jan Relf, 'Utopia and the Good Breast: Coming Home to Mother', e Krishan Kumar, 'The End of Socialism? The End of Utopia? The End of History?', ambos in Krishan Kumar e Stephen Bann, eds., *Utopias and the Milenium* (Londres: Reaktion Books, 1993), pp. 107-28 e 63-80, respectivamente.

identidade da infância, mas também para reassumir o controlo da sua vida. No entanto, ao regressar, a sua identidade fragmenta-se produzindo um *alter ego* literário, Rui Zinho, com quem Nuno conversa de modo a ver a sua vida, e o mundo à sua volta, de uma posição de distanciamento. Nuno sente que está assombrado pelo fantasma do passado, da sua infância, que ainda não conseguiu vencer. Está também assombrado pelos fantasmas que deixou para trás no mito recém-construído da história da família, e tenta dissimular as fissuras deixando por resolver as questões que afectam as relações entre os seus vários membros. Para Nuno, a fragmentação de que resulta o seu *alter ego* fá-lo compreender que está a procurar uma narrativa identitária alternativa inadequada para se definir, não só nas suas obras de ficção mas também na sua vida pessoal. Rui Zinho dá expressão, portanto, a um conflito interior, em que a confrontação entre os acontecimentos do passado (a sua vida na ilha e o seu casamento) e do presente (a morte dos seus pais e o divórcio) se desenrola até produzir o sentimento de que está em paz com o seu próprio eu, o que cria um novo conjunto de parâmetros identitários pessoais. No entanto, no fim do romance, a questão não está resolvida e dá-se a entender que Nuno irá permanecer eternamente num ciclo de redefinição e recriação pessoal.

Este ciclo de redefinição e recriação é também explorado no romance de Álamo Oliveira, *Já Não Gosto de Chocolates*, que gira em torno da decisão tomada por uma família açoriana de emigrar para a Califórnia, na década de 1950. À medida que o romance se vai desenrolando, assistimos não só à fragmentação da percepção que a personagem principal tem de si mesma após a decisão de emigrar, mas também da percepção que os membros da família têm uns dos outros. No romance, isto está patente, por exemplo, na mudança dos nomes das personagens depois de emigrarem, na forma como cada uma delas rejeita o seu nome português a favor de um nome americano, a fim de se integrarem e tentarem compreender quem são na nova sociedade. Por exemplo, José Silva, o pai de família e principal personagem do livro, torna-se Joe Sylvia; Maria de Fátima, a sua mulher, passa a chamar-se Mary, e assim por diante. De certa maneira, a ideia apresentada no romance é a da confrontação do eu fragmentado com uma imagem idealizada daquilo que esse eu deve ser na nova situação. Partindo desta ideia, o romance pode ser visto, também, como uma exploração do processo de superação da fragmentação que resulta daquilo que é visto como uma perda a muitos níveis decorrente da decisão de emigrar: a perda do ambiente e dos costumes sociais conhecidos da ilha no novo ambiente; a perda do código moral e de conduta da ilha, que é considerado melhor do que o do novo ambiente; a perda do sentimento de pertença à sociedade insular, e a separação que daí decorre em termos temporais e mentais, bem como aquilo que é tido como a precariedade da “pertença” à nova sociedade; e a perda da interacção pessoal e familiar à medida que a família se vai integrando na nova sociedade.

Se virmos o romance de Álamo Oliveira como uma exploração da fragmentação e da perda sofridas a muitos níveis pelo emigrante açoriano, a história da família narrada por José/Joe, que se desenrola entre reminiscências do passado e o seu presente, apresenta-se como uma análise da adaptação da sua família à nova sociedade, que o conduz para um estado de impotência progressiva, em que se convence de que a sua autoridade e posição se foram gradualmente erodindo depois de ter emigrado. Ao realizar essa análise, José/Joe debruça-se sobre as suas tentativas para preservar os costumes e comportamentos insulares exercendo um controlo apertado de todos os membros da sua família, e procurando dessa forma reduzir as perdas a muitos níveis causadas pela nova sociedade. Todavia, ao fazê-lo, contribui para um processo de maior fragmentação nos restantes membros da família, que mais tarde conclui dever-se tanto aos seus próprios actos como àquilo que considera ser o efeito corruptor da nova sociedade.

Voltando à forma como José/Joe narra a história da sua família, serpenteando entre o passado e o presente, podemos considerar também fragmentada a construção do romance.^{xiii} Como leitores, acompanhamos o pai ao contar a história da sua família, contribuindo para as numerosas interpretações do tema da viagem que se podem inferir desta obra: a história da emigração da família, a história da mudança e evolução de cada personagem, a ideia de que

xiii O mesmo se poderá dizer da maneira como a obra de João de Melo, *Gente Feliz com Lágrimas*, está estruturada. Por uma questão de espaço, não expomos aqui esta interpretação, mas é possível encontrá-la in Carmen Ramos Villar, “João de Melo: A Happy Emigrant with Tears” in Carmen Ramos Villar e John Kinsella, eds., *Mid-Atlantic Margins, Transatlantic Identities: Azorean Literature in Context* (Bristol: University of Bristol Press, 2007), pp. 105-123.

a viagem (ciclo) da vida termina com a morte, etc. No entanto, há que não esquecer que o que estamos a ler é o relato de um membro da família, José/Joe, que recorda e analisa o passado para tentar compreender o presente. É aqui que podemos ver o fosso crescente, a fragmentação entre os membros da família causada pelo facto de José/Joe ser o único membro da família a resistir à adaptação total depois de emigrar. Esta resistência explica a desilusão perante o facto de ter encontrado a riqueza material à custa da riqueza emocional.

A história que José/Joe nos conta dá, supostamente, a cada um dos membros da sua família uma oportunidade igual de fazer ouvir a sua história, o que permite analisar os efeitos do conflito e das perdas sofridas por cada um deles depois de emigrarem. Embora haja uma tentativa de proporcionar um fórum em que todos os membros da família possam expor os seus pontos de vista, não é apresentada uma solução para o conflito geracional – em parte porque a história de todos os membros da família foi contada por José/Joe, que, mesmo no fim da narrativa, não consegue encontrar uma solução para este conflito. Assim, o relato que apresenta dos actos de revolta dos seus filhos contra



a autoridade paterna reflectem a sensação de impotência do pai – porque é o pai que conta a história e, como tal, vemos como José/Joe é colocado, e se coloca a si mesmo, numa procura interminável de respostas. Aos olhos do pai, a incapacidade aparente dos seus filhos para conciliar os costumes da ilha e as exigências de assimilação da nova sociedade é vista como incapacidade de situar as suas origens açorianas no contexto apropriado da sociedade de imigração. O facto de a história ser contada sob a perspectiva de José/Joe, também contribui para a negatividade em torno da experiência de emigração de cada membro da família. No relato de José/Joe, a sua percepção negativa da vida após a emigração influencia a forma como vê a vida dos seus filhos. Para ele, o acto de ter emigrado é a explicação lógica do fracasso, efectivo ou iminente, das relações entre os vários membros da família e destes com os respectivos parceiros. À medida que cada membro da família vai sendo examinado por José/Joe, é interessante constatar que as únicas relações que parecem ter resultado e que venceram as provas que a nova sociedade supostamente lhes impôs são aquelas que mantêm um laço ténue com a ilha. Assim, o casamento de José/Joe com Maria de Fátima/Mary e a relação homossexual de João/John com Danny são considerados bem sucedidos porque tanto o pai como o filho estão à procura de uma ilha – que cada vez mais se nos apresenta mítica – para servir de sucedâneo espiritual da que deixaram para trás ao emigrar. Quanto aos restantes membros da família, o que se infere é que, de algum modo, passaram a estar sob a influência negativa da nova sociedade. Esta é vista, por conseguinte, como sendo de certa maneira corruptora: cada filho é aparentemente “punido” com a morte, a doença, a deterioração das suas relações com os outros e mesmo com aquilo que se

dá a entender ser a corrupção da sua personalidade. A degradação deu-se seja por terem sido “seduzidos” por aquilo que é tido como o materialismo e a superficialidade da nova sociedade, seja porque esta interfere de algum modo na relação do indivíduo com a ilha, gerando assim um conflito espiritual interior.

O único membro da família que não se pode considerar incluído nesta categoria dos que foram “punidos” ou “corrompidos” é a criança mongolóide que nasceu do casamento de António/Tony (o filho mais velho) e Milú (a açoriana paupérrima transformada em mulher de sociedade ambiciosa nos EUA). Sem nada ter a ver com o símbolo da deterioração das relações familiares perante os efeitos aparentemente corruptores da nova sociedade, a criança mongolóide também pode ser vista como herdeira da incapacidade da segunda geração para assimilar os novos valores, mantendo simultaneamente os velhos valores insulares e apresentando essa incapacidade como um defeito ou deformação na criança inocente. A estreita relação entre a criança mongolóide e José/Joe simboliza também a aceitação deste último das suas limitações e impotência perante as mudanças efectuadas pela nova sociedade. A morte de José/Joe no fim do livro é também apresentada como aceitação dos acontecimentos – e consequências –

das decisões tomadas durante a vida e também como início de mais uma viagem para um outro estado. Assim, o conflito entre o passado na ilha e o presente no país de emigração, o facto de não se equacionar o romance da vida do emigrante com a realidade não romanceada da emigração, torna-se um símbolo da luta constante do emigrante com várias mudanças espaciotemporais que contribuem para a construção de um eu que incorpore essas mudanças. As mudanças espaciotemporais têm um preço, como, por exemplo, a mudança de nome ao entrar nos Estados Unidos, ou o acto de rapar o bigode a José/Joe quando este vai para um lar, o que lhe rouba o último elemento de virilidade da construção do seu eu e constitui, simultaneamente, a primeira das rendições pessoais finais e a aceitação de que perdeu tudo o que tentara preservar. A forma como a narrativa joga com as perdas a muitos níveis vivenciadas por José/Joe e pela sua família permite uma análise das perdas sofridas pelo emigrante na nova sociedade, perdas essas que são causadas, em primeiro lugar, pela decisão de emigrar e que iniciam um processo mediante o qual o emigrante fica preso numa situação que, ao regressar à ilha, o impede de se sentir enquadrado no ambiente insular, pois a sociedade insular que encontra já não corresponde à da ilha imaginada.

A fragmentação da família após a emigração é também uma preocupação na obra de Frank X. Gaspar, *Leaving Pico*. O controlo asfíxiante que a Tia Theophila exerce sobre a sua família ao tentar preservar e inculcar os valores insulares assemelha-se ao de Joe Sylvia em *Já Não Gosto de Chocolates* e tem as mesmas consequências. O seu desejo de controlar as aparências sociais decorre da sua necessidade de preservar os parâmetros identitários da família como “Picos”, por oposição a serem identificados como americanos ou como “Lisboas”.^{xiv} Esta tentativa da Tia Theophila de salvaguardar os parâmetros identitários é o que está por detrás do desenvolvimento da narrativa do romance e da análise que este faz da confrontação social e familiar: a mãe de Josie foge com Carmine, um “Lisboa”, depois de a Tia Theophila tentar pôr fim à relação, e o irmão da Tia Theophila (avô de Josie), John Joseph, sai de casa periodicamente para viver breves romances com não açorianas. O próprio acto de proteger os costumes da sua ilha de origem através da observação de rituais e usos açorianos, ou através de visões religiosas, ajuda a Tia Theophila a afirmar o seu controlo sobre qualquer situação que sinta fugir à sua esfera de influência. Contudo, estas tentativas de recuperar o poder são ignoradas e depreciadas ao longo da narrativa pelas outras personagens e são vistas como uma rejeição gerada pela necessidade de assimilar algo que é diferente e pela incapacidade de adaptação ao ambiente social do país de imigração. Tanto John Joseph como a mãe de Josie sentem a necessidade de se afastar para prosseguirem a sua viagem pessoal, uma pseudo-emigração para tentarem libertar-se dos parâmetros identitários asfíxiante da ilha que a Tia Theophila procura preservar.

O crescimento e o alcançar da maioridade, o tema central de *Leaving Pico*, dependem da personagem regressar de uma viagem exterior que provoca uma mudança interior, lembrando a viagem de Margarida em *Mau Tempo no Canal*. A Tia Theophila condena a mãe de Josie devido ao seu culto das aparências, e também devido ao facto de Carmine pertencer a um meio diferente e, além disso, ser um “Lisboa”. O facto de a mãe de Josie ter cometido um erro no passado tendo uma criança fora do casamento é apontado pela Tia Theophila que, ao fazê-lo, realça o comportamento da mãe de Josie como algo que não se coaduna com os valores morais considerados aceitáveis nas ilhas e que mancha a honra da família. A Tia Theophila pretende prevenir actos susceptíveis de comprometer

xiv Os termos “Pico” e “Lisboa” são eufemismos que designam um emigrante oriundo dos Açores, mais concretamente da ilha do Pico, por oposição aos que são originários de Portugal Continental. Leo Pap sustenta que a diferença de origem geográfica entre os migrantes gera uma tensão histórica em que a identidade é celebrada não só como uma questão de intelectualidade, mas também como um meio de criar um sentido de comunidade e de gerar apoio. Isto decorre da realidade social de Portugal, onde Salazar, Presidente do Conselho da República Portuguesa entre 1930 e 1968, impôs um sistema extremamente centralizado, o que significava que, para muitos portugueses que não residiam no Continente, ser “português” significava adoptar os costumes de Lisboa. A sociedade americana permitiu que os emigrantes portugueses não oriundos do Continente expressassem uma identidade alternativa à que era imposta por Lisboa. Segundo Leo Pap, esta situação levou a confrontações, tal como este autor nos diz na seguinte citação: “Em alguns locais, em alguns períodos, o elenco não era uma formação de continentais contra ilhéus, mas sim de continentais e madeirenses contra açorianos”. Para uma explicação mais pormenorizada desta realidade veja-se Leo Pap, *The Portuguese Americans* (Boston, Massachusetts: Portuguese Continental Union of the USA, 1992), p. 159.

novamente a sua honra. A fuga com o amante tem de ser vista como um desafio à autoridade da Tia Theophila e, por extensão, aos parâmetros de conduta social das ilhas, que são vistos como algo que não tem um lugar dentro dos parâmetros comportamentais da nova sociedade. A mãe de Josie regressa devido ao sacrifício que representa a perda de contacto com a família e com a sua filha. Sacrifica, por sua vez, a sua própria felicidade e a sua liberdade pessoal. No entanto, o seu sacrifício traz consigo uma força renovada, na medida em que passa a conseguir opor-se à autoridade da tia, alterando o equilíbrio de poder dentro da família e afirmando um novo conjunto de valores para contrariar a autoridade da tia. Por outras palavras, a perda de liberdade emocional tem um preço, mas faz parte de uma viagem pessoal em que ela consegue finalmente contestar as convenções sociais das ilhas e substituí-las por algo que concilia os valores sociais das ilhas e da nova sociedade.

Uma outra forma como as convenções sociais das ilhas são contestadas neste romance é através da viagem de Josie com John Joseph para irem à pesca. Esta viagem dá a Josie tempo concreto longe da influência da sua tia-avó, permitindo também um distanciamento suficiente para que o seu avô lhe apresente uma perspectiva diferente com base na qual pode fazer os seus próprios juízos pessoais, tornando-se independente e seguro de si mesmo. A distância permite que Joseph faça Josie embarcar numa viagem mental em que este aprende a assumir responsabilidade pelos seus próprios actos. Toma também conhecimento do passado da sua família, que a sua tia tenta esconder apresentando versões alternativas dos acontecimentos. Nestas idas à pesca, o avô ajuda-o a construir uma história da família, situando-a num passado distante em que os seus antepassados eram exploradores que emigraram para formar uma colónia, levando consigo mitos e símbolos da história de Portugal e apropriando-se deles para glorificar o passado da família e assim criar parâmetros identitários homogéneos e legítimos. John Joseph permite que Josie continue a viagem que a família iniciou ao emigrar; a história que constroem juntos permite a Josie criar um novo mito da história da família, baseado na ideia da vida como uma viagem, que confere sentido ao processo de desestabilização iniciado pelo acto de emigrar.^{xv} Quando o seu avô morre em circunstâncias misteriosas durante uma viagem de pesca sem Josie, é incorporado na história por Josie, que presta assim homenagem à sua influência para além de dar continuidade à história da família. A história alternativa que Josie constrói, que é quase uma herança do seu avô, representa um compromisso entre a protecção da identidade pela sua tia-avó e um passado nobre imaginado pelo seu avô. Esta história é apresentada como algo que está em curso, como um caminho fluido e interminável traçado para a sua família, que os leva do tempo em que emigraram até ao presente – e até ao futuro, através da herança implícita e da continuação da viagem e da história.^{xvi} Desta forma, Gaspar sugere ser necessária uma nova identidade fluida, decorrente do acto de emigrar, que reconheça que as preocupações de base são as mesmas e que concilie as diferenças existentes naquilo que os parâmetros identitários pretendem preservar e proteger, em vez da ideia de identidade como construção “sólida” produzida por oposição, como expressão da diferença.

A noção de caminhos e destinos herdados é importante em todos os romances analisados no presente artigo. Essa noção é apresentada não só ao longo do tempo linear, em que o destino é algo que decorre directamente do facto de se seguirem determinadas convenções sociais e da herança da história, mas também ao longo do tempo cíclico, na

xv David Brookshaw sustenta que a história construída por John Joseph e Josie durante a sua ida à pesca pode ser vista como uma versão alternativa da vida que se opõe à versão opressiva e autoritária apresentada pela Tia Theophila. Além disso, Brookshaw também sugere que John Joseph procura levar Josie a participar activamente na construção da narrativa das origens da família a fim de o afastar da situação instável que está a viver em casa, e ainda para lhe dar um mito das origens em que consiga enquadrar-se. Para mais informação veja-se David Brookshaw, “Unwriting American History: Frank X. Gaspar’s *Leaving Pico*”, in Carmen Ramos Villar e John Kinsella, eds., *Mid-Atlantic Margins, Transatlantic Identities: Azorean Literature in Context* (Bristol: University of Bristol Press, 2007), pp. 139-149.

xvi O desaparecimento misterioso do avô evoca também o *sebastianismo*, que simboliza a esperança para os Portugueses e que foi incorporado nas coordenadas da identidade nacional. No romance, o avô dá a Josie esta mesma esperança e um conjunto de coordenadas identitárias. As idas à pesca e a construção da história também podem ser vistas como mais uma referência à herança de uma coordenada da identidade portuguesa, um reflexo da tradição épica que também contribuiu para a construção da identidade portuguesa.

medida em que as personagens revivem algo que as precedeu e que estão predestinadas a repetir. Em *Mau Tempo no Canal*, Margarida é comparada ao longo de todo o romance a uma antepassada sua, Margarida Terra, tanto em termos físicos como na decisão que ambas tomam de sacrificar os seus desejos pessoais para bem da família. A comparação torna-se mais pungente quando a ligação entre o significado da palavra “terra” e o destino de permanecer na ilha é apresentada através da rejeição da liberdade pessoal em mais uma geração.^{xvii} O anel em forma de serpente que Margarida usa faz parte da herança familiar, tendo sido deixado pela outra Margarida, mais um símbolo da forma como as duas Margaridas estão a seguir o mesmo destino, fruto de uma ligação cíclica entre as gerações. É significativo que, no fim do romance, quando está no navio a caminho da sua lua-de-mel, Margarida atira o anel para o mar. Este acto representa a tentativa de Margarida de romper um ciclo familiar e social; Margarida tenta assumir um certo controlo da sua vida, alcançar uma certa liberdade pessoal dentro dos limites sociais e físicos que lhe são impostos pela ilha, de modo a que a história não se repita em gerações futuras.

A incapacidade de formar uma estrutura familiar unificada patente em *Gente Feliz com Lágrimas* e em *Já Não Gosto de Chocolates* também faz parte de um destino transmitido de pais para filhos. Nestas duas obras, os pais não conseguem manter a família unida devido ao forte controlo paterno que exercem, que muitas vezes se reflecte na incapacidade dos seus filhos de serem felizes ou de manterem a sua própria família unida. A deterioração das relações familiares em *Gente Feliz com Lágrimas* é uma repetição da ruptura nas relações do pai com a família da sua mulher, desencadeada por um diferendo relacionado com terras herdadas. Esta ideia também está presente na desintegração do casamento de Nuno, que herda as terras da família na ilha, o que o obriga a aceitar o destino e a regressar à ilha. Por outro lado, os seus irmãos e irmãs têm de assumir o controlo e libertar-se da autoridade dos pais. Além disso, o facto de Nuno substituir o pai ao assumir o papel de definir a identidade da família escrevendo a história da família, perpetua uma viagem circular, em que há uma repetição das mesmas situações e dos mesmos papéis em cada geração. No fim do livro, em que as questões – ou os fantasmas – subsistem, pairando sobre a narrativa, para retomarmos a nossa análise anterior, a família encontra-se presa num ciclo interminável de viagens mentais e físicas de redefinição e recriação pessoal.

Viajar pelos romances açorianos que explorámos implica também uma viagem interior e exterior. A emigração é um pano de fundo destas viagens, em que se desenrola o drama da busca de um eu viável pelas personagens ao verem-se perante uma crise pessoal, o que as transforma em eternos viajantes. As viagens pessoais, mentais e físicas, que as personagens vivenciam nestes romances são desencadeadas por situações sociais e acontecimentos do passado que se repetem. Isto gera um ciclo perpétuo em busca de uma situação utópica que permita à personagem atingir uma percepção do eu dentro dos condicionamentos físicos e emocionais da situação em que se encontra. As pressões sociais, principalmente sob a forma da autoridade familiar, age como um catalisador do desenvolvimento pessoal das personagens dentro de um determinado conjunto de parâmetros de definição da identidade. O peso da história e dos acontecimentos do passado também têm um papel a desempenhar neste jogo dos parâmetros identitários. Daqui resulta a representação de uma dupla concepção de viagem e de uma identidade açoriana fluida, que parte de uma viagem física ou mental. A emigração para fugir ao ambiente insular torna-se, portanto, uma preocupação fundamental em todas as obras analisadas.

Com vimos, a emigração, viajar e a mobilidade surgem como fios condutores em todos os romances analisados e, por extensão, dentro da representação cultural da identidade açoriana. No entanto, o que nos é apresentado é a observação e análise de partes minúsculas de uma vida por um autor que contribui para a construção de um todo, de uma identidade cultural açoriana, através da sua obra literária. Tal como num mosaico, os contributos do autor, os eventos e episódios isolados, são importantes para construir uma imagem completa daquilo que são os parâmetros da identidade açoriana. Contudo, tal como num mosaico, apenas conseguimos ver toda a imagem formada pelas várias peças quando nos distanciamos para observar o todo. Assim, a emigração como tema da literatura açoriana é

xvii Para uma interpretação muito interessante da relação entre as duas Margaridas em *Mau Tempo no Canal*, veja-se Heraldo da Silva (op. cit.) e Urbano Bettencourt (op. cit., 1994)

um pano de fundo sobre o qual se explora o drama social da realidade histórica do arquipélago. Os autores açorianos mostram-nos, portanto, como a experiência da emigração molda a percepção que o ilhéu açoriano tem do seu eu e como esta percepção do eu contribui para a construção do mosaico da identidade cultural açoriana dentro e fora do arquipélago.

CARMEN RAMOS VILLAR

Universidade de Sheffield
(texto original em Inglês)

Bibliografia:

- Anderson, Benedict, *Imagined Communities: Reflections on the Origins and Spread of Nationalism* (Londres: Verso, 1989).
- Bettencourt, Manuel Urbano, “Mau Tempo no Canal – Mulheres cercadas”, *Insulana* (Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1994), pp. 93-105.
- , “Mau Tempo no Canal – a Reinvenção dos mitos”, *Vitorino Nemésio. Vinte Anos Depois* (Lisboa: Edições Cosmos, 1998), pp. 393-403.
- Brookshaw, David, “Unwriting American History: Frank X. Gaspar’s *Leaving Pico*”, in Carmen Ramos Villar and John Kinsella, eds., *Mid-Atlantic Margins, Transatlantic Identities: Azorean Literature in Context* (Bristol: University of Bristol Press, 2007), pp. 139-149
- Enes, José, “Açorianidade de Roberto de Mesquita”, in Onésimo Teotónio Almeida, ed., *A Questão da Literatura Açoriana* (Angra do Heroísmo: Coleção Gaivota, 1983), 35-42.
- Gelner, Ernest, *Nations and Nationalism* (Oxford: Blackwell Publishers, 1993).
- Clifford, James, “Travelling Cultures”, *Routes, Travel and Translation in the Late Twentieth Century* (Harvard: Harvard University Press, 1987), 14-46.
- Gaspar, Frank X., *Leaving Pico* (Hanover, New Hampshire/ Londres: University Press of New England, 1999).
- Kumar, Krishan, “The End of Socialism? The End of Utopia? The End of History?”, in Krishan Kumar e Stephen Bann, eds., *Utopias and the Milenium* (Londres: Reaktion Books, 1993), pp. 63-80.
- Maxwell, Kenneth, “Portugal, Europe and the Origins of the Atlantic Commercial System”, *Portuguese Studies*, vol. 8 (1992), 3-16.
- Melo, João de, *Gente Feliz com Lágrimas* (Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997).
- Nemésio, Vitorino, *Mau Tempo no Canal* (Amadora: Livraria Bertrand, 1944).
- Oliveira, Álamo, *Já Não Gosto de Chocolates* (Lisboa: Edições Salamandra, 1999).
- Pap, Leo, *The Portuguese Americans* (Boston, Massachusetts: Portuguese Continental Union of the USA, 1992).
- Pires, António M. B. Machado, “A Viagem na Literatura Açoriana”, *A Carreira da Índia e as Rotas dos Estreitos. Actas do VIII Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa* (Angra do Heroísmo: 1998), pp. 859-71.
- Ramos Villar, Carmen, *The Metaphorical “Tenth Island” in Azorean Literature: The Theme of Emigration in the Azorean Imagination* (Lampeter: Edwin Mellen Press, 2006).
- , “João de Melo: A Happy Emigrant with Tears” in Carmen Ramos Villar and John Kinsella, eds., *Mid-Atlantic Margins, Transatlantic Identities: Azorean Literature in Context* (Bristol: University of Bristol Press, 2007), pp. 105-123.
- Relf, Jan, Jan Relf, “Utopia and the Good Breast: Coming Home to Mother”, in Krishan Kumar and Stephen Bann, eds., *Utopias and the Millennium* (London: Reaktion Books, 1993), pp. 107-28.
- Santos, Robert L. “Azores Islands”, <http://www.csustan.edu/bsantos/azores.html>.
- , “Azorean Migration”, <http://www.library.csustan.edu/bsantos/migrat.html>.
- Silva, Heraldo da, “A Mulher Açoriana na Prosa de Vitorino Nemésio – Da Submissão à Tentativa de Libertação” *Gávea-Brown* Vols. XIX-XX (Jan. 1998-Dec. 1999), pp. 73-84.
- Silveira, Pedro da, “Aqueles Anos de 1940 e tal”, in Onesimo Teotonio Almeida, *Da Literatura Açoriana: Subsídios para um Balanço* (Angra do Heroísmo: DRAC, 1986), pp. 33-42.



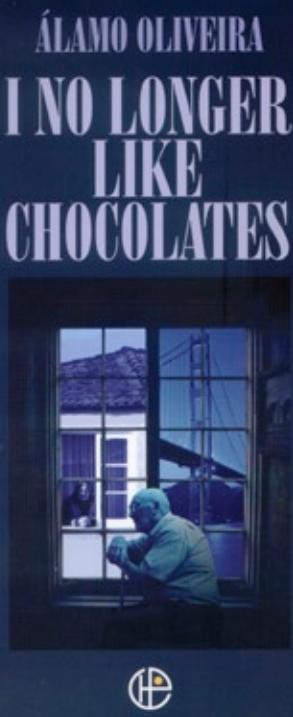
TRAVELLING, THE TRAVELLER AND THE JOURNEY THEME IN AZOREAN LITERATUREⁱ

There is an underlying preoccupation in the literary production of the Azorean archipelago with emigration, and the ensuing search of an identity that incorporates the many realities emigration brings, which is not as prevalent in the rest of Portuguese literatureⁱⁱ. Azorean literature, a branch of Portuguese literature, explores themes such as the effects of emigration in a more extensive way than the literary works written by authors from the Portuguese mainland. In Azorean literature, emigration as a theme implies as journey, both mental and physical, which causes transformations in the character's personality, their outlook, the way they view the world around them, their development as a person, and ultimately the way in which they define their identity (or identities).

We will begin by describing why emigration is such an important part of the Azorean cultural identity, examining the historical and literary factors that gave rise to the importance attached to it in Azorean literature. We will then move on to analyse how the Azorean novel depicts the theme of journey and the figure of the traveller, developing from the theme of emigration, as one of the marks of Azorean cultural identity. The novels examined are as follows: *Mau Tempo no Canal* (1944) by Vitorino Nemésio, *Gente Feliz com Lágrimas* (1997) by João de Melo, *Já Não Gosto de Chocolates* (1999) by Álamo Oliveira, and *Leaving Pico* (1999) by Frank X. Gaspar.

Emigration forms part of what shapes Azorean cultural identity because of the social, economic and historical factors that shaped this society in the first place. The Azores played a key role in what can be defined as a key factor in Portuguese national identity; the expansionism era (also known as the period of discovery). The Azorean archipelago participated actively in Portugal's colonial enterprise from its beginning, either as recipients of emigration so as to populate the islands, as emigrants to other parts of the (Portuguese colonial) world, or as hosts to travellers. Due to their geographical position, the Azores quickly became instrumental for the sea voyages, providing bases and supplies, in terms of crew and material goods. The Azores' strategic position in the Atlantic also became instrumental in the commercial system between Europe and the American continent, providing an obligatory stopover in the ocean crossing for both ships and aeroplanesⁱⁱⁱ. This has made for a society in some of the islands akin to a

crossroad between places, where cultural interaction happens in a similar way to what James Clifford describes as the hotel in his hotel/motel analogy.^{iv}



ÁLAMO OLIVEIRA I NO LONGER LIKE CHOCOLATES

i This article is a substantially revised version of a paper presented at the IV Congresso Internacional da Associação de Literatura Comparada conference. This conference paper was also the first draft of Chapters 2 and 3 of the book entitled *The Metaphorical Tenth Island in Azorean Literature: The Theme of Emigration in the Azorean Imagination*.

ii The term Azorean literature is taken to mean that literature that is produced by Azorean writers in which an exploration of Azorean cultural identity is made. The term encompasses authors in the archipelago and outside the archipelago, both in mainland Portugal and in the diaspora in North America.

iii See Kenneth Maxwell, 'Portugal, Europe and the Origins of the Atlantic Commercial System', *Portuguese Studies*, vol. 8 (1992), 3-16, and Robert L. Santos 'Azores Islands', <http://www.csustan.edu/bsantos/azores.html>.

iv Clifford distinguishes the experience of travel, and the shaping of certain societies, through the analogy of the hotel and motel. He explains that certain societies function as the hotel, a place where travellers stay for a time and interact with the locals and with each other more readily. Conversely, in a motel, the interaction and mixture between locals and travellers occurs less frequently, or less easily. Clifford categorises the experience of travel in a given society through the interaction

The archipelago's role due to its strategic position meant that there was a lot of contact with other cultures, as well as a way out of the islands in passing ships, either as replacement crew or as stowaways.^v The destination of Azorean emigration changed following world emigration patterns that began in the nineteenth century, reducing the number of people that went to the Portuguese colonies in favour of North America, the more popular destination. These migrants initially went as crew on board of whaling ships, establishing communities in New England, California, and Hawaii. The end of the nineteenth century also coincided with the rise of the nation state in Europe, which created an awareness of national identity in which people drew from language and history for its expression.^{vi} The Azores, although isolated from Portugal due to their position in the Atlantic, still received contact from the outside world in the form of books and newspapers from the passing vessels. As European anthropologists explored the link between climate, geography and the individual's character and identity at the turn of the twentieth century, Azorean intellectuals and writers also began to express an interest in identifying a specific Azorean cultural identity. Poets like Roberto de Mesquita (b. 1871, d. 1923) can be said to have been influenced by these ideas as, in his poems, he explored the effect of nature, climate and geographical surroundings, as well as the feelings of isolation and neglect, on the psyche.^{vii} Mesquita has also been pinpointed as being the first literary and cultural representation of an Azorean cultural identity. However, Azorean critics such as Pedro da Silveira have argued that the cultural identity of the archipelago became sufficiently defined from that of Portugal since the beginning and, thus, not solely as a result of the processes of historical cultural contact.

The ideas about Azorean cultural identity can be seen as central in the generation of Azorean intellectuals and authors in the 1930s, who would add also the historical role of the islands and the effects of emigration to their definitions of Azorean cultural identity. Vitorino Nemésio is one such intellectual, and became a very influential figure in Azorean, and Portuguese, literature. These Azorean intellectuals, mainly educated in Coimbra, came into contact with the literary influences of Brazilian Modernism and Portuguese Neo-Realism, which would later be central in the formation of the Cape Verdean and Azorean literatures. It is important to highlight here the significant relationship and exchange of ideas between the Azorean and Cape Verdean writers and intellectuals of the 1940s which, in the case of the Azores, contributed directly to the formation and expression of a distinct Azorean regional cultural identity expressed through literature. This generation of Azorean writers became known as the *Geração Gávea*.^{viii} For this generation of Azorean writers, there is a preoccupation of highlighting a defined and differentiated Azorean cultural identity from that of mainland Portugal through literature. This differentiation is based on the depiction of the island environment, which can sometimes take the shape of using specific literary imagery, such as the feeling of confinement in the island, for instance, or of seeking to reproduce an approximation of the way Azoreans speak. Within the Azorean cultural identity proposed by these authors, one can also find the idea of Man

and contact processes of different cultures which create a more cosmopolitan society, or shape and affect that society's culture in a specific way. See James Clifford, 'Travelling Cultures', *Routes, Travel and Translation in the Late Twentieth Century* (Harvard: Harvard University Press, 1987), 14-46.

v See Robert L. Santos, 'Azorean Migration', <http://www.library.csustan.edu/bsantos/migrat.html>.

vi This idea is what Benedict Anderson terms as "imagined communities", where a collective consciousness, developed from a common language and a shared history, joins in order to construct a sense of identity that forms the nation state. Ernest Gellner adds that the shock of the industrial revolution, the rise of the centralised political state and the delineation of ethnic boundaries that took place in the nineteenth century also contributed to the rise of nationalism and national identity. For more information, see Benedict Anderson, *Imagined Communities: Reflections on the Origins and Spread of Nationalism* (London: Verso, 1989), and Ernest Gellner, *Nations and Nationalism* (Oxford: Blackwell Publishers, 1993).

vii See José Enes, 'Açorianidade de Roberto de Mesquita', in Onésimo Teotónio Almeida, ed., *A Questão da Literatura Açoriana* (Angra do Heroísmo: Coleção Gaivota, 1983), 35-42, p. 38.

viii See Pedro da Silveira, 'Aqueles Anos de 1940 e tal', in Onésimo Teotónio Almeida, *Da Literatura Açoriana: Subsídios para um Balanço* (Angra do Heroísmo: DRAC, 1986), pp. 33-42.

being a product of a particular society, influenced by its environment and needing to break from its constraints. In so doing, the Azorean writers, like their Cape Verdean counterparts, used emigration as a theme so as to depict its effects in the Azorean society, and explore the sense of displacement in the individual's construction of the self in the society around him/her.

The next generation of Azorean writers is situated in our period, and is headed by writers such as Onésimo Teotónio Almeida, Álvaro Oliveira and João de Melo, to cite a few. This generation builds up on the imagery and themes of the *Geração Gávea* generation and incorporates elements of Post-modernism in their depiction of what constitutes the Azorean character. The use of Post-modernism seeks to produce, through the text, alternative versions and perceptions of the world around us. In literature, this might translate itself through features like the fragmentation of the self within society, the idea of the self as fluid and subjective, and also the examination of what constitutes identity in a given setting. Azorean Post-modernism, in literature, looks at issues relative to the perceived cultural condition of being Azorean, such as the effect of emigration, society, climate, or relationships with other characters and societies. In so doing, this generation of Azorean authors produce a dialogue with their Azorean counterparts in Portugal and in the Azorean emigrant community in North America. This creates a body of literature which is concerned with examining their perception of what it means to be "Azorean" in all the different contexts; in the archipelago, in mainland Portugal, and in the emigration setting of North America. In effect, the generation of Azorean writers create a web of writing where a symbiotic relationship between authors appears, enriching the literary search to portray Azorean cultural identity.

The theme of emigration, thus, is a constant preoccupation for the generations of Azorean writers who use the archipelago's history to highlight their Azorean cultural specificity through literature. Emigration as a theme in Azorean literature is, therefore, examined for its social impact not only on those who leave, but also on those who remain in the islands. This theme explores the development of the islander and its dependency on social conventions and behaviour, which is also linked to the way the islander defines him/herself, or is defined by others. The result is the depiction of a personal journey that embodies the cultural manifestation of sociological and historical factors that shape an emigrant society such as the Azores, and the emigration experience of its members.

In *Mau Tempo no Canal*, the first novel to be examined in this article, the personal journey is experienced by the main character, Margarida. Margarida is torn between her wishes to leave the island and its stiff island conventions, or remain in the island and follow the path laid out for her by social conventions which mean she must marry well to save her family from financial ruin. Emigration is presented as a journey to freedom from social and family conventions, the leap into the unknown that will take her away from the stasis and closeness of the island environment. It is also a quest or odyssey to escape the condition of insularity described by Machado Pires.^{ix} The small portion of society that Margarida's social class belongs to, the upper class, presents us with a stratified society in which the individual is unable to follow his or her wishes and is also unable to behave outside the prescribed way, or to escape from this situation of personal and social confinement due to social factors and pressures. For Margarida to leave the island is socially impossible, unless she is accompanied by a spouse. Even then, she must leave for a small period of time before returning. Her brother, on the other hand, is able to leave the island to develop professionally because of the lack of opportunity in the islands. He is, in fact, made to leave so that he can mature through the experiences of travelling abroad. In a way, Margarida's family emerge, in this novel, as keepers of the island's moral and social code which prevent Margarida from breaking the social conventions and behavioural protocol expected of her social class by fulfilling her wish to leave the island environment.^x

ix See António M. B. Machado Pires, 'A Viagem na Literatura Açoriana', *A Carreira da Índia e as Rotas dos Estreitos. Actas do VIII Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa* (Angra do Heroísmo: 1998), pp. 859-71.

x For a closer reading of the position of women in island society, please see Manuel Urbano Bettencourt, 'Mau Tempo no Canal – Mulheres cercadas', *Insulana* (Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1994), pp. 93-105, and Heraldo da Silva, 'A Mulher Açoriana na Prosa de Vitorino Nemésio – Da Submissão à Tentativa de Libertação' *Gávea-Brown* Vols.

In spite of all the barriers presented to her, Margarida does leave the island twice: once when following a whale catching expedition, the second time for her honeymoon. Both times, Margarida returns to a life of social conformity and isolation from her individual wishes in this insular environment. The whale catching expedition acts as a figurative journey into adulthood in that, by being isolated from her family, she has time to assess her situation.^{xi} It also represents an intervention by Nature into her life, to influence Margarida's decisions from then on. This intervention is echoed by her uncle's inability to leave the island because of natural causes, such as the illness that provokes his death following his decision to return to England. Two factors help Margarida reach a decision to follow island conventions and forsake her wish to leave the island environment. On the one hand, in the whale catching expedition, she ends up staying in the house of her intended husband's family – thus she is prepared, conditioned, and even accepted into the new family. On the other hand, her uncle, the other suitor and passport out of the island, is dying. It is not unsurprising to find that, on returning to her family from the whale catching expedition, she has matured and is ready to accept her well-placed marriage. However, in so doing, she has lost her thirst for personal freedom. The honeymoon voyage must be seen in the context of her journey into married life and a new, socially-imposed, self. Margarida, through these two journeys, reaches a state where she is effectively landlocked in the island between the power of social reality, and social conventions, and of Nature, which intervene to effectively prevent her from leaving the island environment by emigrating. Emigrating, thus, becomes a mental journey of desire, a mental escape from the physical confinement of the land and the social duties she must endure.

Emigration can be seen as the central theme in *Gente Feliz com Lágrimas*, where three of the characters in this novel emigrate to escape from the poverty, the lack of opportunity, and the social oppression of the island environment. Family is also one of the reasons behind Nuno, Amélia and Luís Miguel's need to migrate; they need to get away from an abusive and overprotective father who compromises their personal freedom. Emigration is presented, once again, as a way to escape the social conventions of following the family's wishes over those of the individual; those who emigrate in this novel do so in order to leave the overprotective and abusive relationship they have with their father. However, the very act of emigration creates a crisis in the characters. By moving away from figures of authority, such as the father, and the religious institutions that Nuno and Amélia enter in order to leave the island, they enter into a situation where they are displaced, and their self-image is compromised; they no longer have any control or direction in their lives. The absence of a figure of authority makes them search, or quest, for anything to define themselves against so as to gain control of the new situation that they find themselves in. Through the narrative, we see how Nuno is unable to make his marriage work because he is unable to reconcile himself with moving away and isolating himself from his island family, and not being able to leave the island behind and move forward with this life. Amélia moves from the convent, to Portuguese Africa, and finally to Canada in order to make a life for herself, but the memory of her father and his condemnation of her actions, namely leaving the island to join a religious order, keeps her from finding inner peace. This inability to find inner peace also manifests itself in her unhappy marriage. Luís Miguel escapes the repressive authority of his father as well as that of the State by emigration to Canada, only to find himself powerlessly displaced against the Canadian institutions that use him as just another migrant, a disposable tool among many at their disposal. This powerlessness is further accentuated by the disability he suffers due to an accident at work that has left him unable to work and, in his eyes, marginalises him further in this new society.

The conflict between identity parameters faced by the main characters in these Azorean narratives, in their attempt to consolidate their individuality with the pressures of conforming to the island's social conventions in their journey of personal development, changes when the narrative is entirely set within the emigration setting. The

XIX-XX (Jan. 1998-Dec. 1999), pp. 73-84.

xi Urbano Bettencourt's reading of this inter-island journey places Margarida as being doubly situated in an island, figuratively and spacially. See Urbano Bettencourt Machado, 'Mau Tempo no Canal – a Reinvenção dos mitos', *Vitorino Nemésio. Vinte Anos Depois* (Lisboa: Edições Cosmos, 1998), pp. 393-403.

conflict is presented as being between the island society and the new social context. In this way, the main character must find a compromise between identity parameters and the need for self-definition following emigration. Their personal odyssey becomes an emotional journey, a quest with the aim to find a utopian happiness, belonging, and a self that accommodates their feeling of displacement.^{xii}

In *Gente Feliz com Lágrimas*, Nuno, Amélia, and Luís Miguel move away from a situation where their identity parameters were clearly defined in terms of belonging to a family and a society, to a situation where their identity parameters are fragmented as they are unable to leave the past behind and assimilate into the new society. In effect, the characters in this novel enter a never-ending cycle of disillusion, where they enslave themselves into searching for something they have lost, caused by the very act they took in order to find personal freedom, and to find an individuality that was denied to them in the island. Furthermore, by emigrating, they enter societies which ask them to assimilate into a unified culture, thereby confining themselves, yet again, into another set of values and identity parameters which deny them the individual freedom they sought by emigrating. In this way, Nuno, a writer, defines himself in terms of his island childhood through his novels and is, thus, unable to integrate himself fully into mainland Portuguese society. Amélia and Luís Miguel are unable to leave their island past behind in order to become identified as being part of the new society. The death of both parents brings about a turning point in the narrative that allows the children to move on with their lives. It also brings about the realisation that they have switched authority in the family away from the father to themselves, as individuals in this family, by assuming responsibility and being in control of the family's destiny. The act of bringing the parents away from the island into the new society, their request for Nuno to write an account of the family's story, are both conscious decisions taken to reconcile themselves with the past, constructing and appropriating their history and their self-identity as something rooted in the Azores.

Nuno's construction of the family history in *Gente Feliz com Lágrimas* acts as a act of reconciliation between the past and the present, thus constructing a new meaning, or utopian definition of the family. Through this, the family members are able to find stability and gain control of their lives, and of their sense of self, thus cancelling out the destabilising effects of emigrating away from the island, and from the identity parameters it provided. This measure, however, only helps the members of the family who have emigrated to Canada. For Nuno, who moved to the Portuguese mainland, the process is slightly different. Once his marriage breaks down irreparably, Nuno returns to the island in an attempt not only to return to the parameters of a childhood identity, but also to gain control of his life. However, on returning, his identity fragments into his literary alter ego, Rui Zinho, with whom Nuno converses so as to see his life, and the world around him, from a detached position. Nuno finds that he is haunted by ghosts of the past, of his childhood, which he has not come to terms with. He is also haunted by the ghosts left behind in the newly-constructed myth of the family's history, which papers over the cracks in the family and leaves the issues affecting the relationships between family members unresolved. For Nuno, the fragmentation with his alter ego makes him realise that that he is searching for an unsuitable alternative identity narrative to define himself in both his fictional works and his personal life. Rui Zinho, thus, brings forth an internal conflict where the confrontation of the past events (his life in the island and his marriage), and the present (the death of his parents and the divorce) plays out in order to reach a feeling of being at peace with his own self which brings about a new set of personal identity parameters. However, at the end of the novel, this issue is unresolved, and the suggestion is made that Nuno will forever be caught within cycle of redefinition and reinvention.

xii The notion of utopia is one where an ongoing search for an idealised something which is unattainable provokes a journey, mental and physical, giving the person a series of situations and trials that test his or her ability to adapt and evolve in order to reach a given goal. Utopia is, by its very nature, something ongoing that can never be attained as the realisation of the idealised state of happiness and contentment is constant, and will always form a point of comparison and contrast with the realisation of dissatisfaction with the present. For more information see Jan Relf, 'Utopia and the Good Breast: Coming Home to Mother', and Krishan Kumar, 'The End of Socialism? The End of Utopia? The End of History?', both in Krishan Kumar and Stephen Bann, eds., *Utopias and the Milenium* (London: Reaktion Books, 1993), pp. 107-28 and 63-80 respectively.

This cycle of redefinition and reinvention is also explored in Álvaro Oliveira's novel, *Já Não Gosto de Chocolates*, which centres on the decision taken by an Azorean family to emigrate to California in the 1950s. As the novel develops, we see not just the fragmentation of the main character's self-perception following the decision to emigrate, but also that of his family's perception of each other. In the novel, this is exemplified by how the characters' names are changed after they emigrate, each shedding his or her Portuguese name in favour of an American name in order to fit in and make sense of who he or she is in the new society. For instance, José Silva, the father of this family and the main character of the novel, becomes Joe Sylvia, Maria da Fátima, his wife, becomes Mary, and so on. In a sense, the idea presented in the novel is rather that of the confrontation of the fragmented self with an idealised idea of what that self should be in their new situation. Following on from this idea, the novel could also be seen as an exploration of coming to terms with a fragmentation born out of a perceived loss on many levels after emigrating; loss of the familiar island environment and social customs in the new setting, loss of a island behaviour and moral code of conduct that is perceived as better than that of the new setting, loss of a feeling of belonging in the island society, with its implied displacement in temporal and mental terms, and the perceived precariousness of "belonging" in the new society, and loss of the personal and family interactions as the family assimilates into the new society.

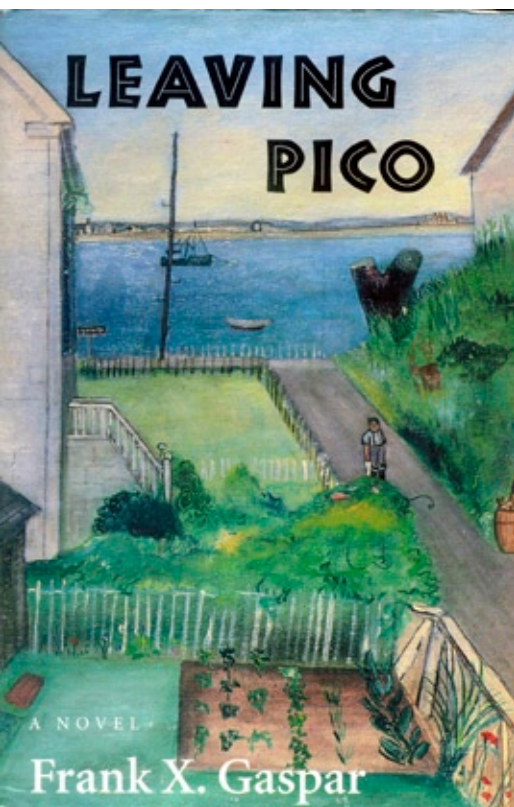
Seeing Álvaro Oliveira's novel as an exploration of the many levels of fragmentation and loss undergone by the Azorean emigrant, José/Joe's narration of the family's story, weaving between the reminiscences of the past and his present, reads as an examination of his family's adaptation to the new society which leads him to growing state of powerlessness, where he convinces himself that his authority and position within his family was gradually stripped after emigrating. As he undergoes this examination, he analyses his attempts at preserving island customs and behaviour through exercising tight control on all the members of his family, thereby reducing the many levels of loss posed by the new culture. In so doing, however, he further contributes to the fragmentation process in the remaining family members, which he later concludes results as much from his own actions, as from what he sees as the corrupting effect of the new society.

Coming back to the way José/Joe narrates the family's story, interweaving between the past and the present, we could also describe the novel's construction as fragmented.^{xiii} As readers, we are accompanying the father of the family as he tells us the family's story, contributing to the many interpretations of the theme of journey that can be derived from this novel; the family's emigration story, the story of how each character changes and develops, the idea of the journey (cycle) of life ending with death, etc. However, it should be borne in mind that what we read is the account of one family member, José/Joe, who reminisces and analyses the past to make sense of the present. It is here that we can see the growing gap, the fragmentation, between the family members as a result of José/Joe being the only family member to have resisted full adaptation after emigrating. This resistance explains a disappointment at having found material wealth at the expense of having lost emotional wealth.

The story José/Joe tells us, supposedly gives each individual member of his family an equal opportunity to have their story heard, so as to analyse the effects of conflict and loss experienced after emigration from all the members of the family. Although an attempt is made to provide a forum for all the family member's perspectives, no solution is found to the generational conflict – partly because all the family members have had their stories told on their behalf by José/Joe, who cannot, even at the end of the novel's narrative, find a solution to this conflict. In this way, his account of his children's acts of rebellion against paternal authority echo the powerlessness their father feels – because it is the father that tells the story and, thus, we see how José/Joe is placed, and placing himself, in a never-ending search for answers. The children's perceived failure to mediate between the island customs and the demands

xiii The same could be said for the way João de Melo's *Gente Feliz com Lágrimas* is structured. For questions of space, such as reading has not provided, but it can be found in Carmen Ramos Villar, 'João de Melo: A Happy Emigrant with Tears' in Carmen Ramos Villar and John Kinsella, eds., *Mid-Atlantic Margins, Transatlantic Identities: Azorean Literature in Context* (Bristol: University of Bristol Press, 2007), pp. 105-123.

for assimilation of the new society are seen as, in the father's eyes, an inability to place their Azorean origins in an appropriate context of the emigration society. The way the family's story is told through José/Joe's perspective, thus, also accounts for the negativity surrounding the emigration experience for each member of the family. In José/Joe's account, his negative perception of life after emigration colours how he sees his children's lives. For him, the act of having emigrated is the logical explanation for the failed, or failing, relationships that each family member has with each other and also with their partners. As each member is examined by José/Joe, it is interesting to note that the only relationships that seem to have worked, and stood the test of what the new society has supposedly thrown at them, are those that have a tenuous link to the island. In this way, José/Joe's marriage to Mária de Fátima/Mary, and João/John's homosexual relationship with Danny are seen as being successful because both father and son are searching for an island – which we increasingly perceive to be mythical - to act as a spiritual replacement of the island they have left behind after emigrating. For the rest of the family members, therefore, the inference is that they have somehow come under the negative influence of the new society. The new society, therefore, is seen as somehow corrupting; each child



is seen to be either “punished” by death, illness, degradation in their relationships with others, and even an implied corruption to their personalities. The degradation has either come about because they have become “seduced” by the perceived materialism and superficiality of the new society, or because the new society interferes somehow with the individual's relationship with the island, thus creating an internal spiritual conflict.

The only member of the family that cannot be seen to come under this category of having been “punished” or “corrupted” is the mongoloid child that is the product of the marriage of António/Tony (the oldest son) and Milú (the dirt-poor Azorean turned ambitious socialite in the U.S.). Far from the symbol of the degradation of the family relationships when faced with the perceived corrupting effects of the new society, the mongoloid child could also be seen as the inheritor of the inability of the second generation to assimilate to the new values whilst still preserving the old island values, presenting this condition as a flaw or deformation on the innocent. The close relationship between the mongoloid child and José/Joe is also a symbol of José/Joe's acceptance of his limitations and powerlessness with regard to the change effected by the new society. José/Joe's death at the end of the novel is also presented as the acceptance of the events and consequences of the decisions that took place in life, and also as the beginning of yet another journey to another state of being. Thus, the conflict between island past/emigration present, the non-equation of the romance of the life of the emigrant and the non-romanticised reality of emigration, becomes the symbol of how the emigrant struggles constantly with various spatio-temporal changes that

contribute to the construction of a self which incorporates these changes. The spatio-temporal changes come at a price; like the aforementioned name change when entering the US, or the act of shaving José/Joe's moustache upon entering the nursing home, which takes away the last element of virility in his construction of self, and also constitutes the first of the final personal surrenders, and the acceptance, that he has lost everything he had tried to preserve. The narrative's play on the many levels of loss experienced by José/Joe and his family enables an examination of the losses experienced by the emigrant in the new society, losses which are caused by the decision to emigrate in the first place, and which begin a process whereby the emigrant is locked into a situation where, on return to the island, the emigrant feels he no longer fits in within the island environment because the island society encountered no longer matches up with the imagined island.

The fragmentation of the family unit following emigration is also a preoccupation in Frank X. Gaspar's *Leaving Pico*. Aunt Theophila's stifling control of her family, through her attempt to preserve and instil island values, is similar to that of Joe Sylvia in *Já Não Gosto de Chocolates*, and produces the same consequences. Her wish to control social appearances arises from her need to preserve the identity parameters of her family as “Pico” emigrants, as

opposed to being identified as American or as a “Lisbon”.^{xiv} This attempt at guarding island identity parameters on Aunt Theophila’s part leads to the development of the novel’s narrative and its examination of societal and family confrontation; Josie’s mother elopes with Carmine, a “Lisbon”, following Aunt Theophila’s attempts to stop the relationship, and Aunt Theophila’s brother (and Josie’s grandfather), John Joseph, leaves the house periodically to pursue brief romances with non-Azoreans. The very act of protecting the customs of their island origins, through the observance of Azorean rituals and customs or through religious visions, helps Aunt Theophila assert her control over any situation that she finds outside her power of influence. However, these acts of attempting to regain power are ignored and belittled throughout the narrative by the other characters, and are seen as a rejection born out of the need to assimilate that which is different and has not adapted to the new social emigration setting. Both John Joseph and Josie’s mother feel that they need to move away on their own personal journeys, a pseudo-emigration, to gain freedom from the stifling island identity parameters which Aunt Theophila seeks to preserve.

The central theme of *Leaving Pico*, growing up and coming of age, is dependent on the character returning from an external journey that provokes an internal change, echoing Margarida’s journey in *Mau Tempo no Canal*. Aunt Theophila’s condemnation of Josie’s mother stems from the cult of appearances, and also from the fact that Carmine is from a different background and, moreover, a “Lisbon”. The fact that Josie’s mother has made a mistake in the past by having a child out of wedlock is given reference by Aunt Theophila and, in so doing, she highlights Josie’s mother’s behaviour as not following the social acceptable moral codes of the islands, dishonouring the family. Aunt Theophila attempts to prevent actions which might compromise their honour once again. The elopement must be seen in terms of defiance of Aunt Theophila’s authority, and, by extension, the social behavioural parameters of the islands, which are seen as not having a place within the behavioural patterns of the new society. Josie’s mother returns because of the sacrifice meant by the loss of contact with her family, and with her child. In turn, she sacrifices her own happiness and personal freedom. Her sacrifice, however, brings with it a renewed strength in that she finds her power to stand up to her aunt’s authority, changing the balance of power in the family, and asserting a new set of values to counter her aunt’s authority. In other words, the loss of emotional freedom comes at a price, but it follows a personal journey in which she is able to finally challenge island social conventions and replace them with something which accommodates both the island and the new society’s social values.

Another way in which the challenge to island social conventions are made in this novel is through Josie’s fishing trip with John Joseph. This fishing trip gives Josie physical time away from the influence of his great aunt, and also enough distance to allow his grandfather to give him another perspective with which to form his own personal judgement and become independent and self-reliant. This distance allows Joseph to enable Josie to embark on a mental journey where Josie learns responsibility for his actions. He also learns of the family’s past, which his aunt attempts to hide through her alternative versions of events. In these fishing trips, his grandfather helps him construct a history of their family, setting it in a distant past where his ancestors were explorers that emigrated to form a colony, taking myths and symbols from Portuguese history and appropriating them to glorify the family’s past so as to create homogeneous and legitimate identity parameters. John Joseph allows Josie to continue the journey that

xiv The terms “Pico” and “Lisbon” are taken as euphemisms for an emigrant originating from the Azores, in particular the island of Pico, as opposed to those from continental Portugal. Leo Pap comments that the geographical difference between the migrants made for a historical tension in which identity is celebrated not just as a matter of intellectuality, but also as a means of building a sense of community and support. This stemmed from the social reality of Portugal, whereby Salazar, the president of the Portuguese Republic between 1930 and 1968, imposed a highly centralised system which meant that, for many non-continental Portuguese, to be “Portuguese” meant adopting the customs of Lisbon. American society allowed non-continental Portuguese emigrants to be able to express an alternative to this imposed “Lisbon” identity. According to Leo Pap, this situation led to confrontations, as can be seen from the following quotation; “In some locations, at some periods, the line-up was not continentals versus Islanders, but rather Continentals plus Madeirans versus Azoreans”. For a further explanation of this, please see Leo Pap, *The Portuguese Americans* (Boston, Massachusetts: Portuguese Continental Union of the USA, 1992), p. 159.

the family began by emigrating; the story they construct together allows Josie to construct a new myth about the family's history, born out of the idea of life as a journey, that makes sense of the destabilising process began by the act of emigration.^{xv} When his grandfather dies under mysterious circumstances during a fishing trip without Josie, he becomes incorporated into the story by Josie, honouring his influence as well as providing a continuation to the family's story. The alternative (hi)story that Josie constructs, which is almost like an inheritance from his grandfather, is a compromise between the identity protected by his great aunt and the fictionalised noble past constructed by his grandfather. This (hi)story is presented as something ongoing, fluid, a never-ending path laid out for his family that takes them from the time they emigrated to the present, and to the future through the implied inheritance and continuation of the journey and of the (hi)story.^{xvi} In so doing, Gaspar proposes the need for a new fluid identity arising from the act of emigration, which recognises a sameness of basic concerns, and reconciliation of the differences in what the identity parameters seek to preserve and protect, rather than the idea of identity as a "solid" construction produced oppositionally as the manifestation of difference.

The notion of inherited paths and fates is important in all the novels examined in this article. This notion is represented not only along linear time, where fate is a direct result of following social conventions and of the inheritance of history, but also throughout cyclical time, in that the characters re-live something which has preceded them, and that they are fated to repeat. In *Mau Tempo no Canal*, Margarida is compared throughout to Margarida Terra, an ancestor of hers, both in physical terms as well as for the very similar decision they both made to sacrifice personal wishes for the good of their family. The comparison becomes more poignant when the link between the significance of the word *terra* and the fate to remain in the island takes shape in the rejection of the personal freedom in yet another generation.^{xvii} The serpent ring Margarida carries is part of a family inheritance from the other Margarida, a further symbol of how the two Margaridas are following the same fate, with a cyclical link, between generations. It is significant that, at the end of the novel, Margarida throws the ring overboard on her way to the honeymoon. This act constitutes Margarida's attempt to break a family, and social, cycle; Margarida attempts to gain some control of her life, some measure of personal freedom within the social and physical confinement of the island, so as not to repeat history in further generations.

The inability of forming an unified family structure in *Gente Feliz com Lágrimas* and *Ja Não Gosto de Chocolates* also forms part of an inherited fate from the parents to the children. The parents in *Gente Feliz com Lágrimas* and *Ja Não Gosto de Chocolates* are unable to keep the family united because of the strong parental control they exercise, which is then reflected in their children's inability to be happy or to keep their own families united. The breakdown in the family relationships in *Gente Feliz com Lágrimas* is a repetition of the relationship the father has with his wife's family, itself triggered by a dispute over inherited land. This is also echoed in the disintegration of Nuno's marriage and his inheritance of the family's land in the island; Nuno is, thus, locked into a fate of returning to the island. On

xv David Brookshaw has commented that the story that John Joseph and Josie construct on their fishing trip could be seen as an alternative version of life which counters the oppressive and authoritarian version given by Aunt Theophila. Furthermore, Brookshaw also suggests that John Joseph encourages Josie to actively participate in constructing the narrative of the family's origins in order to draw Josie away from the unsettled situation he is undergoing at home, and to give him also a myth of origins in which he can place himself in. For more information see David Brookshaw, 'Unwriting American History: Frank X. Gaspar's *Leaving Pico*', in Carmen Ramos Villar and John Kinsella, eds., *Mid-Atlantic Margins, Transatlantic Identities: Azorean Literature in Context* (Bristol: University of Bristol Press, 2007), pp. 139-149.

xvi The grandfather's mysterious disappearance is also reminiscent of *Sebastianismo*, a symbol of hope for the Portuguese which has been incorporated into the nation's identity coordinates. In the novel, the grandfather gives Josie this sense of hope, and a set of identity coordinates. The fishing trips, and the construction of the (hi)story could also be a further reference to the inheritance of a Portuguese identity coordinate, echoing the epic tradition which has also helped construct Portuguese identity.

xvii For a very interesting reading on the relationship between the two Margaridas in *Mau Tempo no Canal* please see Heraldo da Silva (op. cit.) and Urbano Bettencourt (op. cit., 1994)

the other hand, the rest of his brothers and sisters must assume control and authority from their parents. Moreover, Nuno's replacing of his father, by taking over the role of defining the family's identity through the act of writing the family's history, perpetuates a circular journey whereby there is a repetition of the same situations and of the same roles in each generation. The end of this novel, with the unresolved issues, or ghosts, hanging in the narrative, to revisit our earlier analysis, locks the family into a never-ending cycle of mental and physical journeys of redefinition and reinvention.

Travelling in the Azorean novels we have explored implies an internal as well as an external journey. Emigration forms a backdrop to these journeys, whereby the drama of the character's search for a viable self develops when facing a personal crisis, making them eternal travellers. The personal journeys, mental and physical, that the characters are described as undergoing in these novels are triggered in response to social situations and to past events that repeat themselves. This forms a perpetual cycle in search for an utopian situation so that the character attains a sense of self from within the physical and emotional constraints of the situation they find themselves in. Social pressure, mainly in the form of family authority, acts as a catalyst for the development of the character's self from within a given set of identity parameters of definition. The weight of history and of past events also plays within this negotiation of identity parameters. The result is the representation of a twofold conception of travelling, and a resulting fluid Azorean identity, that departs from a physical or mental journey. Emigration from the island environment thus becomes a key preoccupation in all the novels examined.

As we have seen, emigration, travelling, and mobility, stand as connecting threads within all the novels examined and, by extension, within the cultural representation of Azorean identity. However, what we see is the observation and analysis of tiny pieces of a life, by an individual author who contributes to the construction of a whole, of Azorean cultural identity, through his literary work. Like a mosaic, the single events and episodes, the contributions of an author, like the individual pieces that make up a mosaic, are important in constructing the whole picture of what the Azorean identity parameters are. However, like a mosaic, we only perceive the whole picture created by the individual pieces when we stand back and look at it in its entirety. In this way, emigration as a theme in Azorean literature forms a backdrop in which the social drama of this archipelago's historical reality is explored. The Azorean authors, thus, show how the experience of emigration shapes the Azorean islander's sense of self, and how this sense of self contributes to the construction of the mosaic of Azorean cultural identity within, and outside, the archipelago.

CARMEN RAMOS VILLAR

University of Sheffield

Bibliography:

- Anderson, Benedict, *Imagined Communities: Reflections on the Origins and Spread of Nationalism* (London: Verso, 1989).
- Bettencourt, Manuel Urbano, 'Mau Tempo no Canal – Mulheres cercadas', *Insulana* (Ponta Delgada: Instituto Cultural de Ponta Delgada, 1994), pp. 93-105.
- , 'Mau Tempo no Canal – a Reinvenção dos mitos', *Vitorino Nemésio. Vinte Anos Depois* (Lisboa: Edições Cosmos, 1998), pp. 393-403.
- Brookshaw, David, 'Unwriting American History: Frank X. Gaspar's *Leaving Pico*', in Carmen Ramos Villar and John Kinsella, eds., *Mid-Atlantic Margins, Transatlantic Identities: Azorean Literature in Context* (Bristol: University of Bristol Press, 2007), pp. 139-149.
- Enes, José, 'Açorianidade de Roberto de Mesquita', in Onésimo Teotónio Almeida, ed., *A Questão da Literatura Açoriana* (Angra do Heroísmo: Coleção Gaiivota, 1983), 35-42.
- Gelner, Ernest, *Nations and Nationalism* (Oxford: Blackwell Publishers, 1993).
- Clifford, James, 'Travelling Cultures', *Routes, Travel and Translation in the Late Twentieth Century* (Harvard: Harvard University Press, 1987), 14-46.

Gaspar, Frank X, *Leaving Pico* (Hanover, New Hampshire/London: University Press of New England, 1999).

Kumar, Krishan, 'The End of Socialism? The End of Utopia? The End of History?', in Krishan Kumar and Stephen Bann, eds., *Utopias and the Milenium* (London: Reaktion Books, 1993), pp. 63-80.

Maxwell, Kenneth, 'Portugal, Europe and the Origins of the Atlantic Commercial System', *Portuguese Studies*, vol. 8 (1992), 3-16.

Melo, João de, *Gente Feliz com Lágrimas* (Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1997).

Nemésio, Vitorino, *Mau Tempo no Canal* (Amadora: Livraria Bertrand, 1944).

Oliveira, Álamo, *Já Não Gosto de Chocolates* (Lisboa: Edições Salamandra, 1999).

Pap, Leo, *The Portuguese Americans* (Boston, Massachusetts: Portuguese Continental Union of the USA, 1992).

Pires, António M. B. Machado, 'A Viagem na Literatura Açoriana', *A Carreira da Índia e as Rotas dos Estreitos. Actas do VIII Seminário Internacional de História Indo-Portuguesa* (Angra do Heroísmo: 1998), pp. 859-71.

Ramos Villar, Carmen, *The Metaphorical "Tenth Island"*

in Azorean Literature: The Theme of Emigration in the Azorean Imagination (Lampeter: Edwin Mellen Press, 2006).

-, 'João de Melo: A Happy Emigrant with Tears' in Carmen Ramos Villar and John Kinsella, eds., *Mid-Atlantic Margins, Transatlantic Identities: Azorean Literature in Context* (Bristol: University of Bristol Press, 2007), pp. 105-123.

Relf, Jan, Jan Relf, 'Utopia and the Good Breast: Coming Home to Mother', in Krishan Kumar and Stephen Bann, eds., *Utopias and the Milenium* (London: Reaktion Books, 1993), pp. 107-28.

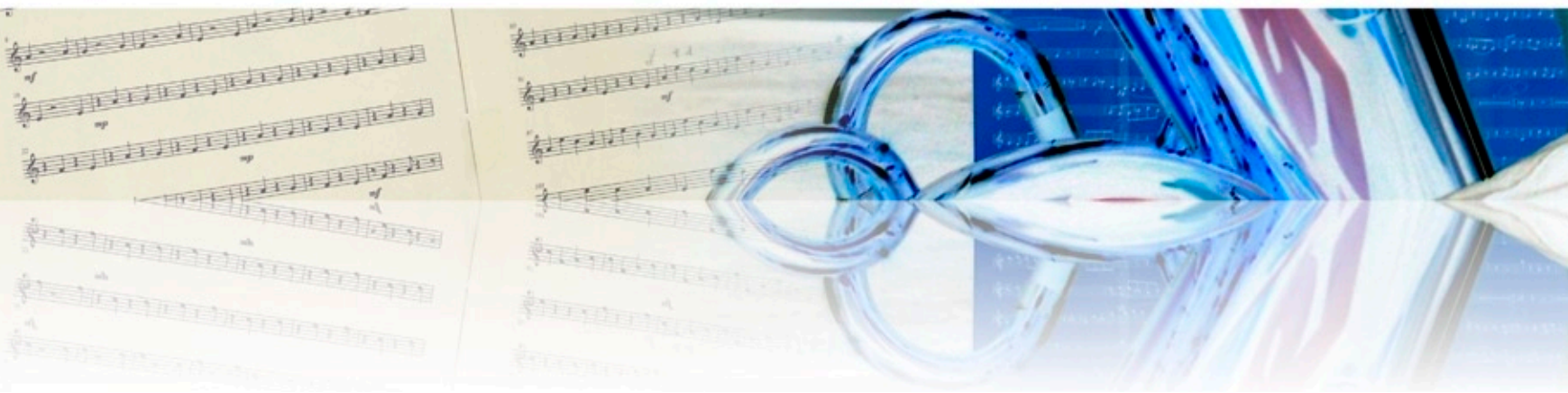
Santos, Robert L. 'Azores Islands', <http://www.csustan.edu/bsantos/azores.html>.

-, 'Azorean Migration', <http://www.library.csustan.edu/bsantos/migrat.html>.

Silva, Heraldo da, 'A Mulher Açoriana na Prosa de Vitorino Nemésio – Da Submissão à Tentativa de Libertação' *Gávea-Brown Vols. XIX-XX* (Jan. 1998-Dec. 1999), pp. 73-84.

Silveira, Pedro da, 'Aqueles Anos de 1940 e tal', in Onesimo Teotonio Almeida, *Da Literatura Açoriana: Subsídios para um Balanço* (Angra do Heroísmo: DRAC, 1986), pp. 33-42.





algas sonhos transparências

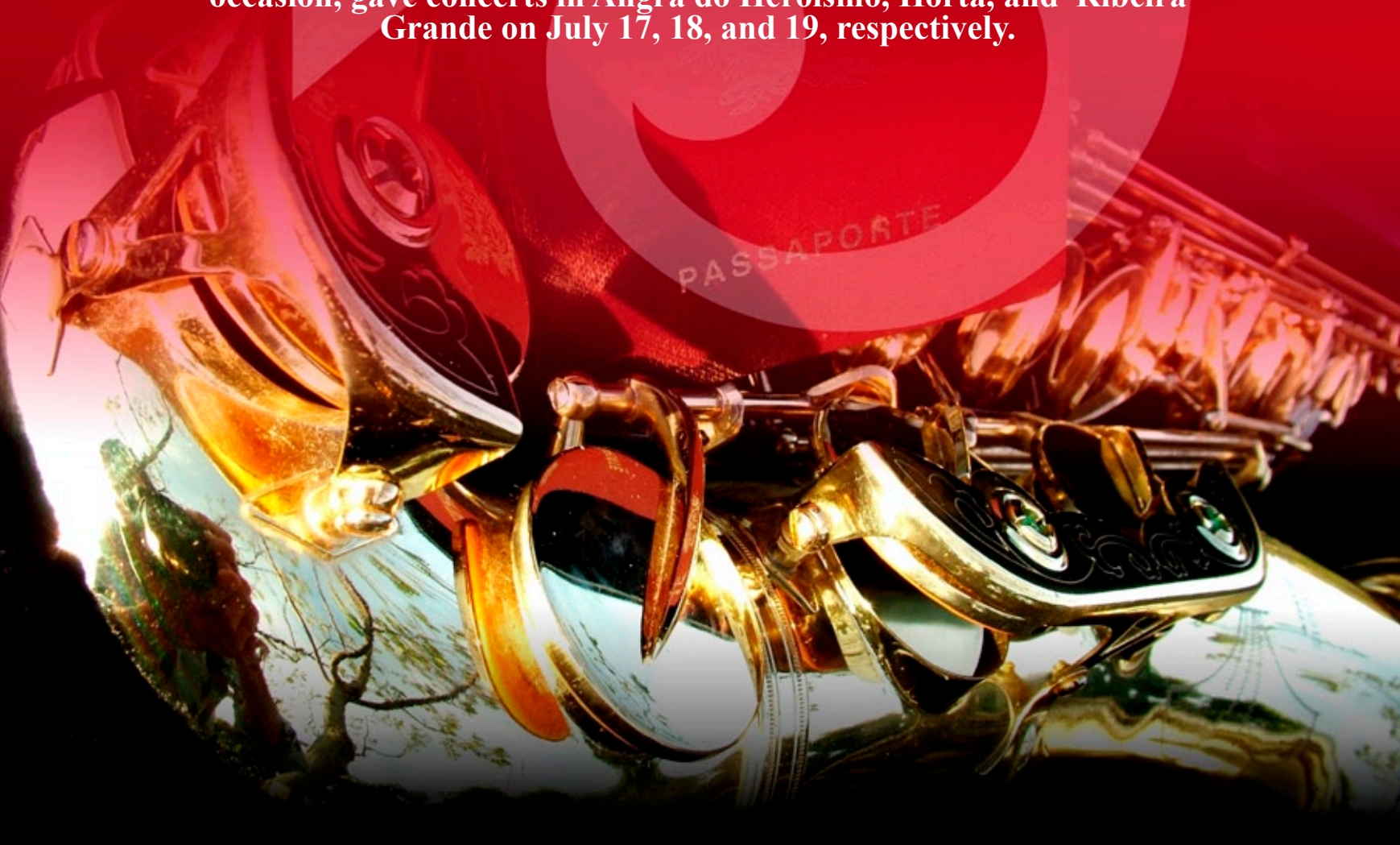


mú*s*ica em viagem

Música em Viagem reuniu instrumentistas da diáspora açoriana (América, Brasil e Canadá) com açorianos. Realizaram concertos nas cidades de Angra do Heroísmo, Horta e Ribeira Grande (17, 18 e 19 de Julho/09, respectivamente).



A series of concerts called *Música em Viagem* (roughly, *Music on the Roam*) featured instrumentalists from the Azorean diaspora in the US, Brazil and Canada, making rousing music with their Azorean counterparts. The group, especially gathered for the occasion, gave concerts in Angra do Heroísmo, Horta, and Ribeira Grande on July 17, 18, and 19, respectively.



música em viagem



música em viagem





ENTRE A ILHA E A SAUDADE (*Emoções de cão*)

Estava ele para ali, sentado nas escadas do pátio que, no tardoz da casa, era um dos seus lugares preferidos para saborear a quietude do mundo, em algumas horas do dia. Longe das vistas sisudas de quem não o conhecia de perto, era, naquele recanto do quintal, que ele dava largas aos restos da infância, sempre a palpitar em seu corpo de adulto. Entretinha-se, horas a fio, a reconstruir memórias com brinquedos esquecidos. E lá iam aparecendo nununs, cordas de folhadelim, espigas de cana para atrair aranhas, rodela de carrilho para carros de bois, contas de conteira mansa, vagens de tremoceiro para moinhos. E até, nascidos de nacos das respectivas matérias-primas, tomavam forma os duendes do seu sonhar acordado. Um pão, uma piorra. A pistola de estopa, com o canudo de sabugueiro e respectivo êbolo de acácia. Uma funda. E a primeira metade de umas castanholas. E havia a Pantufa, um terrier de estimação, ladina, e inseparável companheira em tais andanças de menino.

Naquele dia, porém, o inusitado sossego do bicho preocupou-o. Chamou-a da sombra donde não se levantara. Atirou a bola, que ficou a saltitar em frente aos olhos entristecidos da cadela. Foi, então, que subiu do estômago um nó que se lhe alojou na garganta. Como quando era criança, sentiu medo de que aquela manhã estivesse no fim.

É um dia igual aos outros, quando morro.

Porque nunca a minha boca se abriu para importunar as conversas, pensei que, neste dia, o melhor seria provocar a queda de uns simples versos sobre a estrada branca que hei-de percorrer, só, e dentro de ti.

Nem fica discurso em demasia, por respeito ao teu visceral desprezo pelos que brincam às palavras sem dizer seja o que for, no jogo cruzado de preencher lugares que não lhes pertencem. As palavras – como sempre desejaste que o meu ladrar tivesse sido – devem escorrer no tempo exacto, segadas a talhe de foice, e oferecidas no espaço exíguo da oportunidade. De outra forma, iria estatelar-me na mesma pecha de que Teixeira de Pascoais te acusou: “Abusamos do verbo, como do álcool...”. (Desculpa lá o ter metido o focinho por aqui, em absoluta perversão das tuas normas. Eu, cão, a citar mortos...)ⁱ Vem isto ao propósito de te dizer o que segue.

Estou feliz porque, com o meu viver, pratiquei o bem possível. Ao fim e ao cabo, quem me criou, assinalou-me com o propósito de vos ajudar a sentir que têm um coração de criança que pode durar novo até ao fim. Respondo por mim, neste justificar do meu orgulho de vos ter sido pertença por largos anos. Apesar da surpresa triste de vos deixar no cedo desta manhã linda da ilha, levo a alegria de ter partido a tempo de vos poupar outras ralações e dores. Por mais paradoxal que soe e pareça, decidi morrer no tempo certo. Sempre acreditei que vida de cão é de existência moderada. Acabou-se. O que é literalmente tomado, como pensa meu dono sobre coisas que, às vezes, diz, e de que não quer arrepender-se. Não fica nada de mim, absolutamente coisa nenhuma, porque não me resta descendência. Apesar de que, o não ter deixado prole tenha sido exactamente por vontade própria. Compreendo que, como sói dizer-se, criá-los, aos cachorrinhos, teria sido oneroso, sobretudo em terra onde não há quintais, e não se pode andar à solta. Porém – e têm de reconhecer que fui sempre frontal (Nem rabo tinha para o esconder entre as pernas!) –

ⁱ *Ele sempre a avisara para que nunca armasse em intelectual, repetindo-lhe, vezes sem conta, que as citações eram só para alguns, e raríssimos, bichos. (Nota do narrador da primeira parte)*

se o livre arbítrio a mim se aplicasse, não sei o que teria decidido. Eu era muito bonita, pelo que, talvez, teria valido a pena ter deixado um ou dois herdeiros da minha linha. Até porque pretendentes, mesmo aqui na ilha, não me faltaram...

E a ti, meu amo, e à minha dona, que não vos desfaleça o contentamento de viver, pois me deram o tempo e o espaço que me cabiam em destino, tornados realidades possíveis através da vossa disponibilidade. Devo dizer que vocês, os dois, me ofereceram o tratamento merecido em vida. Só tenho boas recordações – o que não acontece a tantos da nossa espécie, e a muitos mais do vosso género. Mas, que diabo, em hora de adeus, temos que ser mutuamente justos. Eu também fiz o meu real papel. Fui boa cadela e companheira. Fiz-te a vontade, quase sempre. Pronto, já sei que nunca venci o raio da inclinação de pular em cata de *table food*. E – acreditem! – eu sentia-me tão miserável se me rendiam à condição do meu antepassado bíblico. Farejar debaixo da mesa não está inscrito no meu ADN. Preferi a dignidade do segundo dia da criação. Cadela feliz, fui também saudável; com excepção do percalço que nos separou deste agora até outra vez. Ajudei no stress. Dispersei tensões. Congreguei atenções. Desculpem se dei algumas dores-de-cabeça. Sabem que essas foram só de cão. Eu aprendi que as outras enxaquecas, as de humana origem, são, de facto, o diabo. Agora, sem mim, olhem... Não sei... Cão, só posso dizer “desenrasca-te”. Já quase no fim da minha voz, aproveito para chover no molhado – o de vocês, claro! – que, pelos vistos, não secará: humanos bichinhos, vocês continuam a distorcer o vosso destino natural de serem felizes! Dêem-lhe as voltas que quiserem, que vai tudo no mesmo. Nós acabamos por ser mais naturalmente felizes.

Amiga, eu, cadela tua sempre disponível, agora só te poderei valer de memória adoçante. E eu que tinha um ror de lembranças para aqui contar... Pois é... A saudade que ainda vais cantando com os teus amigos, em arrastar de dedos por riba da viola, é um pouco este descontentamento satisfeito de memórias que eu levo comigo. No entanto, e nesta natural pressa de me apagar do dia e me entregar à noite, quero dizer à minha dona que com ela me senti ainda mais humana – no dizer americanizado do André. Nunca mais esquecerei o nosso choro em comum. Quando me dizias “Chora! Chora!”, nem sei como, eu ria e lacrimava ao mesmo tempo, num uivar de ternura. Ou será que chorava mesmo, adivinhando coisas, como isto que agora nos aconteceu? Não dizem que, quando uivamos, se arrasta o mau feitiço para mais perto? Acredito mais no que pensaste, ou seja, que provavelmente encontrei a toada por via das partidas e chegadas de que tanto ouvi falar. Cantava e chorava contigo, minha dona. E aquele uivo era uma mistura do que, no fundo, vocês também são: alegria insatisfeita, satisfação entristecida. Nesta ânsia de memórias, percebo que a vida é isso mesmo: o que eu te deixei na alma e que te vem aos olhos quando o coração se aperta... “Deita a lourinha!”, dizias. E eu, num gesto aprendido de repetições, deixava cair a cabeça no teu ombro. Porque a ternura não se explica, ficávamos assim até ao instante da tua preocupação seguinte. E eu esperava. E tu não poderias esperar mais nada de mim. Claro que sempre tiveste coração para cães. Vejo-te, agora deste lado, com pouco mais de um ano de idade, segurando, para a fotografia que já virou sépia, um daqueles rafeiros pequerruchos (são todos lindos, não são?) que teu tio João te oferecera. No pano de fundo do teu crescer, perdura a imagem de canarinhos-da-terra-amarelos-de-gema-de-ovo, pombos-de-papo-de-vento, coelhas-brancas-de-olhos-vermelhos, galinhas-poedeiras-que-papá-fazia-adoecer-pelas-festas-para-se-comer-com-arroz, uma-gata-cor-de-ferrugem-e-desconfiada-coitadinha. E cães, com corpos de maior tamanho, destinados a viverem até ao dia em que fossem necessários. Ficou-te nas veias o amor pela nossa simplicidade de bichos. Não complicamos. Não excluímos. Convivemos.

E assim foi: cheguei numa quase noite de um dos dias de Natal. Fui-te surpresa, encurtando, desde logo, um daqueles momentos de introspecção, quando o silêncio te grita mundos e fundos na alma. Oferecida pelos teus filhos, rolei, novelinho de lã, para o teu colo, em *jingle bells* de risos, fitas e guizos, à boa maneira de *gift da* terra onde vives. Tu sorriste, em recordação escondida da tua infância. Afinal, eu vinha continuar a vida de outro que te desaparecera, era ainda muito cedo no teu tempo. E logo gostámos

um do outro. E tenho que reconhecer a vossa paciência. Oh, meu Santo Antão! Muito mijo, e mais coisas, limpaste... Risquei móveis, roí pés de cadeiras, acordei vizinhos. E até te levei a polícia à porta porque, desde pequenina, me quiseste habituar a dar de corpo no quintal. Eu, então, desatava a ladrar para tudo o que se movesse. Só que – e tiveste que aprender – as leis do *city hall* não permitem que se ladre antes das sete da manhã. Aprendi a portar-me bem. E adorava aquele quintal daquela nossa rua. Ali respirava-se, ainda, um pouco do quase-nada de natureza que na cidade resta. Essa foi deveras a minha única habitação. Quando mudaram para a casa cercada, sabia que o fim estava próximo. Apercebi-me da muita preocupação nos sorrisos delicados dos novos vizinhos. E faltaram-me os pássaros e outras criaturas para quem eu me arrepiava, ladrando nesta minha fala que – eu sei, eu sei – nunca mudou de sotaque, e te ficou, para sempre, no ouvido interno da memória. Que te faça bom proveito, esta nesga de eternidade que para ti criei. E, mais tarde, na confusão do paraíso, bastará aquele teu assobio entre dentes, sibilado, para que se desvaneça, *ad aeternum*, esta sombra angustiada da separação. Muitas vezes, na serenidade do silêncio – quanto a mim, a melhor das conversas – falámos sobre esse e outros assuntos de terrunha escatologia. Animaizinhos no paraíso?! E tu rias porque, apesar da tua inteligência e razão super críticas, não encontravas, e não encontras, maneira de me descartar para uma qualquer geena de desperdícios. E eu, que não penso (Pensar para quê?), por instinto (Intuição para vocês, não é?) percebi como apreciavas os meus gestos de alegria simples. O modo como eu até conseguia controlar o mau humor de noites mal dormidas e dores impossíveis de explicar, nunca real e completamente revelado. Por exemplo, e talvez por ser *rat-terrier* puro, pelava-me por queijo. E quantas vezes não me apeteceu fazer como o malandro do Rex, aquele amigo três vezes o meu tamanho, e que eu tinha que aturar, quando a Teresa o despejava lá em casa. Algumas vezes vi eu, com estes olhos que agora se fecham, esse animal abocanhar a fatia do *São Jorge* de cima da mesa. E, depois fazia de contas que não era nada com ele. Eu, então, enfernizava-me de ciúmes. Reconheço que, e a propósito de questões comportamentais, embora nunca tenha chegado aos tais exageros do referido parceiro, não emendei este meu apetite devorador que ora se me fenece. Quantas vezes não me avisaste para não pular junto à mesa! “Tufa, *no!* Pára de *jampar!*” Lembras-te? E, se eu me quedava, só por vergonha que não por vontade, acabavas por dar-me uma migalhinha ensopada em mais outra cuspidela no focinho, com a implícita garantia de que, como tu, eu me estava a tornar bilingue no entendimento. Tinha cá um apetite! Mas nunca tirei nada da vossa toalha.

Não me cansarei de te agradecer os cuidados. Fui um cão rico, se comparado com a miséria que conheci durante as caminhadas que comigo davas, e mais adivinhei nas tuas conversas sobre os teus tempos de menino. E isso só nos seres de quatro patas, porque o resto, nem falar. Se entrasse agora por esse caminho de reflexões sobre o humano viver, deixaria estas linhas envenenadas de culpa. Agora que me fui, devo dizer-te que, se tivesse consciência, sentiria, talvez, remorsos pelo modo como fui tratada. Mas passemos em frente, que este é assunto da maior delicadeza, e, como vocês dizem, sem solução aparente. Claro que tem saída. Não é preciso maltratar os cães para solucionar os males do vosso mundo. Anda é tudo desequilibrado e mal distribuído. Todas as vezes que me olhavas, com o pensamento em dúvida, apeteceu-me ladrar-te para a cara que não é por minha culpa que o vosso mundo anda mal. Desculpa, mas vocês tratam-se pior do que cães. E toda a gente sabe disso... Mas, agora, encostada ao canto da memória que me reservaste, não é caso para voltarmos a essa discussão que, algumas vezes, até chegou a azedar as nossas relações. Adiante, que me atraso em debruar este meu último aceno.

Gostei que tivesses deixado um pouco do teu coração a meu cuidado. Devo dizer-te que tu e a Lourdes me prestaram o devido respeito. E fica aqui o meu aviso, saído destes olhos que nunca saberás descrever: nos dias que vos restam, sigam, com um pouco de mais atenção, o vô dos pássaros em todas as cores do céu. E tu, lê, então, nos meus olhos, que eu sou unicamente um gesto, criatura feito, numa noite de natal. Um gesto eternamente criado e humanamente adquirido. Fui oferenda, e em oferta me tornei. Ainda antes de me comprarem, já eu me acercara do coração do Tiago, da Teresa e do André – nomes que eu conservo

na minha curta lista onomástica de canino. Fixei-os com a goma da ternura com que te apareci naquela noite. E, se todas as noites tiveram sentido porque vos vigiava o sono, aquela trouxe-me mancheias de estrelas. A dádiva é assim – tem sabor a troca e complemento. Pelo que me deves agradecer à infantil generosidade dos teus filhos. E abraça-me neles e na geração deles. O amor é tão simples como isto. Um gesto em permanência.

A propósito de gestos de maior grandeza, deixo-vos o da minha despedida. Aqui fico, neste punhado de terra, o teu ai-jesus do mar. E vou, felizmente livre da tristeza com que muitos dos teus se apartam da vida, exalando, como último suspiro, o amargo desejo de quererem voltar ao seu cantinho. Para recordação deles, aceito ficar. Por tal sorte, me aparto, pedindo que recebas este meu olhar agradecido. Ao meu jeito, como rosca em terra morna, vou dormir o sono da ilha. Por ti. E tão desejado.

Era o meio do verão. Na terra alta do Cabouco. Sempre sob o olhar silencioso da mulher, ele, escondendo, envergonhado, alguma lágrima de encontro ao chão, lá foi abrindo um buraco, cova feita por entre pedras e raízes. Ela cobriu o fundo com algumas folhas de conteira e ramos de incenso. Em estaca sobre o chão refeito, ficou a promessa do verde de uma hortênsia,

Soube-lhes mais a ternura o beijo, naquela tarde húmida de sol a pintar nas pedras pedacinhos de arco-íris.

JOSÉ FRANCISCO COSTA





MY CALIFORNIAN FRIENDS

Queen Nancy

Lord Holy Ghost of Whom I am a Brother
of Your Fraternity at Desterro. Bless
the abundance of the Californias – the meat the wine the bread
offered in the name of Your Terceira in the person
of this Queen of Atlantic festivities. Grasp
the altered code the silver tray the scepter the crown
the red vastness of her cape that is spread out on the pavement
the sequins the plumes the rhinestones in her crown
although You may be reminded of gaudy movie sets.
Rain down in tongues of light Your wisdom
upon Nancy ephemeral Queen of the Holy Ghost
in the consecration of the Promised Land of Happiness.
Reveal the full marvel and the supreme awe
of the triangle the circle the square and the mystery
of Your banner embroidered in flame-red and gold
and the enigmas written on the altar of Your Empire.
Accept that Nancy Queen just for today represents
in the pure wine in the white bread in the bull's blood
Eleusis' secret meanings wakened anew.
Receive the Queen of Your day of Your people.
In human truth I tell You she is the people
who crossed oceans and lands in a metal bird
all the way to the Pacific in search of genuine happiness.
Lord Holy Ghost protect this schoolgirl
her terrestrial pronouncements her maritime syntax.
Bestow Your blessing on her adolescent beauty
her graceful sway her smile her feminine perfection.

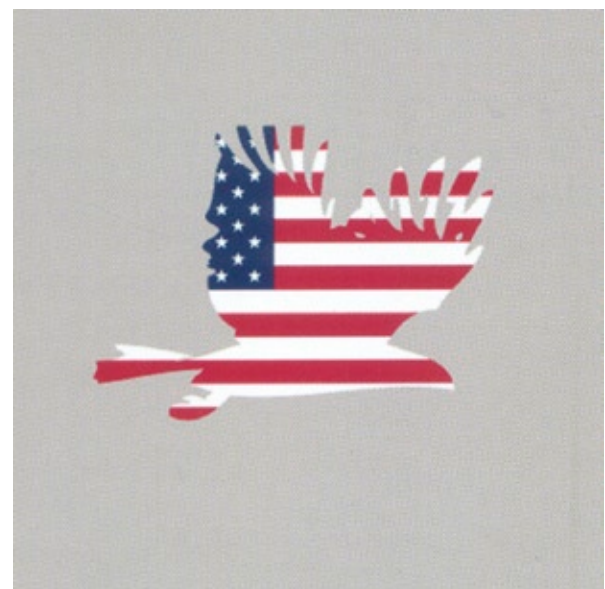
Above all relieve her pinched feet. Be not penitent
but on this day keep the gentlewoman
full of grace with You may she be blessed amongst women
for Nancy is Juno Gæa Mary Venus Maia Ceres.
Refresh with Your divine breath her overheated breast
may she not be bothered by perspiration or the weight of her regalia
may a light breeze touch her like a loving wind
entwine the ripe fruit that is a given with the foliage.
O Holy Ghost of Whom I am a Brother
of Your Fraternity at Desterro. I know that You will watch
over Nancy. But make the daughters in the Coronation
always sing the Paraclete and the jubilation of life. Understand
in Your infinite wisdom attempt to grasp their language
Holy Ghost my brother my Californian friend.

Artesia's patron

I know that times have changed Queen Isabel
And that California is the land of plenty
Of roses and oranges and suns of honey
Your prodigies of saint may not seem useful.

But in the middle of this prodigality
There are people who suffer
In the American way some necessity
Suffering the poor man's hunger
(that the Social Sciences call Socially Excluded).

Therefore Liberal Saintly Queen
Leave your altar take the freeway
Visit the most hidden of L.A.
Leave Artesia in search of the sublime rose
And even if you don't find the King
Transform the rose in the American way
Into hamburgers hot dogs enchiladas ice cream.



Native ode

Peoples of this time's pallid memories

Tribes of your old world, out of focus in the recollection
of a faded movie-frame of a film, with an intermission
for cherry brandy, codfish pastry, sunflower seeds
slack idleness on insular Saturdays

A world through Europe where I come, called new

Peoples from before my Californian Friends
yet friends in my heritage from the suixante-huitard
compromised with all their dormant chimeras

Amerindian Indian men with red skin
sons of those who crossed the Bering Strait
Ayisiyiniwok who were of the first race
Ojibway those who spoke the first tongue
Cattanhaws people of the Eastern mountain
Siksika-Saeketakix men of the Plains

Californians before there was a California
Yurok Wiyot Yuki Pomo Maidu
Patwin Miwok Wailaki Yokuts Mojave
Chemehuevi Cahuilla Modoc Shasta

With shorts and T-shirts "Made in Singapore" I recall
women incurably sterile in Yosemite Valley
in so naturally preserved a reservation that
not even the fruit of men's love can fit in it

I marvel at dwellings carved into the soft rock
the ruins of your selves, stubborn debris of your memory

Here I am a tourist of minuscule archaeologies
looking at the faded magic of shattered stones
that had been perfect pyramids in honor of gods
as perishable as all the other divinities

Here I tread with my impious feet in Nike sneakers
on the grass of the mounds that guard sacred enigmas
and the disintegrated bones of mute ancestors

Here I am strange and tranquil
with the excuses that I concede to myself
invading your silent and deserted underground kivas
like the barely contained desire of a peaceful pipe-smoking
wanting to attain your ineffable wisdom

Here I ruminate the recondite remorse of a penitent
who has applauded the westerns of John Ford
arrogant greedy pioneers
heroic childhood films from Hollywood

Here I plow up the land on which to find myself,
you lost your selves the endless early-rising fields
interminable rivers of a pure soul open to dugout canoes

In this dense silence of a California far from freeways
if only my ears might have been able to hear your drumbeats
your shouts your rhythms of despair
because the night presages bonfires of rage nightmares of blood
in a closed darkness where only a weary buffalo
drifts away from solitude and from awe

Through the rocky ravines there are no rapid hoofbeats
only desolation. They are already fleeing from themselves
those sons of your sons, through the downtown of assimilation

On the forges of the mountains sits a plot of unturned earth
while the recent lush productive orange groves
Are inhabited by your uprooted ghosts

A river of blood meanders
toward an indifferent Pacific
where it will be diluted in salt and despair

Neither the rain nor the hunt will ever again need
your enthusiastic moccasins

The Sun and Moon will never more dance the dance of enchantment
Perhaps one day I shall return from my old world
a European full of ideas and principles and civilized
and armed with all the universal official proclamations
without bitterness toward myself nor pity toward you
trying to sustain for an instant the beauty contained
in feathers that would have had to look out from behind rock piles

Perhaps one day a descendant of mine will come back here
freed from your invisible eyes
and intimately he will confess about you
without any possible remorse
redeemed by the power of one poem

VASCO PEREIRA DA COSTA

Trad. Katharine Baker & Diniz Borges
in: *MY CALIFORNIAN FRIENDS*

ed. Portuguese Heritage Publications of California, Inc., 2009



LUGARES

cidade de são paulo

(versão longa)

vou chamar-te amazónia de betão
sem qualquer pudor lírico sobre teu santo nome.
não te invoco em vão pois te acho linda
mega-cidade madura de caju e abacaxi
perfumada a café e jacarandá.

vou chamar-te amazónia de betão
como se o não fosses de verdade e o poeta viesse
para te cantar selvagem ao anoitecer da vida
com seus versinhos na malinha de mão
como quem acaba de se despir à sombra
do teu manto de pelúcia senhora da aparecida!

vou chamar-te amazónia de betão
com teus rios de asfalto onde desfilam
cavalos a motor e pronto.
não quero perder a ternura como qualquer virgem
desprevenida e só ou ficar sem jeito
desembarcada de uma chalana
que não te acostou porque nunca partiu.

vou chamar-te... afinal sorvedouro impune
dos nomes feios que conheço: prostituta gigante
violada e sempre requentada meu amor eterno
criminosa inocente de todas as mortes e fomes.
na cama é que eu te quero macho ou fêmea de água
cavalo égua em galope até tapioga.

me pega o olhar e me leva aos teus seios
onde beba a caipirinha do destino
pelo copo amargo da tua beleza senhora desaparecida!
ai mulher grafitada dos pés à cabeça
como índio condenado a morrer de poluição progressiva
como terminar esta xácara sem bem nem mal
para são paulo – apóstolo ferido em carne-viva?
não sou bandeirante que te cubra as feridas
com a bandeira da inocência.
mas se gritar ainda me ipirango de amor.

outubro, 2003

mazatlan

margarita de mazatlan
bebe-se gelada de um fôlego só.
vejo-a debruada de sal-gema
e procuro-a com avidez de gula.
as pernas de margarita são rios de sede
onde a boca navega na direcção da fonte.
marco os dentes na polpa do seu prazer.
a minha língua é uma iguana de disfarces.

no méxico um sombrero e margarita
fazem sempre muita falta.

abril, 1999

são francisco

ninguém sabe se são francisco gosta de hippies
ou não.
gosta de pássaros de flores no cabelo
e do seu irmão lobo.
anda de eléctrico com turistas
e no chinatown vende essências de fumo
para esconjurar os cheiros a cocaína.

canta na golden gate make love not war
e todos acreditam que alcatraz é um hotel
para poetas suicidas.
cisma que os sismos são falhas de santo andré
e que a califórnia é um deserto muito cheio de gente.
todo o ano é santo em são francisco e
por vezes o pacífico não é tanto.

ninguém sabe se gosta de hippies ou não.
são francisco é mais do que um estigma
gay abandonado no desconforto da história.

maio, 2001

ÁLAMO OLIVEIRA

in: *andanças de pedra e cal*
BLU Edições, 2009



ANTONIO RUBILAR FERREIRA LEÃO,

catarinense do interior do Estado, vive em Florianópolis há mais de 40 anos.

Fotógrafo amador desde 1972, participante do grupo f8, dedica-se à fotos nos formatos regular e panorâmico

Adepto, desde o primeiro momento, da fotografia digital, inclusive adapta equipamentos para captura de fotos no espectro infravermelho (near infrared), ao qual se dedica.

É autor dos livros de fotografia “*Florianópolis, Outras Paisagens*” (2002), “*Serra Catarinense, Vidas e Formas*” (2005), ambos em parceria com João Pedro de Assumpção Bastos, e “*Florianópolis, Dois Olhares*” (2008) em parceria com Victor Carlson.

Publica também eBooks fotográficos na internet, além de manter uma página com fotografias variadas:

born in the interior of the state of Santa Catarina in Brazil, has lived in Florianópolis for over 40 years.

He has practiced amateur photography since 1972, taken part in the group f8, and devotes his time to photography in both regular and wide-angle formats.

A devotee of digital photography since its inception, he enjoys adapting equipment for near-infrared photography, a technique he has now devoted himself to.

He is the author of several books of photo collections: *Florianópolis, Outras Paisagens (Florianopolis and other Landscapes- 2002)*, *Serra Catarinense, Vidas e Formas (Santa Catarina Mountains: Lives and Shapes - 2005)*, both in conjunction with João Pedro de Assumpção Bastos, and *Florianópolis, Dois Olhares (Florianopolis: Two Views- 2008)*, co-written with Victor Carlson.

He also publishes e-books of photography on the Internet and maintains a website featuring several of his photographs:

www.pbase.com/arleao e email: arleaofotos@gmail.com















Governo dos Açores
Presidência do Governo
Direcção Regional das Comunidades